

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**INTERVENÇÕES INSULARES: AÇORES,
SANTA CATARINA E MALVINAS**
Viagens na Revue Des Deux Mondes

JEFFERSON AGOSTINI MELLO

FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA – BRASIL

1999

Intervenções Insulares: Açores, Santa Catarina e Malvinas Viagens na Revue Des Deux Mondes

JEFFESON AGOSTINI MELLO

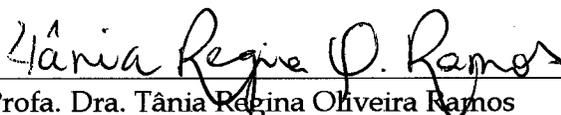
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária, e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof. Dr. Raúl Hector Antelo
ORIENTADOR



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



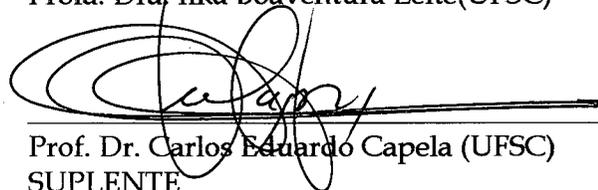
Prof. Dr. Raúl Hector Antelo (UFSC)
PRESIDENTE



Profa. Dra. Vera Lins (UFRJ)



Profa. Dra. Ilka Boaventura Leite (UFSC)



Prof. Dr. Carlos Eduardo Capela (UFSC)
SUPLENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**INTERVENÇÕES INSULARES: AÇORES,
SANTA CATARINA E MALVINAS**
Viagens na Revue Des Deux Mondes

JEFFERSON AGOSTINI MELLO

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito à obtenção do grau de Mestre em Literatura.

Prof. Dr. Raúl Hector Antelo
Orientador

FLORIANÓPOLIS

1999

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

Uma hora, para o francês, o Franco-Condado era terra dos seus avós, outra não era; num dado momento, a Alsácia não era, depois era e afinal não vinha a ser.

Nós mesmos não tivemos a Cisplatina e não a perdemos; e, porventura, sentimos que haja lá manes dos nossos avós e por isso sofremos qualquer mágoa?

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista.

Lima Barreto, O triste fim de Policarpo Quaresma

À Hivy, minha companheira em todas as viagens

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo amor e afeto constantes; pela paciência nas horas difíceis; pelo suporte em todos os momentos “destas viagens”; pela liberdade e apoio em todas as minhas escolhas; pelas iniciações e diálogos.

Ao Raúl, pelas leituras atentas e iluminações precisas durante a orientação desta dissertação. E, sobretudo, por ter, com dedicação e paciência, possibilitado esta primeira e fundamental etapa do meu percurso intelectual.

Às família Damásio e Araújo, pelo incentivo constante e pela amizade.

Aos amigos Cláudia e Rafael, pelos diálogos “iluministas”, pelas leituras em comum e, muitas vezes incomuns, e pelas doações e empréstimos.

Ao Eduardo Riaviz, pelas intervenções lacanianas.

Aos Cursos de Letras e de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, onde conclui, respectivamente, a graduação e o mestrado, e aos seus professores que foram fundamentais na minha formação.

Ao COMUT da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, por proporcionar o acesso ao *corpus* desta pesquisa.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Na segunda fase da colonização do Novo Mundo, que poderíamos denominar europeia (não mais portuguesa e espanhola mas francesa e inglesa), a *Revue des Deux Mondes*, órgão divulgador da expansão capitalista no século XIX, publica três relatos de viagens sobre ilhas. O espaço insular, por ter limites bem definidos, ao contrário do deserto ou da floresta, apresenta-se mais propício para o controle ocidental. Por outro lado, apresenta-se, também, como um espaço onde podem ser vislumbrados modos de vida opostos ao europeu e capitalista. A ilha, portanto, para estes viajantes, transforma-se em um espaço a partir do qual se visa ora ao aperfeiçoamento da própria civilização ocidental ora à instalação de um outro tipo de sociedade, limpa de todas as mazelas, onde o modo de vida baseado nas utopias socialistas, como por exemplo, na de Charles Fourier, substitui a lógica capitalista da propriedade.

Com efeito, estas duas maneiras de conceber o espaço insular aparecem nas páginas da *Revue des Deux Mondes*, ao mesmo tempo que dialogam com outros textos literários também interessados tanto no espaço colonial quanto nas ilhas. Esta dissertação, portanto, pretende ler, em três momentos, estas narrativas de viagens sobre espaços insulares relacionando-as com outros textos literários e com a pintura impressionista.

Em um primeiro momento, analiso um relato sobre o arquipélago dos Açores no qual o território insular serve de espaço para as experiências científicas da metrópole. Depois, no segundo capítulo, trabalho com um relato sobre a Ilha de Santa Catarina, de 1860, no qual o espaço insular apresenta-se como a contra-face da civilização ocidental e, a partir do conceito de heterotopia (contra-lugar) de Michel Foucault, relaciono-o com as poéticas “de viagem” de Baudelaire e Cruz e Souza e com a pintura de Édouard Manet. Em seguida, elaboro o diálogo de um relato sobre o deserto das Ilhas Malvinas com o espaço e o sujeito contemporâneos, tendo como base *América* de Jean Baudrillard, *Vendredi ou les limbes du Pacifique* de Michel Tournier e a teoria das massas d’*A ilha dos pingüins* de Anatole France.

ABSTRACT

In the second period of the New World colonisation, which one could call European (no more Portuguese or Spanish but French and English), the *Revue des Deux Mondes*, an organ of propaganda for the capitalist expansion in the nineteenth-century, publishes three travel writings about islands. The insular space, because of its well defined limits, in opposition to the desert or to the forest, is easier to be controlled by the occidental powers. On the other hand, it represents, also, a space where one can imagine ways of life in contrast to the European and capitalist one. Thus, the island for these travellers becomes a space from where one searches for both the development of the occidental civilisation itself and for another kind of society, clean of all kinds of predicaments, where a way of life, based on the social utopias like Charles Fourier's, replaces the capitalist logic of property.

In fact, these two manners of conceiving the insular space appear in the *Revue des Deux Mondes* pages, and, at the same time, interact with another literary texts, also interested both in the colonial space and in the islands. These dissertation, therefore, intends to read in three moments these travel writings about insular spaces connecting them to another literary texts and impressionists paintings.

In the first place, I analyse a travel writing about the Açores islands, in which this territory serves for metropolitan scientific experiments. After that, in the chapter II, I work in a travel writing about the Island of Santa Catarina, from 1860, and, using the Michel Foucault's concept of heterotopie (counter-place), I connect it to the travel poetics of Baudelaire and Cruz e Souza and to the Manet's painting. Following, I construct a dialogue of a travel writing about the Malvinas Islands with the contemporary subject and space, based in Jean Baudrillard's **America**, Michel Tournier's **Vendredi ou les limbes du Pacifique** and the mass theory of Anatole France's **L'île des pingouins**.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO: PREPARATIVOS PARA A VIAGEM	01
<i>Parte I O corpo</i>	01
<i>Parte II O olhar</i>	20
CAPÍTULO I - ILHAS MODERNAS: MICROCOSMOS DA METRÓPOLE	34
1.1 <i>Invenire/Intervenire</i>	40
1.2 <i>Açores: A primeira viagem</i>	42
1.3 <i>A ilha e o tubo</i>	45
1.4 <i>Post-scriptum insular</i>	49
CAPÍTULO II - OUTRAS ILHAS MODERNAS: HETEROTOPIAS	54
2.1 <i>Itinerário</i>	54
2.2 <i>Baú de pirata</i>	56
2.3 <i>Do mar às ilhas</i>	59
2.4 <i>Paraisos artificiais</i>	67
2.5 <i>O poeta como anjo</i>	73
2.6 <i>Dans la lumière de Rio</i>	77
2.7 <i>Da ilha à Urbe</i>	85
CAPÍTULO III - INSULARES PÓS-MODERNAS	102
3.1 <i>Aproximações</i>	102
3.2 <i>Paisagem e vertigem</i>	106
3.3 <i>Falta a falta</i>	114
3.4 <i>Goza!</i>	117
3.5 <i>A Última parada: cidades horizontais</i>	124
4. BIBLIOGRAFIA	137

INTRODUÇÃO: PREPARATIVOS PARA A VIAGEM

Parte I - O corpo

A dualidade da arte é uma consequência fatal da dualidade do homem. Considerem isto se lhes apraz, a parte eternamente subsistente como a alma da arte, e o elemento variável como seu corpo.

Charles Baudelaire¹.

O corpo, ou o *corpus*, pode ser pensado a partir de Baudelaire e de sua leitura da modernidade como o elemento errante da arte, aquele que permite arriscar interpretações, leituras, pois não se encontra sob a égide imóvel e sublime da alma, sob o controle de uma verdade absoluta. Enquanto parte débil da arte, ele se constitui em um espaço para experimentações, para viagens, para encontros e desencontros. O corpo, portanto, levando-se em conta o caráter ambíguo da modernidade, constitui o efêmero, justamente o que passa, mas que também não pára de passar. Assim, tal como todo perambular de um corpo, toda escolha de um *corpus* pressupõe desvios, e muitas vezes equívocos e acidentes. No caso deste trabalho, entretanto, tratou-se de um feliz equívoco, o qual, derivado de um acidente, permitiu a armação de uma rede inesperada de significações, uma série de passeios, efeitos diferidos dos quais resultam esta dissertação.

¹ In. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. Extraído do seu estudo sobre a obra de Constantin Guys, *Le peintre de la vie moderne*.

O acidente

O referido acidente data de fins de dezembro de 1996, quando um temporal inunda o setor de periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina e, dentre as revistas e jornais atingidos está uma coleção incompleta da *Revue des Deux Mondes*, revista francesa de literatura e política fundada nas primeiras décadas do século XIX, cuja importância para o Brasil decorre, sobretudo, do fato de se ter constituído num instrumento da segunda fase da colonização europeia na América Latina, da colonização material francesa e inglesa² e, portanto, num meio de intercomunicação entre o mundo colonial recém-emancipado e os centros financeiros e industriais do período.

Neste sentido, a *Revue des Deux Mondes*, divulgadora dos relatos de viagens dos mensageiros das companhias europeias (estatais e privadas) sobre o continente americano, constitui uma poderosa fonte de pesquisa interdisciplinar sobre a fundação e a identidade dos estados nacionais, não só latino-americanos mas também europeus. Compreendendo a importância deste periódico, e na esperança de salvar alguns exemplares, o meu orientador nesta pesquisa empreenderia, por conta própria, a restauração dos volumes atingidos. Nesta operação, defronta-se com um texto, um relato de viagem de um almirante francês sobre a Ilha de Santa Catarina que, suspeita, estaria vinculado à experiência da fundação de um falanstério fourierista, entre 1842 e 1845 na península do Saí, não distante, por sinal, da própria Ilha de Santa Catarina³. Tal texto, com efeito, serviria para o cruzamento das idéias socialistas utópicas de Fourier com o relato de viagem e, conseqüentemente, para a constatação da existência de uma *outra* sorte de viagem e de espaço coloniais, apontando, ao mesmo tempo, para o caráter ambíguo da própria *Revue des Deux Mondes*, a priori partidária e divulgadora oficial das idéias capitalistas da época. Contudo, após a recuperação e devolução dos exemplares recuperados à biblioteca, este relato que deveria figurar entre 1831 e, no máximo, 1840, acabou desaparecendo⁴.

² Ver capítulo I.

³ Há, sobre a experiência do Saí, um breve estudo de Raquel S. Thiago, *Fourier: utopia e esperança na Península do Saí* (Blumenau, FURB, 1995).

⁴ Em minhas idas à Biblioteca Central da UFSC, o funcionário responsável pelo setor de periódicos me informou que, devido ao pouco uso da revista e a problemas de conservação e espaço, ela teria sido provavelmente eliminada do setor, ou seja, posta fora.

Havia, no entanto, a possibilidade deste relato ser procurado em outras instituições que possuísem a revista⁵. Segundo o COMUT da nossa universidade, através do seu sistema de busca (IBICT), havia apenas uma coleção completa no Brasil, a da Câmara dos Deputados de Brasília, sendo as demais incompletas. Depois de pesquisas em Porto Alegre, no Museu Hipólito José da Costa e na biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não encontrei nenhum relato de viagem sobre a Ilha de Santa Catarina publicado entre 1831 e 1840.

O Equívoco

Além das viagens que eu próprio empreendera à Porto Alegre e ao Rio de Janeiro em busca do relato de viagens em questão, o meu orientador, da sua parte, em cada uma das suas viagens de estudo, insistia na procura, nas bibliotecas das universidades por onde passava, do até então enigmático texto da *Revue des Deux Mondes*. (Contudo, depois da pesquisa realizada na Biblioteca Nacional, cresceu-nos a suspeita de que o texto seria de uma data posterior). Assim, aproveitando uma viagem de trabalho a Belo Horizonte, à UFMG, e sabendo que ali, ao contrário do que indicava o COMUT, havia uma coleção completa da *Revue*, resolveu folhear exemplar por exemplar, desde a primeira publicação, até encontrar, na edição de 15 de janeiro de 1860, o texto propriamente dito.

Desta forma, sendo o texto posterior a 1860, não faria mais sentido a hipótese inferida, ou seja, a de ter ele conexão com a experiência de fundação do falanstério do Saí. Entretanto, tratava-se de um relato autobiográfico, “Souvenirs d’un amiral”, resultado das viagens empreendidas pelo almirante Jurien de La Gravière nas primeiras décadas do século XIX e, tal como suspeitado, não deixava de estar vinculado à idéia da ilha como utopia, como fuga da civilização; fato que, em última análise, mostrava o caráter ambíguo da própria *Revue*, divulgadora, a princípio, dos ideários da colonização capitalista.

⁵ A partir de 1999, a *Revue des Deux Mondes* encontra-se disponível no “site” *Gallica* da Biblioteca Nacional da França ([www.bnf](http://www.bnf.fr)), na Internet.

Enfim, as suspeitas não eram tão infundadas. O equívoco, como se fosse um ato falho, acabaria derivando para uma rede de textos que corroborariam a evidência de que dentro da *Revue des Deux Mondes* haveria um viés preocupado com a contra-face da exploração colonial, onde o espaço do outro apareceria como uma promessa de felicidade, uma ilha encantada, frente aos avanços do capitalismo na Europa. Porém, não apenas a Ilha de Santa Catarina, mas também a ilha evocada por Baudelaire em “Invitation au voyage”, poema de *Les fleurs du mal*, coletânea de poemas publicada em primeira mão, antes da edição em livro, e cinco anos antes do relato de viagem do almirante La Gravière, na *Revue*.

Em 1877, Charles Mazade escreve um texto em homenagem a François Buloz, fundador oficial da *Revue des Deux Mondes*⁶, falecido em 1874, no qual assinala a filiação liberal do pensamento deste e a sua busca por divulgar todas as vozes das gerações pelas quais passou. Trata-se, em certo sentido, de um resumo do ideário da revista, onde traça em algumas páginas tanto o caráter e as preferências do proprietário do empreendimento quanto sua linha editorial durante aquelas quatro décadas de existência. O que se destaca, de fato, é o argumento de que, antes de tudo, a *Revue* é um órgão pluralista, a cara de seu comandante, o qual, de acordo com Mazade, “n’avait nullement à coup sûr l’esprit exclusif qu’on lui a si souvent prêté; il n’y avait point cette étrange idée de faire de la *Revue* une sorte de citadelle inaccessible ou fermée à tous ceux qui n’auraient pas le mot d’ordre. C’est précisément le contraire qui est vrai. Il n’y avait pas d’homme moins exclusif que lui. Toutes les tentatives sérieuses avaient la chance de trouver auprès de lui un accueil hospitalier⁷”.

Entretanto, apesar do seu liberalismo, do seu não exclusivismo, Buloz teria restrições sérias a qualquer sorte de radicalização. Ou seja, era um liberal dentro dos códigos estritos da civilização e da tradição, e assim deveria ser sua revista. É por isto

⁶ “Le fondateur de la *Revue des Deux Mondes* - François Buloz”. In. *Revue des Deux Mondes*, XLVII^{ème} année, 3^{ème} période, 21^{ème} vol., 1^{er} juin, 1877. p.481-512. Segundo Mazade, em fevereiro de 1831 fora oferecido a Buloz, por um colega de colégio, M. Auffray, a sociedade em uma revista que este acabava de adquirir. “C’est là l’origine réelle de la *Revue des Deux Mondes*, qui ne naissait pas sans doute matériellement ce jour-là, qui avait été fondée dès 1829 et s’était même déjà transformée en prenant le titre de *Journal des Voyages*, mais qui n’est devenue une chose sérieuse que par cette association du 1^{er} février 1831 à la faveur de laquelle François Buloz faisait le premier pas dans la carrière.” p.483. Como vemos, desde a sua origem a revista é atravessada pela literatura de viagens e, portanto, pela preocupação com o espaço do outro.

⁷ Idem. p.492

que, na mesma página em que argumenta que Buloz abria um campo bastante largo para que todas as liberdades legítimas do espírito pudessem se reproduzir, Mazade escreve que “lorsque vers 1840 Mme [George] Sand inclinait de plus en plus vers le radicalisme, il n’hésitait pas. Après avoir essayé de la retenir, il refusait de la suivre, d’ouvrir la *Revue* à des oeuvres d’une inspiration toute révolutionnaire⁸.” Como vemos, todo escritor que desafiasse a doxa da *Revue* corria o risco de perder o emprego. Neste sentido, não há, aí, uma circulação livre de todas as tendências, pois, de acordo com as palavras de Mazade, Buloz não gostaria que a revista fosse considerada uma “maison banale, appartenant indistinctement à tout le monde, et où pouvaient entrer tous les excentricités, les prétentions, les fantaisies qui se donneraient pour du talent⁹.”

Ora, estes comentários emitidos por Mazade não se encontram em contradição com o que estávamos pensando em analisar na *Revue des Deux Mondes*, a saber, uma série de textos de conteúdo excêntrico, fantasioso, quando não revolucionário, que atravessaria, embora timidamente, a linhagem liberal-conservadora predominante? Restar-nos-iam, no entanto, mais perguntas a fazer: como uma coletânea de poemas como *Les fleurs du mal* chega a ser ali publicada? Ou ainda, como pode ali circular um relato de viagens que vislumbra uma ilha não como ponto de extração para o capital europeu mas como o próprio paraíso terrestre? Ou, então, de que modo entram nas páginas da *Revue* artigos comentando as obras de Fourier, Owen e Sainte-Simon e as experiências práticas dos seus discípulos? O meu argumento é de que estes textos constituem não uma utopia, mas uma heterotopia¹⁰, um contra-lugar, dentro do próprio espectro capitalista e liberal-conservador da *Revue* e, portanto, concebem o colonial como o espaço do radicalmente outro. Esta concepção, por sua vez, contribui para o questionamento dos próprios modelos da civilização ocidental.

Assim, devido, talvez, à ambição de Buloz por dar conta de todo o pensamento intelectual francês e europeu, estes textos excêntricos acabam sendo publicados, ou então, sendo referidos na *Revue* através da voz de algum crítico. Porém, não aparecem

⁸ Idem. p.493

⁹ Idem. p.496

¹⁰ Conceito elaborado por Michel Foucault que corresponderia a um contra-lugar. Um lugar dentro da civilização mas onde reinaria uma ordem outra. Foucault cita como exemplo as casas de prostituição, os asilos, os hospícios, os jardins. Este conceito é utilizado amplamente no segundo capítulo e encontra-se

sem severas restrições por parte dos editores e redatores. No caso de Baudelaire, por exemplo, lemos a seguinte nota preventiva no pé da página: “En publiant les vers qu’on va lire, nous croyons montrer une fois de plus combien l’esprit qui nous anime est favorable aux essais, aux tentatives dans les sens les plus divers. Ce qui nous paraît ici mériter l’intérêt, c’est l’expression vive et curieuse même dans sa violence de quelques défaillances, de quelques douleurs morales que, sans les partager ni les discuter, on doit tenir à connaître comme un des signes de notre temps¹¹”. Com efeito, a mensagem não deixa de evidenciar o caráter da revista, ressaltando, ao mesmo tempo, o não exclusivismo, como vimos, caro a Buloz. Outro dado interessante da nota é o fato dos redatores assinalarem a sua divergência quanto ao que será lido em seguida e, nesse sentido, se absterem de discutir ou partilhar as idéias do autor; o que, a rigor, seria a mesma coisa que dizer que, como os poemas não fazem parte do universo sério, eles só servem a título de ilustração para que o leitor conheça também as idéias fantasiosas e sem sentido. Portanto, a coletânea de poemas entra por seu conteúdo exótico, de expressão curiosa, viva, um contra-lugar, uma ilha, no espaço homogêneo da *Revue*.

Todavia, um texto publicado alguns anos antes por Louis Reybaud, parte da série “Socialistes Modernes¹²”, não fora precedido de nenhuma nota preventiva. Embora Mazade tenha escrito que Buloz estaria aberto a todas as idéias de moderação liberal e fechado apenas “à l’esprit de parti ou de secte, aux utopies et aux vanités despotiques¹³”, o texto de Reybaud é uma análise minuciosa das teorias de Fourier e, ao mesmo tempo, um elogio à inventividade deste. Antes de começar a introduzir o leitor no mundo de Fourier, seu comentarista avisa: “notre intention n’a pas été, ne pouvait pas être d’initier nos lecteurs à tout le système de Fourier: ce serait impossible et inutile; la route serait trop longue, et ils ne nous y suivraient pas. Qu’ils aient une idée nette de l’ensemble de la théorie et de ses principes génératifs, c’est tout que nous avons voulu.” Como podemos notar, trata-se de uma empreitada que, além de disseminar as idéias socialistas, pretende fazer com que elas fiquem claras ao leitor. Outro dado interessante é o fato de Reybaud

em dois trabalhos de Foucault: em “Des espaces autres” (conferência de 1967 publicada em *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 1994) e em *Les mots et les choses*.

¹¹ *Revue des Deux Mondes*, XXV^{ème} année, seconde série de la nouvelle période, Paris, 1855. p.1079-1093.

¹² *Revue des Deux Mondes*, quatrième série, Tome douzième, 1837. p.455-487.

¹³ Op.cit. p.482

não elaborar julgamentos negativos a respeito da obra de Fourier. Crítica, é obvio, a falta de método, precisão e clareza da *Théorie des quatres mouvements*, mas não sem tecer, em seguida, um elogio. Segundo Reybaud, “Fourier touche à toutes les sciences, exactes ou naturelles, avec autorité, avec supériorité; il touche à la littérature par une foule de citations ingénieuses, à l’histoire par les peuvres qu’il y puise, à l’industrie par des observations pleines de portée et de sens; aux mathématiques par les déductions sévères qu’il leur emprunte, à la philosophie par un système d’agression constante qui témoigne clairement qu’il l’a interrogée sous tous ses aspects¹⁴.”

De fato, o que impressiona Reybaud é a erudição de Fourier, a construção de seu texto, e não a aplicação prática dos seus preceitos. Esta o comentarista rejeita, pois para ele, “de quelque côté que l’on porte le regard, à quelque race que l’on s’adresse, on rencontre partout, dans l’état social d’un peuple, une fixité ennemie du changement, un éloignement profond de tout ce que ressemble à une expérience. Toute civilisation est une masse; elle résiste par son poids¹⁵.”

Em última análise, diríamos que Fourier e Baudelaire entram na *Revue des Deux Mondes* por serem “absolument modernes”. Além de se situarem como contra-lugares textuais dentro do espectro liberal-conservador dominante na revista, suas produções fazem parte das viagens modernas que dissipam e intoxicam a ordem civilizatória homogênea e que colocam os espaços coloniais como uma imagem antecipada do paraíso terrestre, ou seja, conjugam o efêmero (os sons, os perfumes, os tóxicos, as bebidas, as paisagens do outro) com o sublime da modernidade, a promessa de felicidade terrestre.

¹⁴ Idem. p.461

¹⁵ Idem. p.456. Em um texto que publicará cinco anos mais tarde na *Revue*, “Des idées et des sectes communistes” (tome trente-unième, quatrième série, 1842, p.5-47), um longo estudo sobre as idéias comunistas desde Platão, Reybaud rejeitará completamente qualquer tentativa comunista de mudança, pois, segundo ele, geraria uma ditadura não da propriedade, mas do coletivo, havendo, ao mesmo tempo, o apagamento da política, da sociedade e do indivíduo. Diz ele, seguindo a lição liberal de Buloz, contrária a qualquer radicalidade, que “les communistes n’admettent ni demi-mesures ni demi-succès; il faut que la société capitule, se mette à leur discretion. Hors de là, il n’y a de place que pour les discussions oiseuses.” p.28. Porém, a sua crítica do pensamento comunista é veemente sobretudo no que tange à falta de atenção ao trabalho intelectual e aos sentidos mais elevados do indivíduo: “dans aucune charte communiste, il n’y a de place pour les travaux de la pensée. La production brute, les besoins physiques y règnent despotiquement: les créations délicates, les satisfactions raffinées n’y figurent que dans des conditions subalternes. On ne les reconnaît pas formellement, c’est tout au plus si on les tolère.” p.33-34. Daí decorre a abstenção do nome de Fourier em sua crítica, uma vez que o complexo

Como veremos, esta ambigüidade moderna aparece em uma citação do próprio Reybaud sobre Fourier. Nela, poderemos observar de que modo as idéias de Fourier, através de Reybaud, constituem um *lugar outro* no seio da revista e, ao mesmo tempo, veremos como o espaço projetado por ele e lido por seu comentarista, além de ser bastante semelhante ao de Baudelaire de “Invitation au voyage”, evidencia o par sublime/efêmero da modernidade:

“...si sévères que nous voulions être vis-à-vis d’un esprit supérieur, nous ne pouvons disconvenir que cette profusion de gracieux tableaux, que ce cercle confus et passionné de créations naïves, joyeuses, inattendues; que ce désordre charmant, cette incohérence de surface, qui sont une faute chez le savant, ne deviennent un titre réel pour l’homme d’imagination et pour le poète. Les couleurs de ces paysages sont si fraîches et d’un effet si neuf, il y a tant d’éclat et tant de verve dans ces Géorgiques idéales, qu’on s’abandonne, malgré soi, au flot descriptif, sans regretter l’appui moins fragile d’une démonstration sérieuse. C’est de l’idylle répandue à côté de la philosophie, du Théocrite près du Platon¹⁶.”

A paisagem descrita na citação acima nos remete a um espaço outro onde se combinam desordem, confusão e ingenuidade com charme, quadros graciosos, cores e paisagens frescas, estes últimos, materiais culturais, efemeridades provenientes das explorações coloniais. E o resultando de tudo isto, desta profusão de cores, paisagens e efeitos é uma espécie de paraíso textual. Neste sentido, mesmo sem se tratar de uma citação do próprio Fourier, o leitor se sente atraído pelas imagens evocadas, e ele mesmo se abandona à leitura do texto de Reybaud.

Já em outro comentário, escrito por Ferrari e publicado mais tarde na *Revue des Deux Mondes*¹⁷, Fourier é ironizado, visto pelo autor como um louco, um mágico, um ser cujas idéias são fruto da Idade Média. No entanto, o que chama de “hallucination

programa deste, além da impossibilidade de ser posto em prática, levaria em conta as paixões individuais, as sensibilidades, as manias, a cultura (a música e a comida), atreladas a um deus coletivo.

¹⁶ “Socialistes modernes”, op.cit. p.468. Em “Invitation au voyage” (*Les Fleurs du mal*. op.cit.) lemos: “Des meubles luisants/ Polis par les ans/ Décoreraient notre chambre;/ Les plus rares fleurs/ Mélant leurs odeurs/ Au vagues senteurs de l’ambre,/ Les riches plafonds,/ Les miroirs profonds,/ Le splendeur orientale,/ Tout y parlerait/ A l’âme en secret/ Sa douce langue natale.” p.1087. Temos, portanto, a mesma presença de objetos - em Reybaud as cores e as paisagens evocadas por Fourier, em Baudelaire, as flores, os espelhos, os perfumes - e a mesma idéia de idílio.

poétique” do utópico será analisado à risca em um longo artigo que objetiva traçar o percurso das idéias de Fourier desde a origem, e no qual a crítica mais veemente não será ao pensador mas aos seus seguidores, que, além de desrespeitarem as idéias do mestre, acabaram “vendendo suas almas” à civilização. Comenta Ferrari que “les disciples, en hommes positifs, se rapprochaient du sens commun, mais ils tombaient dans la plus grossière des contradictions; ce n’étaient pas même des disciples, c’étaient des croyants égarés qui prenaient la rédemption du phalanstère pour un progrès démocratique¹⁸”.

Contudo, o mais interessante neste texto de Ferrari é a relação amor/ódio do autor à obra de Fourier, observável em várias passagens. Há, sob este aspecto, uma em especial, na qual percebemos a mesma chamada de abandono ao texto proferida por Reybaud, apesar de ironicamente o comentarista chamar a atenção para o par genialidade/loucura presente na obra do “mágico”. Nos livros deste, escreve Ferrari, “on reconnaît à toutes les pages le génie de la folie: Fourier ne démontre pas, il commande, il raille, il éclate de rire, son style est d’une netteté étonnante, tout cède à sa parole magique.” Porém, em seguida, coloca o comentarista: “si on l’étudie attentivement, il magnétise, et le lecteur est poursuivi de milles visions burlesques, de mille tableaux comiques; jamais on n’a mieux senti ni mieux décrit la vie vulgaire¹⁹”. Portanto, por mais que despreze o autor, por mais que o chame de louco, Ferrari não deixa de louvar sua genialidade, incompreendida por seus discípulos. Ele próprio, caso leiamos o texto, é magnetizado pela leitura do utópico.

Além disto, embora permeados pela ironia ou pela sátira, é importante pensarmos que comentários como estes de Ferrari e Reybaud terminam, por bem ou por mal, servindo de meio de propaganda ao pensamento socialista de Fourier e de toda uma vertente de escritores “fantasiosos”, como o próprio Baudelaire que, dez anos mais tarde, seria publicado pela *Revue*. Neste sentido, deveríamos ler, do mesmo modo, as críticas e as leituras destes comentaristas enquanto incidências de um pensamento outro no universo liberal-conservador da revista. O que, em última análise, não contradiz os

¹⁷ “Des idées et de l’école de Fourier depuis 1830”, XIV^{ème} année, nouvelle série, Tome XII^{ème}, 1845. p.390-434.

¹⁸ Idem. p.412

¹⁹ Idem. p.409

dois mundos evocados no título do periódico; não obstante saibamos que o segundo dos mundos será sempre o pior, o menos aconselhável aos leitores.

Com efeito, estaria aí uma justificativa para que este segundo mundo, intuído a partir de um acidente e de um equívoco, o mundo do espaço do outro e dos textos utópicos e excêntricos, figurasse exatamente no segundo capítulo desta dissertação. Outra justificativa seria a de que ele se apresenta como um desvio, ou seja, uma segunda etapa desta viagem empreendida através dos textos cujo primeiro capítulo, entretanto, deve dar conta da direção oficial da *Revue des Deux Mondes*.

No que se refere ao *corpus* do primeiro capítulo, este foi encontrado depois do relato de J. de La Gravière sobre a Ilha de Santa Catarina, não obstante decorra deste texto. Digamos que como fios conectores dos dois textos teríamos, em primeiro lugar, o tipo de espaço sobre o qual eles versam, a saber, o espaço insular e, ainda, o órgão em que são publicados: a *Revue des Deux Mondes*. A primeira hipótese, portanto, corrobora a segunda e, ao mesmo tempo, uma hipótese maior: *através dos relatos insulares, sobre espaços precisos, mais facilmente controláveis, perceber como se condensam, se metaforizam, os desejos da modernidade, em especial a francesa e, conseqüentemente, de que modo o espaço colonial do outro aparece representado pelo olhar destes viajantes e escritores que publicam na Revue, imprensa do pensamento liberal mas que, entretanto, de acordo com o diretor Buloz, deve abrigar todas as idéias em voga.*

Assim, se no segundo capítulo analisamos o *détour* dos relatos que representam o pensamento capitalista e civilizador da revista, textos de viagem e de literatura que pensam o espaço do outro como uma alternativa ao império capitalista, julgamos oportuno dar conta, no primeiro, do olhar do viajante que vislumbra o espaço alheio enquanto sustentáculo do próprio regime metropolitano, preponderante na revista.

Para tanto, conviria retomar o texto de Mazade sobre Buloz. De acordo com aquele, após dois anos de posse da revista, Buloz já conseguira conquistar os mais brilhantes colaboradores, escritores românticos como Vigny, Musset, Sand, Dumas, e seus críticos. Estes, Sainte-Beuve e Gustave Planche, “ralliés des premiers, représentaient la critique nouvelle, vivante, curieuse ou réfléchie, et au besoin vigoureusement armée, à côté des poètes, des romanciers et des historiens²⁰.”

²⁰ Op.cit. p.485

A citação acima demonstra a preocupação da *Revue des Deux Mondes* em estar de acordo com as idéias majoritariamente em voga em cada época. Assim, caso a moda fosse o romantismo, se elegeria um grupo de escritores de acordo com este movimento e, juntamente, com eles, os críticos que melhor os acolhessem. À medida em que o movimento e os escritores estivessem ultrapassados a regra seria convocar outros eleitos, seguindo assim a marcha do tempo. Sobre isto, escreve Mazade: “à côté de ces aînés des générations nouvelles, à défaut de ceux qui disparaissent, qui se fatiguent ou se dispersent, les nouveaux-venus commencent à se presser²¹”. Nesse sentido, a revista pode ser lida como a representante do pensamento oficial da França e do Ocidente, a “porte-parole” do império. Assim, se dos anos 30 aos 50 ela fora de inspiração romântica, a maioria dos estudos de Sainte-Beuve na *Revue* datam dos anos 30, mais tarde, na segunda metade do século, ela deveria abandonar esta lógica e engajar-se nas que estavam por vir.

Portanto, se mais uma vez prestamos atenção nas palavras de Mazade, vemos nelas a emergência de um outro tipo de visão, não só política como também literária. À visão romântica de Sainte-Beuve e Planche, contemporânea aliás da concepção de literatura mundial de Goethe, substitui o pensamento positivista inspirado sobretudo em Darwin, Spencer e Taine. Em outras palavras, o conceito de evolução e progresso literário, articulado à ciência natural, à teoria da evolução das espécies animais e vegetais, entra no lugar da biografia de autor de Sainte-Beuve. Por isso que Mazade escreve que, como se fossem plantas, “les nouveaux-venus commencent à se presser”. Ao comentar esta mudança de ponto de vista da crítica literária francesa, Paul Bourget pensa que Taine não deveria ser chamado de crítico, apesar de ter elaborado ensaios precisos e agudos sobre Saint-Simon e Balzac. Segundo Bourget, “il suffit de comparer ces pages à celles que Sainte-Beuve a écrites sur les mêmes sujets, pour constater la différence entre les procédés d’anatomie psychologique d’un chercheur qui voit dans la littérature un signe, et la méthode proprement critique d’un juge au regard duquel la production littéraire est un fait souverainement intéressant par lui-même²².” Percebemos claramente, a partir desta citação, a virada que se opera na concepção do texto literário: de produção de esfera superior ele passa a simples documento, sintoma de uma época.

²¹ Idem. p.487

Assim, ele desloca-se do centro, *sobre* o qual se pensa, à periferia, *através* da qual se pensa. Se, como afirma Bourget, Sainte-Beuve abunda em distinções, em sutilezas, no sentido de notar a mais fina nuance, Taine, ao contrário, se esforça por simplificar: “le personnage qu’il considère ne lui est qu’un prétexte à démonstration. La grande affaire est pour lui d’établir à son endroit quelque vérité très générale et d’une importance qu’il estime très supérieure²³.”

Com efeito, esta concepção evolutiva dos movimentos literários, ao ambicionar o sistema, buscar uma coerência entre as produções de um contexto e, portanto, não se contentar com as filigranas de uma produção individual e particular, acaba perseguindo um verdade geral. E, conseqüentemente, para alcançá-la, terá que lançar mão de uma lógica que compare a literatura com um contexto maior, a própria natureza. Porque a literatura não é causa, mas efeito, e o objetivo não é pensar o material, e sim a causa natural que o determina. Compara-se, da mesma forma, uma produção literária com outra para provar a origem em comum, determinada *a priori* pela natureza, de cada uma delas. Neste sentido, já que regida por uma lógica superior, a literatura poderia ser, inclusive, pensada como as outras ciências. Em um texto de 1893, “Os estudos da literatura comparada no estrangeiro e na França”, Joseph Texte explicita o programa:

“Se as literaturas podem ser comparadas, em certa medida, às espécies animais, pela natureza de sua evolução, é preciso pois, estudá-las mediante um método análogo, bastante específico e profundo, capaz de explicar a complexidade dos fatos aos quais se aplica. E este método só pode ser, como todo método científico, o método comparativo, ponto de ligação entre ciências tão distantes quanto a anatomia e a gramática, a zoologia e a lingüística, a patologia e as ciências humanas²⁴”.

Estaria aí, portanto, a fundação do que hoje se entende como Literatura Comparada, cujo nome, por sinal, aparece pela primeira vez na própria *Revue des Deux Mondes*, ironicamente, em um texto de Sainte-Beuve sobre J.-J. Ampère. Porém, será a partir de outro colaborador e futuro diretor da *Revue*, Ferdinand Brunetière,

²² *Essais de psychologie contemporaine- études littéraires*. Paris, Gallimard (Tel), 1993. p.128

²³ *Idem*.

²⁴ In. *Literatura Comparada - textos fundadores*. Org. Eduardo F. Coutinho, Tania Franco Carvalhal, Trad. Maria Luiza Berwanger da Silva, Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p.37

reverenciado por Texte, que a literatura comparada de cunho evolucionista ganhará terreno²⁵, ditando o modelo oficial da revista e, como veremos mais tarde, imperando na escolha dos relatos de viagem que ali circularão. Assim, a negligência da história, das lutas sociais e das trocas culturais e a aplicação estreita de um ponto de vista baseado nas ciências naturais, observável na colocação de Texte²⁶, moldarão o olhar do viajante sobre o espaço colonial.

Entretanto, na própria letra de Brunétière e no direcionamento que dá à crítica literária podemos intuir o lugar, ou melhor, o não lugar, da literatura colonial no seio da revista. Porque a comparação evolucionista pressupõe, por um lado, a eliminação dos dejetos, do que não está à altura das formas mais elevadas e evoluídas da natureza e, por outro, a elevação do que é mais puro na literatura, “natural”, de um povo²⁷. Em outras palavras, há limites para o que se compara. Se há um mapa sobre o qual se olha, ele possui fronteiras bem traçadas e o comparatista sabe onde deve se deter. É justamente isto que critica Fernand Baldensperger quando aborda o método de Brunétière. Segundo aquele, a obra crítica deste último demonstra um desejo crescente de subordinar a

²⁵ Segundo a *Enciclopédia Italiana* repertório oficial do fascismo de Mussolini, cuja concepção é evidentemente evolucionista, Brunétière fora professor da École Normale Supérieure e mais tarde colaborador e diretor da *Revue des Deux Mondes* (1895). Juntamente com o conhecimento aprofundado da literatura francesa, nos informa a *Enciclopédia*, Brunétière possuía uma vastíssima leitura das filosofias e ciências; a influência do transformismo darwiniano e do evolucionismo spenceriano é evidente na sua teoria dos gêneros literários que nascem, se desenvolvem, decaem e se transformam.

Curiosamente, esta entrada não se encontra na francesa, e pós-estruturalista, *Encyclopaedia Universalis*.

²⁶ Sobre o abandono da questão histórica temos que levar em conta o que diz Claudio Guillén em *Entre lo uno y lo diverso* (Barcelona, Crítica, 1985) a respeito dos comparatistas do fim do século XIX. Para estes, assegura Guillén, “la literatura de un país era así una variedad biológica, una subespecie de literatura universal, y al comparatista le respondía elucidar las fertilizaciones recíprocas y otros injertos que unen esas subespecies y originan sus cambios, hibridaciones y crecimientos. p.53

Como se pode notar, os cruzamentos se dão como se substâncias fossem transportadas através do vento, naturalmente, sem levar em conta as questões culturais subjacentes. Neste sentido, para Texte (op.cit.), “como as espécies em história natural, as literaturas não possuem limites precisos, penetram-se mutuamente e transformam-se umas em outras, em virtudes de leis misteriosas ou, pelo menos, mais definidas. Há como uma matéria que escorre sucessivamente em formas diversas, sob modos infinitamente variados, em cérebros inteiramente diferentes e que, passando de um a outro, leva consigo cada vez um elemento novo e um princípio ativo”. p.37

²⁷ Há, neste caso, uma visão biológica da nação. Guillén (op.cit.) argumenta que os comparatistas adotaram o internacionalismo e o sincretismo românticos a duas tendências predominantes: “la insistencia en la caracterología nacional, y el prestigio de las ciencias biológicas.” Porque, segundo ele, “se creía que toda literatura existe, respira, crece y evoluciona como un ser vivo, con sus raíces hincadas en cierto subsuelo social y cierta idiosincrasia nacional.” p.53

história das literaturas particulares à história geral da literatura da Europa²⁸ e, neste sentido, o “seu mapa da história da literatura, por mais organizado que fosse, por mais móvel que pretendesse ser, era feito *de acordo com as obras mestras* e com as grandes correntes *atualmente memoráveis*.” Deste modo, seguindo a lógica de seu método, ele limitaria a literatura européia às “cinco grandes literaturas²⁹”.

De fato, o argumento de Brunetière advogará em termos de uma arte perfeita, bem acabada. É por isso que o Realismo e o Naturalismo, por exemplo, são execrados por ele. Tais escolas representam não uma oposição ao romantismo, mas um resto deste, o último estágio de uma espécie que fora gloriosa e que está em vias de extinguir-se para se transformar em algo melhor. Há uma série de textos que são publicados na *Revue des Deux Mondes* desde 1875 em que o colaborador, encolerizado, utiliza páginas e mais páginas para tentar exterminar com esta praga estética, degenerada, que é o Naturalismo de Flaubert e Zola, sendo este último escritor, a vítima principal dos seus ataques. Seria interessante, no entanto, lermos estas críticas a Zola e ao Naturalismo como uma negação de qualquer alteridade, ou seja, de qualquer expressão literária ou cultural fora dos estilos canonizados da Europa e, ao mesmo tempo, no tocante ao objeto que nos concerne mais diretamente, entendê-las como correlativas ao modo de olhar que o viajante europeu deve lançar ao outro colonial.

No primeiro texto da série, “Le roman réaliste em 1875³⁰”, Brunetière ataca Zola pelo fato deste ter uma pretensão sistemática em conturbar as regras eternas da arte, sobretudo no que tange à escolha dos seus temas, dos seus cenários e dos seus personagens. Ao trazer à cena temas sociais, histórias que se passam em fábricas e personagens marginais, operários, camponeses, delinquentes, Zola estaria denegrindo o sublime da arte. Em *Les Rougon-Macquart*, de acordo com Brunetière “l’auteur a dépassé tout ce que réalisme s’était encore permis d’excès. On imaginerait malaisément une telle préoccupation de l’odieux dans le choix du sujet, de l’ignoble et du repoussant dans la peinture des caractères, du matérialisme et de la brutalité dans le style. (...). L’humanité n’est-elle donc composée que de coquins, de fous et de grotesques? L’artiste

²⁸ “A palavra e a coisa”. In. *Literatura Comparada - textos fundadores* (op.cit.), trad. Ignácio Antônio Neis. p.80

²⁹ Idem. p.83.

³⁰ *Revue des Deux Mondes*, XLV^{ème} anée, 3^{ème} période, VXXX^{ème} vol., 1^{er} avril 1875. p.700-713.

a bien des droits, il n'a pas celui de mutiler la nature³¹". Como vemos, na concepção de arte de Brunetière, o outro não tem espaço, assim como não o têm as intenções de sátira política "qui devraient restes absolument étrangères à l'art".

Não se deve substituir, portanto, o ideal de arte pela realidade quotidiana, degradada, das indústrias, do mundo dos operários e loucos, em outras palavras, do "segundo" mundo, a partir do qual o primeiro se impõe. Por isto, ao concluir seu texto, Brunetière louvará uma arte sublime: " 'il y a des larmes des choses,' comme dit le poète, et nous pouvons entendre par là que la nature ne devient vraiment belle qu'à travers l'illusion de nos propres sentiments que nous transportons en elle, et qui lui communiquent cette puissance d'émotion dont le coeur human est la source unique ...³²".

Assim, poderíamos aventar que, em primeiro lugar, Brunetière nega Zola porque nega também o outro, o estrangeiro, justamente aquele que o romancista traz à cena. Porque se Zola e Flaubert lançam mão da teoria de Taine, do seu caráter científico e documental, é para elaborarem, via literatura, uma crítica social e saírem da torre de marfim do poeta romântico, partindo, com isso, para a observação e a transcrição do que lhes é estranho e marginalizado na sociedade. Neste caso, diríamos que o escritor realista se transforma em uma sorte de viajante, as suas pesquisas "literárias" funcionam do mesmo modo que as anotações em um diário de viagem. Porém, paradoxalmente, trata-se de uma viagem não científica; pois seu olhar não busca dissecar, separar e descrever o objeto à maneira positivista³³. A questão é, antes de tudo, chocar o leitor através da posta em jogo de um objeto que é fruto de um modo de olhar exacerbado, desfocado e, deste modo, supra-natural. Ou então, segundo o próprio Brunetière, impressionista. Sobre este olhar, ao criticar o teatro de Victor Hugo, com a intenção de através dele criticar Zola, o crítico escreve:

³¹ Idem. p.706

³² Idem. p.712

³³ De acordo com Bourget (op.cit.) "il est remarquable que les idées de Taine se retrouvent au fond d'un grand nombre d'oeuvres de nos artistes contemporains, parfois codifiées et nettement affirmées, d'autres fois voilées et comme fondues. Et il faut bien que ces idées s'accordent avec quelque intime besoin de ce temps, puisque les oeuvres qu'elles animent et soutiennent s'imposent à la vogue d'une façon quasi miraculeuse. L'esthétique des écrivains dits naturalistes est-elle autre chose que la mise en oeuvre de la maxime professée par Taine, à savoir que la valeur d'un ouvrage littéraire se mesure à ce qu'il porte en lui de documents significatifs, - documents humains, disent les chefs du groupe." p.150

“Disons seulement pour cette fois que le style de M. Victor Hugo, tel que nous avons essayé de le définir, suffisait, du moment qu’il faisait école, et conduisait inmanquablement du réalisme au naturalisme et du naturalisme à l’impressionisme. (...). C’est une langue, en quelque sorte matérialiste, qui rend les choses brutalement, telles que l’oeil les voit, telles que l’oreille les entend, tel que les nerfs les éprouvent, d’ailleurs sans jamais leur faire subir l’élaboration de la pensée³⁴.”

Neste sentido, o Naturalismo faz uso de Taine para reivindicar a pulsão, o instinto, o irracional, e colocar o escritor em contato com as coisas, sem passar pelas elaborações microscópicas e refinadas da arte sublime. A rigor, apesar dos próprios pintores impressionistas reivindicarem seus trabalhos como os mais próximos do real³⁵, ultrapassando a concepção da arte clássica, o que se dá nestes ensaios estéticos é, justamente, a ultrapassagem da descrição positivista e racional. Neste olhar que se fixa nos objetos, ou nos personagens humanos, a fim de depreender a sua essência, vemos, na incidência da luz sobre ele, a eliminação das fronteiras, a dissolução das linhas e, portanto, a impossibilidade de qualquer sistematização coerente e racionalizada. É este modo de olhar que é condenado por Brunetière, uma vez que, para ele, o outro só importa enquanto material científico quantificável, classificável³⁶ e, ainda, a ser utilizado em prol da civilização, para mostrar a sua superioridade, e não para criticá-la.

Além disso, para a crítica evolucionista, não se deve misturar imaginação e ciência, pois tanto o olhar científico deve ser imparcial, puro, quanto a imaginação deve

³⁴ *Revue des Deux Mondes*. “Revue Littéraire”, “Théâtre complet de M. Auguste Vacquerie”. XLIX^{ème} année, 3^{ème} période, 34^{ème} vol., 15 juillet, 1879, p.452-463. p.463.

Além dos dois textos de Brunetière citados até agora, mais três são interessantes para percebermos o direcionamento de sua crítica literária e o estado de guerra que mantém com o naturalismo. Todos os três são publicados na seção “Revue Littéraire” da qual ele é responsável: “Les origines du roman naturaliste”, LI^{ème} année, 3^{ème} période, XV^{ème} vol., 15 sept. 1881, p.438-450; “Le pessimisme dans le roman”, LX^{ème} année, 3^{ème} période, LXX^{ème} vol., 15 juillet 1885, p.214-225 e “La banqueroute du naturalisme”, LVII^{ème} année, 3^{ème} période, LXXX^{ème} vol., 1^{er} sept. 1887, p.213-224.

³⁵ No capítulo II detenho-me na análise de “Le déjeuner sur l’herbe” de Manet.

³⁶ Max Nordau, em seu *Degeneração* (*Degeneration*. Trad. sem menção, Lincoln, University of Nebraska, 1993), sustenta esta opinião com base, como vemos nas notas, no próprio Brunetière. Ao analisar o Realismo, este discípulo de Lombroso escreve que “o impressionista se coloca em relação a algum fenômeno apenas sensivelmente, como fotógrafo ou como sonoplasta, etc. Ele registra as vibrações dos nervos. Ele nega a si mesmo toda a compreensão elevada, a elaboração das percepções em conceitos, e a classificação dos conceitos em experiências. (...). O teórico do ‘milieu’, ao contrário, sistematicamente atribui importância maior não ao fenômeno, mas à sua conexão de causa; ele não é um sentido que percebe, mas um filósofo que se lança a interpretar e explicar de acordo com o sistema”. p.487. A tradução do inglês é minha.

conversar com as musas e não tentar imitar a natureza através da pura percepção. Max Nordau é claro no que se refere à divisão de papéis da ficção e da ciência. O ficcionista que intenta mesclar as duas, para ele, “está fazendo o que não é do seu ofício. Ao invés de criação artística ele quer nos dar ciência, e nos dá falsa ciência, uma vez que não suspeita das influências que realmente formam o homem”, influência estas que não se limitam ao contexto social dos personagens³⁷.

Entretanto, se a literatura, ou melhor, a ficção literária não deve meter-se com a complexidade científica, a Literatura Comparada, como vimos, deve basear-se sobretudo nos dados positivos obtidos a partir da observação racional das leis naturais³⁸. E, do mesmo modo, neste exame, lutará contra as formas decadentes ou restos para levar a humanidade ao seu progresso “natural”.

Ora, este mesmo direcionamento da crítica literária, rastreável não apenas na *Revue des Deux Mondes* mas no pensamento francês e europeu, cujo porta-voz é Brunetière, pode ser aplicado à própria literatura de viagens que a revista veicula. Com efeito, o relato de viagens, mescla de ciência, política e literatura, vislumbrará o espaço do outro da mesma forma que o crítico literário positivista. O território insular, neste caso, apresenta-se como um objeto a ser dissecado e apresentado à civilização.

Digamos, assim, que aos efeitos de compor o *corpus* da pesquisa, escolhi no primeiro capítulo um relato de viagem sobre os Açores, escrito pelo geólogo Ferdinand Fouqué. Nele, o outro, o espaço colonial, será vislumbrado através dos seus equipamentos de cientista: tubos de ensaio, barômetros, altímetros. Assim, diferentemente da autobiografia do almirante, não haverá neste relato espaços para digressões, vertigens, intoxicações. Porque caberá ao cientista proceder como se fosse um crítico literário: analisar, distanciar-se do objeto. Como, a respeito do método de Taine, nos ensina Paul Bourget:

³⁷ Idem. p.488

³⁸ Em “La banqueroute du naturalisme” (op.cit.), continuando sua eterna batalha contra este gênero, ou melhor, contra a alteridade, Brunetière se coloca como naturalista, aliás, como um verdadeiro naturalista: “en retirant sa faveur et son admiration à l’auteur des Rougon-Macquart le public les retirera-t-il à tant d’autres qui ne réussissent qu’aux mêmes conditions, par les mêmes moyens, et avec un peu plus d’habileté seulement que Zola? (...) C’est ce que je souhaite à mes contemporains, aisément consolé à ce prix de la banqueroute du *naturalisme*, ou plutôt, et *naturaliste* moi-même, trop hereux alors de la catastrophe, puisque, indépendamment de beaucoup d’autres choses, s’il en est une dont manquent surtout les romans de M. Zola, c’est de valeur *documentaire*, de naturel et de vérité, de vie et de variété.” p.224

“La méthode se trouve être la même dans les sciences dites morales et dans les sciences dites naturelles. Dans les unes comme dans les autres, c’est par une analyse qu’on doit commencer. Je suppose que j’aie à étudier la personnalité d’un écrivain ou d’un général; je ne procéderai pas autrement qu’un chimiste placé devant un gaz, ou qu’un physiologiste en train d’examiner un organisme.”

Mais adiante, veremos que será justamente o gás de um vulcão que há de impulsionar a viagem de Fouqué aos Açores. Porém, além do aprisionamento do gás dentro de um tubo de ensaio, leremos neste relato o aprisionamento do próprio espaço insular, e o apagamento, posterior, da voz de qualquer alteridade.

Por sua vez, o relato de viagem a ser abordado no terceiro capítulo, publicado logo no primeiro número da *Revue des Deux Mondes*, apresenta-nos um espaço insular que põe o próprio explorador em cheque. As áridas Malvinas, ilhas geladas do hemisfério sul, são a imagem do nada: nada a ver, nada a conquistar, nada a pesquisar. O viajante que ali chega não tem o que fazer, pois trata-se de um espaço onde nada frutifica, onde não há projeto. Ou seja, as ilhas Malvinas são a negação do projeto moderno de civilização. Procurei, portanto, entendê-las e, através delas entender a aventura de um viajante naturalista que ali se perde, à luz do que alguns críticos contemporâneos chamam de pós-modernidade, conceito articulado ao fim da nação, do social e de qualquer espécie de utopia no sentido moderno.

Trata-se, neste caso, de uma leitura que procura dar conta, também, do presente da recepção, ou seja, das viagens contemporâneas, e discutir o momento pós-colonial de apropriação do espaço alheio através de métodos mais pragmáticos, que procuram dar conta da conquista sem comprometimentos a longo prazo. O relato deste naturalista, René Primevère Lesson, com efeito, ajuda a entender este tipo de conquista, uma vez que as ilhas servirão apenas como um lugar de passagem, de extração e de abastecimento.

Mas o relato sobre as ilhas desertas, habitadas apenas pelos “inúteis” pingüins, também se desdobra numa ficção como *L’île des pingouins* de Anatole France, cuja crítica é justamente à falência do projeto moderno. Neste sentido, complementa esta

dissertação ao perceber o relato de viagem como documento da civilização que, em sua reverberação, produz também a auto-crítica desta. E, ironicamente, neste caso, através de Anatole France que entre 1887 e 1893 colabora em *Le Temps* e, ali, através de uma crítica literária impressionista se opõe ao dogmatismo de Brunetière, naquela mesma época prestes a tornar-se diretor da *Revue des Deux Mondes*.

Contudo, antes de iniciarmos a viagem através do *corpus*, precisamos esclarecer o tipo de viagem do qual lançaremos mão para percorrer estes textos, ou seja, devemos explicitar o olhar, os instrumentos críticos que nos acompanharão no percurso. Para tanto, examinaremos em seguida alguns estudos cujo *corpus* é composto também de relatos de viagem e, através deles, será mais fácil exibirmos o método de trabalho a ser adotado para ler as ilhas da alteridade.

Parte II- O olhar

Não sou simplesmente esse ser puntiforme que se refere ao ponto geométral desde onde é apreendida a perspectiva. Sem dúvida, no fundo do meu olho, o quadro se pinta. O quadro, certamente, está em meu olho. Mas eu, eu estou no quadro.

Jacques Lacan, *O Seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*³⁹

Nesta epígrafe, Lacan enfatiza o fato de o objeto dizer respeito ao sujeito, constituir uma parte deste. Quando relata a história do seu companheiro de pescaria, “Joãozinho”, que, ao olhar uma lata de sardinha no mar, exclama: “Tá vendo aquela lata? Tá vendo? Pois ela não tá te vendo não!”, Lacan sugere ao público do seu Seminário o contrário do que disse o seu parceiro: “Ela me olha, quer dizer, ela tem algo a ver comigo, no nível do ponto luminoso onde está tudo que olha, e aqui não se trata de nenhuma metáfora⁴⁰.”

A partir destas colocações de Lacan, poderíamos pensar que cai por terra o olhar positivista do sujeito que analisa friamente um objeto distanciado. Da mesma forma que, por parte do leitor, não há uma análise imparcial de textos. Porque o objeto lhe diz respeito, o objeto tem seu olhos: “O que a luz tem a ver comigo”, questiona-se Lacan, e afirma em seguida: “me olha, e graças a essa luz, no fundo do meu olho, algo se pinta - que de modo algum é simplesmente a relação construída, o objeto sobre o qual se demora a filosofia - mas que é impressão, que é borboteamento de uma superfície que não é, de antemão, situada para mim em sua distância⁴¹”.

Ora, o trazer à discussão esta tese de Lacan advém da necessidade de assumirmos a impossibilidade de um olhar “puro”, imparcial, em outras palavras, do olhar do viajante cientista que acredita trazer no seu diário a verdade sobre a paisagem, ou do olhar do crítico literário, um viajante através dos textos, que pensa desvendar a

³⁹ Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993

⁴⁰ Idem. p.94

⁴¹ Idem. p.95

intenção do escritor ou do viajante. Em última instância, no texto que este crítico lê estão seus próprios olhos.

Não se trata, entretanto, de desprezarmos os diários de viagem ou os trabalhos de um crítico literário. Trata-se apenas de, usando esta tese de Lacan como antídoto, nos prevenirmos da ansiedade de desvendar e colonizar textos e espaços achando que descobrimos sua essência última, sua verdade absoluta. A partir daí, ao menos, não conservaremos a crença em uma total cisão entre ficção e verdade pois conceberemos a barra que os separa como uma fronteira móvel, fluida, sem, contudo, abdicarmos das verdades *provisórias* que, através das nossas leituras de textos e espaços, poderemos destacar.

Assim, impossibilitado o deciframento da verdade do objeto, a questão talvez seja deixarmos que os próprios textos viajem, assumindo que parte de nós viaja junto com eles: os textos nos olham com nossos próprios olhos. Sob este prisma, somos também, de certo modo, colonizadores, pois obtemos prazer no controle da paisagem e dos relatos, embora este controle não seja racionalizado, medido. Não há uma distância entre nós e o que vemos, entre nós, sujeitos, e os objetos. Ou, dito de outro modo, nós somos a paisagem e os textos que lemos⁴², e eles, de sua parte, nos conquistam, nos puxam para seu encontro. Portanto, no limite, a alteridade é sempre parcial: textos, espaços e sujeitos são pedaços de nós mesmos. Apesar desta constatação, entretanto, o viajante e o crítico literário devem “fazer de conta” que o que vêem e o que constroem a partir da visão constitui alguma espécie de verdade. E, para tanto, apoiam-se em outros relatos que lhes dão as diretrizes do olhar.

No caso desta dissertação, lancei mão, a princípio, de três trabalhos cujos *corpora* eram, em sua maioria, constituídos justamente de relatos de viagem. Assim, levando a termo a parcialidade de toda a análise, o “faz de conta”, ou seja, a ficção a partir da qual ela se sedimenta, preferi destacar, de cada um destes estudos que em seguida analiso, os elementos que melhor auxiliariam no desenvolvimento das leituras que empreendi, e, em seguida, articulá-los com outras leituras não direcionadas para a questão das viagens mas que dariam suporte à minha armação teórico-ficcional.

⁴² Rimbaud diria “Je est un autre”.

Mary Louise Pratt e o Olhar Imperial

O primeiro dos trabalhos que li para compor meu “modo de olhar” foi *Imperial Eyes - travel writing and transculturation* de Mary Louise Pratt⁴³. Trata-se de uma releitura da história da colonização ocidental, através dos relatos de viagem. Inserido na chamada crítica pós-colonial, o texto em questão intenta desconstruir o centro a partir do próprio centro, ou seja, a partir de um dos *campi* situados na, hoje, “central” América do Norte⁴⁴.

A chave da leitura para os relatos que compõem *Imperial eyes* é fornecida pela autora já na Introdução. Segundo ela, “redundancy, discontinuity, and unreality (...) are some of the chief coordinates of the text of Euroimperialism, the stuff of its power to constitute the everyday with neutrality, spontaneity, numbing repetition. Porém, segue argumentando, “in recent years that power has become open to question and subject to scrutiny in the academy, as part of a large-scale effort to decolonize knowledge.” E, finalmente, diz para que veio: “this book is part of that effort⁴⁵.” Assim, o objetivo central de Pratt, como pudemos ler, constitui-se em questionar o poder imperial.

Com efeito, tal questionamento efetuar-se-á a partir do que Pratt denomina de os principais temas do livro, a saber, a viagem europeia e o relato de explorações, analisados em conexão com a expansão política e econômica da Europa cujo começo se dá por volta de 1750 com a expedição de La Condamine à América do Sul. Neste sentido, a autora empreenderá suas análises através de textos que datam das viagens não mais de portugueses e espanhóis - as viagens de invenção do continente americano - mas de “europeus”, ou seja, franceses, ingleses, alemães - viagens de intervenção⁴⁶ - para pensá-los como porta-vozes da empresa expansionista europeia.

Como já podemos verificar, Pratt acaba pensando a literatura de viagens como um instrumento mais de crítica social e ideológica do que de análise estética. Nas suas

⁴³New York, Routledge, 1997.

⁴⁴ Na Introdução, Pratt mostra ter consciência deste fato: “I have (...) sought ways to interrupt the totalizing momentum of both the study of genre and the critique of ideology. These projects are both anchored, as I am, in the metropolis; to concede them autonomy or completeness would reaffirm metropolitan authority in its own terms - the very thing travel writers are often charged to do.” Idem. p.5

⁴⁵ Idem. p.2

⁴⁶ No capítulo I, a partir de Edmundo O’Gorman e seu *A invenção da América*, explico a dicotomia invenção/intervenção relacionada às viagens europeias.

leituras, o próprio esteticismo é trabalhado sob o ponto de vista da crítica ideológica. Tanto os mais tradicionais relatos de viagem quanto os mais híbridos, i.e, as propagandas turísticas ou os testemunhos, transformam-se em ricos materiais para serem lidos ora como partidários do Eurocentrismo, ora como textos de resistência à conquista da civilização européia.

Apesar da crítica dual (opressores e oprimidos) que por vezes permeia o texto de Pratt⁴⁷, as leituras elaboradas a partir do que ela denomina de “análise retórica” não perdem em potencial. A autora interpreta minuciosamente a retórica das viagens, como se fosse um texto literário, e demonstra a lógica imperial ou de resistência que atravessa os relatos, historicizando cada um deles dentro de um largo espectro que vai de La Condamine a Paul Théroux. Com efeito, esta sua densidade crítica de perceber como o conquistador se coloca em relação à paisagem através da análise textual e o seu esforço de contextualizar os relatos, constituem, no meu ver, os pontos fortes de *Imperial eyes*; os que, por sinal, mais influenciaram meu modo de leitura dos relatos, sobretudo, do primeiro e terceiro capítulos.

De fato, as leituras de Pratt auxiliam na análise que faço do relato do geólogo Ferdinand Fouqué. Através das categorias do “vedor” (“the seing man⁴⁸”) e do “monarca que tudo vê” (“The monarch-of-all-I-survey”), criadas para examinar de que forma o viajante, aparentemente distanciado, inventa uma forma de dominar a paisagem e de traduzi-la aos leitores dos seus relatos, a autora fornece interessantes diretrizes para pensarmos a relação sujeito/paisagem no relato científico. No caso, por exemplo, da sua análise do texto de viagem de Richard Burton, *Lake regions of central Africa*, o qual abre a terceira parte do seu estudo, Pratt destaca a pintura verbal do viajante vitoriano, na qual o que pode ser pensado como um não-evento deve aparecer grandioso, justamente para entusiasmar a audiência da metrópole e traçar as coordenadas para a conquista “real” do território estrangeiro. Nas palavras da autora:

⁴⁷ Na Introdução mesma a autora tenta se vacinar contra a crítica dual através da adoção do termo Transculturação de Malinowski, elaborado no prefácio ao texto de Fernando Ortiz, *Contrapunteo cubano del tabaco y el azucar* (Barcelona, Ariel, 1993. cf. p.9): “In writing this book I have tried to avoid simply reproducing the dynamics of possession and innocence whose workings I analyze in texts. The term ‘transculturation’ in the title sums up my efforts in this direction.” Idem. p.5-6.

“The verbal painter must render momentarily significant what is, especially from a narrative point of view, practically a non-event. As a rule the ‘discovery’ of sites like Lake Tanganyka involved making one’s way to the region and asking the local inhabitants if they knew of any big lakes, etc. in the area, then hiring them to take you there⁴⁹.”

Ora, um idêntico processo de aproveitamento do conhecimento do outro sobre o terreno será adotado pelo próprio viajante geólogo Ferdinand Fouqué cujo relato constitui o *corpus* do primeiro capítulo. Mas, além disso, Pratt irá expor como Burton converte o conhecimento local em conhecimento nacional ou europeu, estratégia empregada também por Fouqué quando traduz a descrição do outro em termos científicos. No entanto, se Burton, como demonstra Pratt, estetiza a paisagem, Fouqué a cientificiza, porque a metáfora usada por este não é a da pintura, mas a da ciência. Portanto, se Pratt percebe na cena do “monarca que tudo vê” uma interação entre ideologia e estética, o que percebemos no relato de Fouqué é, antes, uma interação entre ideologia e ciência, seguindo, porém, a mesma lógica de conquista do espaço através da narrativa de viagem.

Porém, a crítica do olhar imperial elaborada por Pratt não servirá apenas para a análise destes relatos ditos “oficiais” ou “padrão”. Pois, lançando mão de um *corpus* ambicioso, a autora lerá, da mesma forma, relatos de viagens periféricos, questionadores da voz do centro. Tratam-se, segundo ela, de textos que moldados pela Europa acabam moldando a própria Europa: “while the imperial metropolis tends to understand itself as determining the periphery (...), it habitually blinds itself to the ways in which the periphery determines the metropolis⁵⁰”. Não há como deixarmos de notar, aí, uma implicação autobiográfica, uma vez que a própria autora é uma canadense nos Estados Unidos, “an Anglo-Canadian expatriate for whom the openings of the 1960s and 1970s coalesced in an attempt to sustain teaching, maternity, writing, parenting, institution-building, and domestic partnership in the United States⁵¹”. E, ainda, segundo ela mesma coloca, referindo-se à implicação pessoal no texto, em 1950, data de sua infância,

⁴⁸ Segundo a autora, “an admittedly unfriendly label for the European male subject of European landscape discourse - he whose imperial eyes passively look out and possess”. Idem. p.7

⁴⁹ Idem. p.202

⁵⁰ Idem. p.6

⁵¹ Idem. p. xii

“English Canada was still colonial”, “reality and history were somewhere else, embodied in british man⁵²”. Por isto, talvez, a identificação da autora com a crítica pós-colonial e com os textos que servem de porta-vozes desta, como os produzidos por negros, não-europeus, sujeitos de dupla nacionalidade e mulheres.

O que poderíamos questionar, entretanto, nestas análises dos textos periféricos, seria a centralidade que, paradoxalmente, lhes dá a autora, além da insistente ênfase na nacionalidade ou grupo étnico ao qual pertencem os autores dos textos. Ou seja, Pratt precisa o seu objeto, dá-lhe uma marca segura, imutável, que será sempre contrária à dos que detém o poder e, portanto, mais “justa”. Assim, sobre o texto que o explorador franco-americano Paul de Chaillu escreve, parodiando o estilo de Burton, Pratt dirá que Chaillu consegue tomar distância não apenas de si, mas do espírito colonizador, justamente por não ser nem europeu nem africano. O mesmo acontece com Camus, o franco-argelino, que junto com Joseph Conrad e o afro-americano Richard Wright, forma o exército dos denunciadores do poder imperial, “armados de papel e caneta”, espécies de cavaleiros da esperança, libertadores.

No caso, para os relatos produzidos por mulheres, “de gênero”, relatos também periféricos, Pratt parece dar a mesma centralidade. A autora lança mão do relato de Mary Kingsley, a qual, segundo ela, trata-se de outra voz que subverte o discurso do homem branco e europeu do norte, aportando, enquanto discurso feminino, o subterrâneo, a subjetividade, a contemplação noturna. Ora, o feminino aparece nas suas análises em oposição ao masculino, o que, a rigor, reforça as oposições binárias de gênero, assim como Wright, um não-europeu, ou melhor, um ser de dupla nacionalidade, constitui a contra-face do europeu branco do norte. Em outros termos, tanto Kingsley quanto Richard Wright estão no mesmo lugar discursivo, buscam lugares alternativos. A noite, portanto, parece boa para ambos, nela, assegura Pratt, se interrompe a alienação das reações entre aquele que vê e o visto, o sujeito encontra-se, aí, seguro de si. Esta análise que coloca o negro e a mulher no lado da noite e o homem no lado do dia pode incorrer em uma espécie de dicotomia radical, além de dar às vozes periféricas um sentido de pureza, de honestidade em relação à paisagem, como se fosse possível uma

⁵² *Idem.* p.1

desalienação completa. Em outras palavras, como se fosse possível não haver no objeto para o qual olhamos, mesmo que seja a noite, algo de nós, que a nós está alienado.

No sentido de não correr o mesmo risco de Pratt, ou seja, cair em uma crítica dual no momento de pensar as vozes descentradas, preferi andar por um caminho um pouco distinto. Partindo, entretanto, do mesmo pressuposto da autora de que as vozes do centro são permeadas pelas vozes da periferia, pensei a viagem do próprio europeu às colônias como *sobredeterminante* na constituição da cultura da metrópole. Trata-se, em suma, de perceber a própria viagem colonial como proliferadora de diferenças. Assim, apreendendo o texto de viagens em sua deriva, mostro como as vozes descentradas se produzem na viagem do centro à periferia, ou, por vezes, sem sair do próprio centro, através da leitura dos textos de viagem, como é o caso de Anatole France e seu *L'île des pingouins*, auto-crítica da metrópole baseada em um relato de viagem. Ou, então, como acontece com os textos que compõem o capítulo II, no qual articulo literatura, pintura e relato de viagens, mostrando como no cruzamento destes textos se dá o questionamento do olhar imperial.

Todavia, apesar das diferenças que possa haver entre as minhas leituras e as de Mary Louise Pratt, *Imperial eyes* acabou influenciando as análises de grande parte dos textos que compõem esta dissertação, sobretudo nos capítulos I e III. Neste sentido, poderíamos dizer que concretizou-se, em parte, o desejo da autora de que algumas de suas leituras, ou modos de leitura, sejam sugestivos para pessoas que estiverem pensando sobre material similar de outros espaços e lugares⁵³.

Outros olhares: Adolfo Prieto e a invenção do pampa; Flora Süssekind e a construção/corrosão do narrador

Entretanto, meu olhar para as análises empreendidas nesta dissertação foi composto, também, a partir de outros dois textos que têm como base a literatura de viagens: *Los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina - 1820 -1850*⁵⁴,

⁵³ Idem. p.11

⁵⁴ Buenos Aires, Sudamericana, 1996.

de Adolfo Prieto e *O Brasil não é longe daqui - O narrador; a viagem*⁵⁵, de Flora Süssekind.

Para início de conversa, diríamos que a tese central destes dois estudos seria a de que a nação enquanto discurso funda-se na intersecção dos textos de viagem com a ficção nacional. De sua parte, Adolfo Prieto intenta conceber a literatura de viagens como matriz de um cânon nacional, e/ou fundacional, da literatura argentina e, através deste cruzamento entre relato europeu e ficção crioula, o autor aponta para a não-essência da nação, para a origem forjada desta instituição. A partir do termo “americanismo”, o autor pensa a construção da América Latina, e principalmente, do pampa argentino, pelo olhar europeu. Dito de outro modo, Prieto analisa a intrincada relação de acontecimentos e paralelismos cronológicos através dos quais o relato de viagem de Humboldt contribui ao traçado de linhas de uma sorte de reinvenção ideológica da América durante as primeiras décadas do século XIX. Em suma, Prieto trata de investigar como um conjunto de textos de viajantes ingleses, escritos a partir da leitura do relato de Humboldt (*Personal narrative of travels to the Equinoctial regions of the New Continent during the years 1779-1804*) servem de base para a produção de uma série literária local cujo objetivo é, através da sua auto-invenção, inventar a própria nação.

O trabalho de Flora Süssekind, da mesma forma, perceberá como a literatura de viagens, em sua articulação com a ficção local, é um instrumento do qual se servem os literatos locais para forjar uma origem, uma identidade e uma nação, só possíveis, entretanto, a partir da fundação de um narrador nacional. Portanto, seu esforço intelectual consiste, de um lado, em investigar e datar a constituição de um narrador na prosa de ficção com base no diálogo entre os primeiros esforços ficcionais, dos anos 30 e 40 do século XIX, e seu próprio meio de veiculação (as seções de Variedades e as folhas recreativas da época), e de outro, entre este narrador e as formas literária (o relato de viagem) e pictória (os desenhos e pranchas dos paisagistas-em-trânsito), que parecem servir-lhes, nesse momento, de interlocutoras privilegiadas.

No entanto, à diferença de Prieto cujo estudo se restringe à primeira década do século XIX e prefere centrar-se mais na crítica ideológica do que literária, sem, no

⁵⁵ São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

entanto, afastar-se do objeto literário, Sússekind mostra como, da construção do discurso e do narrador nacionais por parte dos primeiros escritores locais, chega-se à uma corrosão destes, ou seja, à uma constatação, via discurso ficcional de que estes não passam de construções forjadas para se criar uma consciência nacional.

Porém, Sússekind exhibe este movimento a partir da própria estrutura literária, indicando como o narrador nacional passa por uma mudança radical no seu modo de ver. Assim, lançando mão da ficção de Machado de Assis, a autora explicita de que forma se dá a dissolução do olhar no narrador machadiano. Neste, comparado com o narrador do começo do século, não há “nada que lembre o olhar-de-cientista para paisagens e espécimes a etiquetar, como o dos viajantes naturalistas em expedições de estudo pelo país - aliás, ironizados diretamente, mas com afeto indisfarçável, na figura do barão Segismundo de Kernoberg da peça *Lição de Botânica*, de Machado. Nada que se aproxime, tampouco, do jeito de “eterno Adão” de viajantes e escritores locais que, diante de paisagem que crêem só-natureza ou costumes e figuras visualizados como pistorecamente *naïves*, intemporais, passam a colecioná-los e descrevê-los⁵⁶.” Pelo contrário, assegura Sússekind, “o narrador machadiano recusa atividades paradidáticas e obsessões ilustradas e amplia seus roteiros possíveis, sua própria mobilidade. Assim como a de seus personagens, que se recusa a etiquetar previamente e separar em tipos de fácil classificação⁵⁷.”

Ora, é justamente este olhar machadiano, móvel, não positivista, que sustenta as análises de Sússekind. Aí, no meu ver, encontra-se o ponto forte de seu texto. Ou seja, é o próprio método ou o olhar que a autora utiliza para trabalhar com os textos de viagem e não necessariamente os resultados aos quais chega o que lhe dá originalidade. Método este que procurei, da mesma forma, empregar em vários momentos desta dissertação.

Uma primeira abordagem do método de Sússekind que valeria a pena destacar e que, de certo modo, também aparece no trabalho de Prieto, seria a sua concepção do texto de viagem como um texto “em trânsito”, um texto que pode ser utilizado tanto para a ficção fundacional de um Araújo Porto-Alegre quanto para os passeios ao léu do narrador de *A carteira do meu tio*, de Macedo. Neste sentido, o texto de viagem e o viajante possuem uma dupla identidade, tanto nacional quanto estrangeira, podendo de

⁵⁶Idem. p.268

instrumentos da conquista imperial passar a alimento para o consumo do conquistado. Sobre isto escreve Süsskind nas primeiras páginas do seu livro: “se o papel do conquistador costuma ser a regra nesses livros de viagem, às vezes quebra-se tal expectativa e são as ilhas, as paisagens naturais, que parecem literalmente conquistar o viajante⁵⁸.” Ao intuir a impotência do viajante europeu, a autora nos dá subsídios para a leitura de relatos em que, defrontado com a paisagem natural, o civilizado sucumbe à natureza e, conseqüentemente, acaba conquistado por ela, como será o caso do viajante René P. Lesson, cujo relato é analisado no terceiro capítulo desta dissertação.

Da mesma forma, diríamos que esta posta em trânsito do relato de viagem servirá para pensarmos a apropriação do próprio texto estrangeiro pelo narrador nacional. Esta espécie de intertexto, cruzamento de textos provenientes de América do Sul e da Europa, constitui o fio narrativo do segundo capítulo desta dissertação. Nele, leio a intersecção dos poemas “locais” de Cruz e Sousa e “universais” de Baudelaire tendo como ponto de partida um relato de viagens sobre os mares do sul, escrito quarenta anos depois, de forma autobiográfica, por um almirante aposentado da marinha francesa.

Outra abordagem que merece ser ressaltada neste método de leitura de Süsskind é a do cruzamento do olhar literário com o pictural, as relações que a autora estabelece entre a literatura ficcional brasileira e as pranchas de pintores franceses sobre o Brasil. Pranchas estas que, segundo a autora, serviam para sedimentar a geografia nacional e, da mesma forma, reiterar a “preocupação cartográfica tanto nos primeiros ensaios ficcionais quanto nos diários de expedições pelo Brasil durante os primeiros decênios do século XIX⁵⁹.” Ou seja, as pranchas são como textos que ajudam o narrador nacional a sedimentar a imagem do seu país.

No caso desta dissertação, no entanto, a pintura, a literatura e o relato de viagens sobredeterminam-se mutuamente. Assim, se Cruz e Sousa usa as imagens impressionistas de Manet como intertextos para os seus poemas, este também, ou através da sua viagem ao Brasil, ou através da leitura dos poemas “de viagem” de Baudelaire (“Voyage à Cythère”, “Invitation au voyage”), apreende a mesma saturação da luz, do

⁵⁷ Idem. p.270

⁵⁸ Idem. p.13

⁵⁹ Idem. p.78

poema e da paisagem, para a concepção estética de suas pinturas. Trata-se, neste sentido, de marcar igualmente a contaminação do centro pela margem, da metrópole pela colônia⁶⁰, movimento que, no meu ver, inexistente na análise de Sússekind, talvez porque a intenção do seu texto, diferentemente da crítica colonial de Mary Louise Pratt da qual lanço mão, seja apenas a de investigar a construção e a posterior corrosão do narrador ficcional da prosa brasileira.

Entretanto, o que é mais importante destacar do método de Sússekind é o modo como ele põe em jogo o texto de viagem, ou seja, em contato com outras textualidades. Mesmo empregando uma linearidade espaço-temporal em suas análises⁶¹, a autora apaga a origem do texto, coloca-o em movimento, em uma produção como diria Roland Barthes⁶². Trata-se, basicamente, do que tentei fazer com os relatos que analiso em seguida, ao mesmo tempo exasperando um pouco mais categorias como sujeito e texto através de conceitos advindos de outras disciplinas, dentre elas a psicanálise.

O sujeito da viagem

De fato, esta disciplina, a psicanálise, deu-me instrumentos não só para pensar o sujeito enquanto um *viajante* no espaço (o contrário de um *colonizador* de espaços), mas, também, para no segundo capítulo, pensar o texto, ou a elaboração significativa, enquanto possibilidade de emergência de um mais-de-sentido. Além das estratégias contemporâneas da análise literária, trabalhadas pelos três textos acima, lancei mão da teoria psicanalítica de Freud e Lacan no intuito de conceber o sujeito que viaja. Trata-se de uma escolha teórica relacionada não apenas aos meus estudos nesta área vizinha da

⁶⁰ Um trabalho que vale a pena ser destacado no sentido de apontar como as margens (sobre)determinam o centro é o de James Clifford, *The predicament of culture* (Cambridge, Harvard University, 1994) em que o autor analisa as viagens etnográficas da primeira metade do século XIX e os objetos coloniais trazidos por elas e expostos nos museus etnográficos da metrópole como primordiais para a constituição de uma linhagem francesa de pensamento, estruturalista e pós-estruturalista, e de um modo de expressão artística como o surrealismo.

⁶¹ Não há, neste seu trabalho, a preocupação em perceber a reverberação dos relatos, i.e., como um texto do princípio do século XIX será lido por um autor do fim do século.

⁶² Cf. "Da obra ao texto" in. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira, São Paulo, Brasiliense, 1988.

literatura, e da qual a própria literatura se utiliza com freqüência⁶³, mas também à necessidade de não equacionar as categorias viajante e autor. A experiência daquele assemelha-se mais à do sujeito inventado por Freud no começo do século e relido, mais tarde, por Lacan - uma experiência, em alguns casos, de constante deslocamento espacial - do que à do autor, um sábio construtor de significações, um engenheiro das palavras.

Em suas análises, Freud pressupõe o sujeito que erra, o sujeito do sem-sentido, do ato falho, em outros termos, o sujeito cujo inconsciente desestabiliza a crença em uma sabedoria inatingível, intocada. Seria este, na verdade, o mesmo sujeito moderno que surge com a dúvida cartesiana. Lacan, com efeito, lerá o *cogito* de Descartes, o seu “penso logo existo”, enquanto, “duvido logo existo”, pois, para ele, desde Descartes, o sujeito da certeza encontra-se dividido⁶⁴, buscando respostas a partir de suas andanças filosóficas. Assim que se depara com uma verdade, esta parece não ser suficiente e, conseqüentemente, lança-se em busca de outra, derivando em exegeses. Neste sentido, o pensar deste sujeito traduz-se em uma dúvida inesgotável, em uma travessia infinita dos significantes que vêm do Outro⁶⁵.

Ora, o sujeito que Lacan vê emergir em Descartes é uma espécie de viajante que busca uma chave para descrever o mundo, mas que, entretanto, só dispõe de semblantes, plantas, pedras e espécies coletadas à medida em que viaja. E viaja cada vez mais porque reconhece que suas coleções nunca estão à altura do tamanho do mundo, reconhece que sua certeza é muito menor que a dúvida que o atordoa. Ou seja, produto do jogo significativo, a certeza não possui consistência. Por isso, diríamos que a sina do sujeito, como a do viajante, consiste em desnaturalizar-se, perder significações, ganhar outras,

⁶³ Basta, para tanto, lembrarmos das concepções de autor, texto e leitor, traçadas por Roland Barthes para a sua teoria do texto, a semanálise. De acordo com Barthes, uma mutação epistemológica ocorre quando as aquisições da lingüística e da semiologia são deliberadamente postas (relativizadas: destruídas - reconstruídas) em um novo campo de referência, essencialmente definido pela intercomunicação de duas *epistémés* diferentes: o materialismo dialético e a psicanálise. A diferença mais clara, o que demonstra com mais precisão a mutação epistemológica, afirma Barthes “está na referência psicanalítica, presente na semanálise, ausente na semiótica literária (que apenas classifica os enunciados e descreve o funcionamento destes sem se preocupar com a relação entre o sujeito, o significativo, e o Outro)”. In. “Texte (Théorie du)”, verbete da *Encyclopaedia Universalis*, 1973-1989. A tradução é minha.

⁶⁴ *O Seminário - livro II* (op.cit.). p.49. Para uma historicização do termo sujeito, e para uma articulação das concepções de Freud e Lacan, ver “Alienação e Separação - A dupla causação do sujeito”, dissertação de mestrado de Vanessa Nahas Riaviz, defendida em 1998 no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

mover-se de acordo com uma lógica que lhe sobredetermina, um lógica que vem sempre do Outro.

Portanto, este leitor do mundo (sujeito, viajante), de acordo com Roland Barthes, comportar-se-ia como o leitor do texto:

“O leitor do Texto poderia ser comparado a um sujeito desocupado (que tivesse distendido em si todo o imaginário); esse sujeito bastante vazio passeia (...) no flanco de um vale em cujo fundo corre um *oued* (*oued* foi colocado aí para atestar certo estranhamento); o que ele capta é múltiplo, irreduzível, proveniente de substâncias e de planos heterogêneos, destacados: luz, cor, vegetação, calor, ar, explosões tênues de ruídos, gritos agudos de pássaros, vozes de crianças do outro lado do vale, passagens, gestos, trajes de habitantes aqui perto ou lá longe; todos esses incidentes são parcialmente identificáveis: provêm de códigos conhecidos, mas a sua combinatória é a única, fundamenta o passeio em diferença que nunca poderá repetir-se senão como diferença⁶⁶”.

Com efeito, esta descrição do leitor feita por Barthes, além de apoiar-se na concepção de sujeito da psicanálise, exemplifica o conceito de viajante a ser utilizado no Capítulo II desta dissertação. Assim, ao analisar o relato de um almirante que, via memória, vagueia pelos mares e ilhas da América do Sul, o que espero mostrar é como, no percurso de sua escritura, ao passar de um espaço para outro, de uma reminiscência a outra, várias mudanças de ponto de vista se operam. Em suma, trata-se de, lançado mão deste sujeito cambiante da psicanálise, analisar como o marinheiro, à medida em que perde algumas significações, acaba ganhando outras e, portanto, conforme coloca Roland Barthes, nunca é o mesmo, ao menos a nível da combinatória de significantes, assim como não é o mesmo o espaço por onde transita.

Do mesmo modo, a psicanálise serviu para que, no Capítulo II, fosse percebida a viagem do próprio texto. Detendo-me sobre um poema de Baudelaire, “Voyage à Cythère”, publicado pela primeira vez pela *Revue des Deux Mondes* e apenas seis anos mais tarde em livro, meu objetivo foi ler as substituições significantes de uma edição para outra como sentidos encobertos, reprimidos, que condensados cessam a pura metonímia

⁶⁵ Daqui em diante, quando usar Outro com maiúsculo será para referir-me ao Outro (simbólico) da psicanálise; o grande Outro da lei e do tesouro dos significantes.

⁶⁶ “Da obra ao texto” in *O rumor da língua*. Op.cit., p.75.

significante, e não como um gesto intencional de um sujeito que domina seu objeto. Assim, apoiado em um texto de Freud, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana - esquecimentos, lapsos de fala, equívocos, superstições e erros*, no qual ele percebe que as substituições e esquecimentos constituem metáforas do inconsciente, e não falhas irrelevantes, articulei as substituições nos textos de Baudelaire com a emergência de um mais-de-sentido, detectável apenas no percurso do poema.

Todavia, o uso da psicanálise nesta dissertação foi apenas parcial, e esteve sempre em articulação com a teoria literária. Neste sentido, não tive a pretensão de colocar os viajantes, os poetas, os romancistas e os pintores em um divã. A rigor, diria que esta disciplina é apenas uma das que compõem o olhar multifacetado e fragmentário que me acompanhou nas análises que seguem. Olhar este que pode ser entendido como um marco teórico, uma baliza que demarca as fronteiras teóricas nas quais me arrisco. Mas, caso levemos ao pé da letra o fato de viajarmos com os textos, ao contrário de querer dominá-los em um território preciso, a ficcionalização, ou seja, a dissolução das fronteiras, parece ser o destino para qualquer teoria.

CAPÍTULO I

ILHAS MODERNAS: MICROCOSMOS DA METRÓPOLE

Às ilhas, pérolas do mar, deve a superfície do planeta, algumas de suas mais belas feições: a essas terras devem também os povos, graças ao comércio, em grande parte, sua civilização. (...) Se as nações arianas estivessem privadas desta espécie de cidadela onde puderam entrincheirar-se e colocar sob vigilância o terror de suas conquistas intelectuais e morais, com certeza não realizariam os progressos que criaram o mundo moderno.

Elisée Réclus, *A vida na terra*

A epígrafe acima diz-nos que o território insular é o que sustenta o projeto moderno; senão de forma exclusivamente material, ao menos a partir da sua relação simbólica com os desejos do Ocidente. Assim, desde Thomas More e sua *Utopia*, de Fourier e seus falanstérios, até às sociedades de controle com seus panópticos e prisões das quais fala Foucault⁶⁷, a ilha metaforiza o espaço ideal, com limites determinados, uma espécie de laboratório para a criação de um mundo perfeito, livre de impurezas. Do mesmo modo, enquanto possuidora de fronteiras bem delineadas geograficamente em relação a um outro, do lado de fora está o mar, a ilha é também uma metáfora da nação, instituição moderna que se constrói no confronto com o estrangeiro, com o que escapa ao controle⁶⁸.

No entanto, há uma modulação entre esses espaço insulares, ficcionais ou reais, que é importante detectarmos. Em More, por exemplo, o espaço insular sem

⁶⁷ Sobre isto, ver, de Foucault, *Surveiller et punir*. Paris, Gallimard, 1975.

⁶⁸ O estrangeiro, segundo Zygmunt Bauman em *O mal-estar na pós-modernidade* (Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro, Jorge Zahar) é o viscoso (“visqueux”), termo que pega emprestado de Sartre em *O ser e o nada*. A este termo uma interessante paranomásia poderia ser aplicada: “visqueux”, “vainqueur”, “vis” (força), “viscário” (armadilha). Assim, o viscoso é alguém que, ao mesmo tempo que é desprezado por não fazer parte do conjunto puro, é, também, alguém a partir do qual este conjunto se arma para lutar, forma exércitos. Portanto, o viscoso acaba sendo respeitado por sua força física, pelo seu perigo militar. É, pois, por causa dele que as nações se organizam e fixam suas fronteiras.

comunicação com o exterior, fechado, sufoca o leitor. Mas sufoca, sobretudo pelo imperativo da transparência que ali reina. A ausência do espaço privado impossibilita qualquer deriva, qualquer acaso e, neste sentido, qualquer forma de linguagem. Em suma, é a falta da linguagem que é preponderante no relato do sábio Rafael, interlocutor de More, sobre a Utopia. O desaparecimento da linguagem gera uma compreensão imediata das coisas, sem espaços alternativos, sem grupos específicos; ao contrário, a imagem que temos é a de uma imensa cidade de vidro onde todos vêem todos e onde as leis não precisam ser explicadas, por isto não há ali advogados para confundir ou obnubilar as palavras. O homem da Utopia, de acordo com Rafael, está unido ao seu semelhante de uma maneira mais íntima e mais forte pelo coração e pela caridade do que pelas palavras e pelos protocolos. Ou seja, o que está abolido na Utopia é, em última instância, o desejo, conseqüência do deslizamento da linguagem. O prazer, ali, é homeostático, consiste apenas no cancelamento do desprazer, da dor, da doença. Porque na Utopia de More não há falta: todos os objetos de desejo estão dados em abundância, bastando que deles se usufrua; as pessoas vestem-se igual, todos comem a mesma coisa; as viagens às cidades vizinhas não oferecem perigos pois todas as cidades são iguais. More, nesse sentido, retira o artifício, o capricho, em outras palavras, o cultural, e no seu lugar coloca seres humanos que vivem como autômatos, em função de uma lei que deve funcionar de acordo com a natureza. Este funcionamento simples, natural, explica, em parte, a brevidade do texto de More. Não há muito o que dizer porque as próprias leis que introduz este inventor de espaços são dados *a priori*, sendo portanto indiscutíveis.

Ao contrário da ilha fechada de More, desprovida de linguagem, desligada do mundo e dos seus prazeres carnisais, o falanstério de Fourier está em contato, embora parcial, com a civilização. Constitui, portanto, uma modulação das ilhas modernas. Além do mais, o projeto de Fourier depende da linguagem e, conseqüentemente, de ingredientes relativos a ela como as manias e as paixões. De acordo com Michel Butor, em seu prólogo a *O novo mundo industrial e societário*, “Fourier exhibe diante de nossos olhos, em suas divagações cosmogônicas, um mundo imenso e burlesco, sem preocupar-se com provas de verossimilhança, não vacilando, além do mais, em remodelar sem cessar essa física fabulosa que faz dele, sem dúvida, o maior romancista de ficção

científica⁶⁹.” Como vemos, o projeto “insular” de Fourier é, antes de tudo, ficcional, é pura linguagem e, por isso, apesar do fracasso “real” das implantações dos falanstérios, desaprovadas, por sinal, por ele mesmo, prolifera-se em outros discursos enquanto heterotopia da civilização⁷⁰. Barthes ilustra a obsessão de Fourier pela linguagem ao colocá-lo como um inventor, inventor de mundos, poderíamos pensar. Ou seja, alguém que se impõe como o oposto do político, do escritor ou, mesmo, do legislador e que, na realidade, ao contrário de More, não aspira a que o mundo todo se renda à sua *Utopia*⁷¹. Nesta invenção de Fourier, segundo Barthes, estaria uma negação do significado e a assunção do significante, da linguagem enquanto metonímia. Por isto, aquele seria um antecipador do Texto barthesiano. Nas palavras de Barthes,

“Fourier répudie l'écrivain, c'est-à-dire le gestionnaire attitré du bien écrire, de la littérature, celui qui cautionne l'union décorative et donc la séparation fondamentale du fond et de la forme; en s'affirmant inventeur (...), il se porte à la limite du sens, que nous appelons aujourd'hui Texte. Peut-être, suivant Fourier, nous faudrait-il désormais appeler *inventeur* (et non *écrivain* ou *philosophe*) celui qui amène au jour de nouvelles fourmules et investit ainsi, à coup de fragments, *immensément et en détail*, l'espace du signifiant⁷²”.

Além disso, outro fator que distancia a utopia de Fourier da de More é que o ingresso no falanstério não é para as maiorias. Segundo Butor, enquanto os membros da Escola Societária, com a qual Fourier não costumava concordar, “buscam um público o mais numeroso possível (porém decoroso) para fortalecer seu grupo e aumentar a sua respeitabilidade, Fourier não deseja a multiplicação dos exemplares de suas obras senão para fazer mais verossímil o encontro dos poucos leitores necessários; a rigor, bastar-lhe-ia encontrar um só, em uma posição suficiente⁷³”. Com efeito, o caráter sectário dos adeptos dos falanstérios se desdobra no interior mesmo desta instituição. Embora se

⁶⁹ Fourier, Charles. *El nuevo mundo industrial y societario (O novo mundo industrial e societário)*. Pról. Michel Butor, Trad. Aurelio Garzon del Camino, México, D.F., Fondo de Cultura Económica, 1989. p.10. A tradução para o português é minha.

⁷⁰ Butor coloca Fourier como um precursor não apenas do marxismo, mas da psicanálise e de todo o gênero de direções da arte moderna e do pensamento contemporâneo. Não obstante, dá a André Breton o título de visionário desta faceta da obra de Fourier. p.10

⁷¹ More diz que não espera, mas aspira a que o mundo se torne como propõe em sua alegoria.

⁷² Sade, *Fourier, Loyola*. Paris, Seuil (Point), 1971. p.93-94

exerça ali o controle, a escolha das seitas às quais devem pertencer é livre aos indivíduos: “Uma série apaixonada é uma liga de diversos grupos escalonados em ordem ascendente e descendente, reunidos apaixonadamente por identidade de gosto para alguma função, como o cultivo de um fruto, e destinando um grupo especial a cada variedade de trabalho que encerra o objeto do qual ela se ocupa(...). Estas distribuições devem ser reguladas pela atração; cada grupo deve ser composto apenas de sectários filiados apaixonadamente, sem recorrer aos veículos de necessidade, moral, razão, dever e coação⁷⁴”.

Como vemos, a estrutura ficcional do falanstério leva em conta o sujeito e suas representações, a linguagem, os materiais culturais⁷⁵ e, neste sentido, está em conexão, ao contrário da utopia de More, com a emergência do indivíduo na sociedade do século XIX⁷⁶. Apresentando-se, no entanto, como um contra-lugar do que o próprio Fourier denomina, com sentido negativo, de civilização.

Esta, por sua vez, dissemina as suas ilhas, os seus espaços de coerção e controle: a casa, a escola, o quartel, a indústria, o hospício e a penitenciária⁷⁷. E além destes, implantados no seu próprio território, busca os espaços que estão além das suas fronteiras e que lhe interessa dominar. No que segue, pretendo analisar o caso deste último tipo de controle, o controle insular exercido pela civilização, ou melhor, por um dos países do então poderoso norte europeu, a França, em ilhas localizadas fora de seu território. Diferentemente da ficção de Fourier, a colonização material de suas ilhas em outras partes do mundo visa a uma possessão bastante efetiva dos espaços, embora,

⁷³ Idem. p.20

⁷⁴ idem. p.89

⁷⁵ Não apenas os neologismos, as séries, toda uma engrenagem elaborada para ser executada nos falanstérios, mas sobretudo, o que se refere à música, os jogos e à alimentação. Sobre a presença preponderante deste material cultural em Fourier, Roland Barthes (op.cit.) assinala: “La sensualité fouriériste est surtout orale. Certes les deux grandes sources du plaisir sont à égalité l’Amour et la Nourriture, mis sans cesse en parallèle.” p.87

⁷⁶ Sobre a emergência do sujeito no século XIX e as ciências que daí proliferam cf. de Michel Foucault *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard, 1996.

⁷⁷ Em *Surveiller et punir* (op.cit.), Foucault articula a prisão do começo do século XIX com todos os outros mecanismos de controle da sociedade industrial, no sentido que ela não se trata apenas de um lugar de exclusão, mas de reelaboração ou reeducação dos indivíduos afim que eles possam ser novamente produtivos. De acordo com o autor, “l’évidence de la prison se fonde aussi sur son rôle, supposé ou exigé, d’appareil à transformer les individus. Comment la prison ne serait-elle pas immédiatement acceptée puisqu’elle ne fait, en enfermant, en redressant, en rendant docile, que reproduire, quitte à les accentuer un peu, tous les mécanismes qu’on trouve dans le corps social? La

muitas vezes, através de estratégias textuais que servem, neste caso, como máquinas de guerra.

De acordo com Réclus, o progresso do mundo moderno depende das ilhas, dos panópticos, dos falanstérios, em suma, dos controles. No entanto, depende sobretudo das leituras e das viagens àqueles lugares imaginados e, mais ainda, da enunciação do produto destas viagens, ou seja, do diário. Nele, não só articulação de conhecimento sobre o terreno mas fundamentalmente texto (discurso), repousa a síntese dos desejos do mundo ocidental no sentido da ampliação e construção de espaços. Mais que inventário de uma viagem ou de uma aventura, esta produção escrita é o atestado de uma vitória do viajante sobre o terreno e, por isso, uma chave que abre as portas do novo território a ser explorado. Como comenta Mary Louise Pratt⁷⁸ a respeito da expedição feita por La Condamine para medir a Terra, o importante ali não foram certamente as medidas. Segundo ela, “there is one respect in which the La Condamine expedition was a real succes, namely, as writing. The tales and texts it occasioned circulated round and round Europe for decades, on oral circuits and written. Indeed, the body of texts that resulted from the la Condamine expedition suggests rather well the range and variety of writing produced by travel in the mid-eighteenth century⁷⁹.”

Com efeito, a expedição de La Condamine pode ser interpretada como uma reviravolta na história das viagens à América do Sul ou viagens atlânticas. É a primeira vez que os espanhóis “liberam” seus territórios para os olhares franceses, graças a Felipe V, monarca interessado em bancar o ilustrado⁸⁰. Os efeitos diferidos desta expedição, contudo, apontam para uma mudança do poder europeu sobre as colônias americanas e, igualmente, para um novo tipo de relato de viagem que se instaura com a modernidade. É destes relatos que me ocuparei no decorrer desta dissertação. Todavia, antes de iniciar a anáanse do primeiro deles, concernente a este capítulo, gostaria de historicizar brevemente as viagens ultra-marinas desde o século XV e seus relatos. Em seguida, após

prison: une caserne un peu strict, une école sans indulgence, un sombre atelier, mais, à la limite, rien de qualitativement différent.” p.269

⁷⁸ *Imperial eyes*. Op.cit.

⁷⁹ Idem. p.18

⁸⁰ Idem. p.16

ter especificado o movimento do qual faz parte o meu objeto, pretendo concentrar-me na questão insular e no diário de viagem como sua expressão.

Digamos, assim, para início de conversa, que há dois momentos-chaves e, se quisermos, distintos, na história do Ocidente, em que os relatos de viagens servem de porta-vozes da construção de espaços, a saber, os séculos XV e XVI e, mais tarde, os séculos XVIII e XIX.

As chamadas grandes navegações, viagens da *Orbis terrarum*⁸¹ ao desconhecido, acabam por topar com um outro pedaço de terra, até então inexistente, com o que mais tarde se chamaria América, ou a “quarta parte do mundo”. Na constituição da América, na sua invenção, o que surge é um novo continente, mas um continente, de acordo com Edmundo O’Gorman “à imagem e semelhança do seu inventor⁸²”. Em outras palavras, “a concepção das novas terras como a quarta parte do mundo não só implicou a idéia de que, não obstante as estranhezas da natureza, os elementos físicos eram os mesmos que nas outras partes já conhecidas, mas também a de que os naturais daquelas terras, quaisquer que fossem os seus costumes, participavam da mesma natureza que a dos europeus, asiáticos e africanos, ou para dizer em termos da época, que também descendiam de Adão e podiam beneficiar-se do sacrifício de Cristo⁸³”.

Temos, portanto, nestas viagens e nos textos que daí proliferam, uma relação com o outro que não é de ruptura, mas de continuidade, ou seja, de continentalidade, vizinhança. No contexto latino-americano, tenta-se “transplantar para as terras da América as formas de vida europeia, concretamente a ibérica⁸⁴”. Neste sentido, o outro dos relatos de viagem não será entendido como uma alteridade radical, mas como alguém que carece apenas de uma consciência do seu próprio devir e que poderá ser trabalhado, adaptado ao modelo. Surge desta invenção um alargamento do próprio conceito de Terra que abrangerá não só o novo continente mas o Oceano (um único, o Atlântico), condição de possibilidade da itinerância e da expansão ultramarina.

⁸¹ Ou Ilha da Terra, compreendida pela Europa, Ásia e África, à qual o Mundo se reduzia.

⁸² *A invenção da América*. Trad. Ana Maria Martínez Corrêa, Manoel Lelo Belloto, Assis, Unesp, 1992.

⁸³ *Idem*, p.197

⁸⁴ *Idem*, p.200

Todavia, se num primeiro momento deslizam sobre as águas oceânicas os inventores do continente americano (missionários, intendentess, aventureiros), a partir da aventura científica do século XVIII, cujos exemplos paradigmático seriam a expedição de La Condamine e o *Systema Naturae* de Lineu⁸⁵, serão outros os exploradores de espaços que por ali passarão - *não mais inventores, mas interventores*. Porque, quando os espanhóis começam a perder seus territórios, as viagens e os relatos não são mais os mesmos.

1.1- *Invenire/Intervenire*

A partir do texto de O'Gorman percebemos como o prefixo *in* não pressupõe um outro que se impõe como diferença. O espaço a ser colonizado, neste primeiro momento, parece estar à espera de um outro que lhe penetre e que lhe traga histórias e leis que nunca teve.

Por seu turno, a construção dos espaços nacionais latino-americanos que começa a se processar nos fins do século XVIII traz consigo um atestado de maturidade e, logo, uma necessidade de ruptura em relação ao outro através da imposição de limites que se querem cada vez mais precisos. Não se desvincula disto o fato das literaturas nacionais tomarem emprestado os relatos de viagem para criarem seus próprios espaços⁸⁶. Neste segundo ciclo das viagens de colonização, o novo mundo não oferece mais ao colonizador - que não é mais português nem espanhol (ibérico), mas sobretudo francês e inglês, em outras palavras, europeu⁸⁷ - apenas um espaço à sua espera, fruto da bondade divina, e sim um espaço que deverá ser disputado. Dito de outro modo, não se trata mais de *invenire* senão de *intervenire*, intervir sobre o espaço. E é nesta tentativa de intervenção que se coloca o problema e a necessidade de se pensar as fronteiras. Pois, o prefixo *inter* pressupõe também um intervalo (entre), uma falta em relação à origem, à

⁸⁵ Ao lado da expedição de La Condamine, o sistema de Lineu, ao qual Foucault também se refere em *As palavras e as coisas*, seria responsável pela emergência de uma nova consciência européia, uma "consciência planetária" segundo Mary Louise Pratt, marcada por uma exploração em direção ao interior e por uma construção de significados em escala global através dos aparatos descritivos da história natural.

⁸⁶ Ver na **Introdução** análise dos textos de Flora Süssekind e Adolfo Prieto.

qual, a partir deste momento, será impossível retornar tanto por parte do colonizador quanto por parte do colonizado. Se ao primeiro é impossível perceber o mundo como uma continuidade, ao segundo já não interessa mais copiar o modelo, mas construir-se enquanto diferença. Motivos pelos quais ambos preocupam-se em afirmar suas fronteiras através, sobretudo, das literaturas nacionais⁸⁸.

De fato, em fins do século XVIII, a conversão religiosa dá lugar ao fluxo comercial. Instala-se, assim, ao invés do dogma unificador cristão, a lógica de produtividade capitalista, baseada na importação e exportação de objetos, fragmentos que atuam na conquista do espaço alheio. Apesar de, em um primeiro momento, esta tentativa de implantação dos objetos e dos bens do outro encontrar obstáculos⁸⁹, ela acabará se impondo via instrumentos de controle bastante eficientes, dentre eles os próprios relatos de viagens destes interventores: cientistas, representantes de governos, empregados de companhias estatais e privadas.

É no contexto acima que a *Revue des Deux Mondes*⁹⁰ se coloca como veículo de publicação destes relatos *des deux mondes*, ou melhor, *entre-deux-mondes*, e põe à disposição dos seus leitores uma série de textos sobre ilhas que, poderíamos supor, despertam interesse por se tratarem, também, de microcosmos do mundo colonial e espaços onde a administração imperialista encontra menos dificuldades para exercer seu controle. Pragmaticamente, a ilha constitui o espaço mais favorável para a construção e afirmação dos domínios. Diferentemente do deserto ou da floresta, trata-se de um espaço com limites bem precisos para a instalação dos modos de produção capitalista que os relatos de viagem corroboram, ou seja, produzem textualmente, em um processo de escritura que mapeia o espaço a ser conquistado. Portanto, postulamos a necessidade de ver como os relatos insulares da *Revue des Mondes*, mesmo que não em sua totalidade, assumem o discurso de dominação e progresso do Ocidente e se vinculam, além do mais,

⁸⁷ Ao perderem suas colônias, Portugal e Espanha deixam de fazer parte da Europa.

⁸⁸ A guerra moderna é, também, uma forma de se pensar e firmar as fronteiras.

⁸⁹ Os nativos, os exércitos nacionais, os países adversários, a própria natureza hostil (o deserto argentino e a floresta amazônica, por exemplo).

⁹⁰ A importância da *Revue des Deux Mondes* decorre, de um lado, de ser o fator de intercomunicação do mundo colonial recém-emancipado com os centros financeiros e industriais dominantes do período, mas também, de outro, de ser a *Revue* a intersecção de um conjunto de utopias modernas com a sociedade capitalista contra a qual se insurgiam. Ver a **Introdução**.

a uma linhagem da antropologia vitoriana que, para Gerard Leclercq, a partir da análise de outras culturas, pretende dissolver a diversidade étnica⁹¹.

1.2 - Açores: A primeira viagem

O geólogo Ferdinand Fouqué⁹² publica em 1873, na *Revue*, um relato intitulado “Voyages géologiques aux Açores⁹³”, logo após a sua segunda viagem ao arquipélago - a primeira acontecera em 1867. Divulgador da produção científica e, ao mesmo tempo, do ideário capitalista, este texto de Fouqué pode ser entendido como um apanhado de notas, informações que são coletadas nas duas viagens em um diário e que são reconstruídas através da memória. Duplo movimento que daria ao texto uma sorte de legitimidade pois, além de se basear na “viagem empírica”, toma emprestado ao texto memorialista o seu caráter de afirmação de uma memória coletiva, e portanto “mais verdadeira⁹⁴”. Vejamos a introdução do relato:

“Attiré à deux reprises aux Açores par le désir d’accomplir certains travaux de chimie appliqué à la géologie, j’ai dû parcourir pas à pas non-seulement les parties cultivées des îles, mais encore les régions les plus sauvages des parties centrales. En retraçant ici quelques-unes des mes excursions, mon but est de donner une idée de la conformation d’une contrée qui peut être regardée comme le type des régions volcaniques marines ...⁹⁵”.

⁹¹ *Antropologia e colonialismo*. Trad. Jesús Martínez de Velasco, Madrid, Comunicación Serie B, 1973.

⁹² Segundo a *Enciclopedia Italiana* (vol.XV, ed. 1949), Fouqué foi professor no Collège de France, membro e presidente da Academia das Ciências e teria introduzido na França o uso do microscópio no estudo dos minerais e das rochas, ao mesmo tempo que reproduziu artificialmente diversos minerais, obtendo por síntese várias rochas vulcânicas. Foi um dos primeiros naturalistas que soube aplicar praticamente seus conhecimentos químicos e geológicos no estudo dos fenômenos vulcânicos. O fato do nome do geólogo constituir um verbete desta enciclopédia confeccionada sob os auspícios de Mussolini e não figurar na francesa *Universalis*, por exemplo, pode ser significativo para pensarmos como as categorias positivistas defendidas por Fouqué sustentam os regimes totalitários.

⁹³ *Revue des Deux Mondes*. Tome CII^{ème}, 1^{er} jan., 1873, Tome CIII^{ème}, 1^{er} fev., 1873, Tome CIV^{ème}, 1^{er} mar., 1873. Todas as citações do relato são dessas edições.

⁹⁴ Ver May, Georges. *La autobiografia*. Trad. Danubio Torres Fierro, México, fondo de Cultura Economica, 1982.

⁹⁵ Esta é a primeira parte do relato de Fouqué, de janeiro de 1873. p.42

Explicita-se, assim, na citação acima, o duplo movimento de produção do relato de viagens: em primeiro lugar o percurso, para logo depois aparecer seu retrçado que, construído entre quatro paredes, deve selecionar as notas mais importantes tomadas no decorrer da viagem que, poderíamos supor, estariam, sobretudo relacionadas à conclusão de suas pesquisas de química aplicada à geologia. Inferiríamos, deste modo, que nesta escritura híbrida, feita enquanto viaja, um diário, e *a posteriori*, uma memória redigida dentro do gabinete de cientista a partir do qual examina o mundo, descansa uma lógica que não admite sobras, em outras palavras, uma lógica da produção de sentido no século XIX. Na sua excursão, nada deverá ficar de fora, nem as partes selvagens, nem as partes centrais, ou seja, nem um pedaço dos espaços insulares pode escapar ao olhar do cientista explorador. É porque nem Fouqué está preocupado apenas em terminar as suas pesquisas científicas nem o leitor em conhecer somente as suas descobertas químicas. Como no caso da expedição de La Condamine, o mais importante não é a medição da terra, mas a possibilidade de, através dela, se apropriar deste novo território. Neste sentido, o desejo de acabar certos trabalhos de química aplicada à geologia esconde um outro desejo. Escreve o viajante, em seguida:

“J’essaierai en même temps de fournir un aperçu des richesses végétales de ces îles, des conditions heureuses qu’y rencontre nottament l’arboriculture, et des remarquables essais d’acclimatation qui y sont tentés ou poursuivis⁹⁶”.

Percebemos que, à medida em que relata, ocorre um alargamento do “but” de sua viagem. O viajante aproveitará para mapear, também, as riquezas do lugar, juntando ciência e economia⁹⁷, e transformar o arquipélago em um lugar propício para outras viagens. Em momentos posteriores do relato, registrará as bem sucedidas tentativas de aclimação da natureza “européia⁹⁸” na natureza açoriana. Contudo, o que está implícito

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ De acordo com Graciela Montaldo, o saber sobre o terreno proporcionará instrumentos mais adequados para conquistá-lo. “Espacio y nación” in. *Estudios* - Revista de investigaciones literarias. Caracas, Universidade Simón Bolívar, nº5, enero-junio, 1995. p.5-17

⁹⁸ Em vários momentos da narrativa se acentua o fato dos Açores não fazerem parte da Europa, mas estarem, justamente, *entre* ela e a América: “Si l’on considère la position des Açores au milieu de l’Atlantique, presque à égale distance de l’Europe et de l’Amérique, mais très loin des deux continents, on s’attend à y observer tout un ensemble de végétaux très différents de ceux des côtes de l’Amérique et de l’Europe”. p.839. Esta citação faz parte da edição de março de 1873.

é a própria aclimação humana e, portanto, cultural, no espaço insular, pois como afirma Graciela Montaldo em relação aos viajantes ingleses na planície argentina⁹⁹, o viajante geólogo tende também a considerar o arquipélago como parte deste “novo mundo” dos séculos XVIII e XIX, futuro assentamento tanto de matérias-primas e produtos industrializados como de “consumidores”. É com isto em mente que Fouqué fecha a introdução das suas peregrinações científicas:

“Quelques-uns des incidents des mes pérégrinations permettront en outre au lecteur de se rendre compte des mœurs et des habitudes de la population des Açores, des progrès qu’y sont accomplis depuis trent ans sous le rapport intellectuel et moral, et de l’avenir qui semble réservé aux habitants de ce délicieux éden¹⁰⁰”.

Com efeito, o interesse do viajante, ainda na introdução, é ir além, “outre”. Ele está preocupado com o “futuro” do que chama de delicioso éden¹⁰¹, porque dele depende também a economia e o futuro da própria Europa. Porém, ele disfarça a sua preocupação dizendo que estas questões só aparecerão sob a forma de um incidente nas suas andanças. O mais importante será a questão científica, indicada no próprio título do relato: “Viagens Geológicas”. De qualquer forma, serão três as etapas da sua viagem cuja formação vulcânica da ilha aparece como sustentáculo. Elas indicam um movimento que vai de dentro para fora, no sentido de apreender o todo do terreno, como se fosse um “close reading”: 1) conhecer o terreno mais interior, o solo, as formações rochosas, os vulcões que se escondem no fundo do mar. 2) conhecer o que está mais acima mas que ainda faz parte do mundo “natural”, ou seja, a flora e a fauna e 3) conhecer a superfície, os habitantes, a parte “cultural” do lugar.

A minha hipótese é a de que, através do discurso científico, o viajante metaforiza o seu desejo de conquista do território insular. Em outras palavras, mesmo sem se referir ao que há de mais superficial na ilha, ao cultural, e sem lançar mão deste tipo de discurso, sociológico, Fouqué (e seus editores e leitores) visualizam a ilha como uma efetivação dos desejos de controle e coerção da modernidade. Nesse sentido, o

⁹⁹ “Espacio y nación”. Op.cit.

¹⁰⁰ p.42.

espaço insular é, literalmente, uma sorte de campo de testes para os avanços do Ocidente.

1.3 - *A ilha e o tubo*

Consideraremos “la nouvelle d’une éruption sous-marine dont l’apparition venait d’avoir lieu dans le voisinage de l’île Terceire” como o evento que impulsiona ou que serve de pretexto para a primeira viagem do geólogo ao arquipélago dos Açores. Entretanto, Fouqué não chega a tempo para ver as cenas da natureza. Apesar disso, lança-se ao empreendimento de relatar o ocorrido, “le théâtre de l’éruption” e, para tanto, apropria-se das vozes dos habitantes do local, transformando-as em escritura: “voici le récit des phénomènes qui s’étaient accomplis, tel que j’ai recueilli”.

Como se fossem os gases do vulcão destinados às análises, as vozes servem para o viajante atestar a necessidade de sua viagem. Ou seja, a oralidade transforma-se em material científico que pode ser coletado, como um dado qualquer. O que estranha, no entanto, são os detalhes do testemunho recolhido pelo viajante, a riqueza do material, com o número exato de trepidações do solo por dia, mostrando como elas se intensificam à medida em que se aproxima o dia da erupção¹⁰². Da mesma forma, em nenhum momento o viajante declara quem, especificamente, lhe fornecera as informações que darão vida ao seu relato. Neste sentido, diríamos que a mediação com o outro é apagada, entre os fenômenos e o Eu do viajante não há nada. Há apenas seu olhar e o objeto, sem sobras, sem os ruídos da linguagem dos nativos. Se Fouqué se reporta a uma

¹⁰¹ Não será este o único dos relatos insulares em que aparecerá a evocação do paraíso, ou melhor, de uma lugar primordial e fora da história. Nos que serão analisados na sequência retorna a mesma imagem na forma do *Eldorado*.

¹⁰² “Depuis le commencement du mois de janvier 1867 jusqu’au 15 mars suivant, les secousses de tremblement de terre s’y étaient fait sentir plusieurs fois chaque jour. Dans les premiers temps, ces ébranlements du sol étaient assez faibles pour ne causer aucun dommage sérieux. Les habitans du village et des hameaux voisins, très éffrayés d’abord, n’avaient pas tardé à se rassurer, et leurs inquiétudes s’étaient surtout dissipées pendant une période de tranquillité (du 15 mars au 17 avril) durant laquelle on n’avait ressenti aucune secousse; mais à partir du 17 avril les trépidations s’étaient de plus en plus multipliées en augmentant rapidement d’intensité. Pendant le mois de mai, on en constatait de huit à douze par jour, et depuis le 25 mai jusqu’au 2 juin on en avait compté plus de cinquante dans certaines journées.” p.43

fala do outro é para traduzi-la cientificamente, explicando-a e, da mesma forma, para pô-la em dúvida:

“L’odeur pénétrante de l’acide sulfhydrique était très prononcé, et, *s’il est vrai, comme l’affirment les gens du pays*, qu’on ait vu surnager à la surface de la mer du soufre sous la forme d’un précipité blanc jaunâtre, il faudrait attribuer ce fait à la décomposition du gaz sulfhydrique au contact de l’air¹⁰³”.

Fouqué, como podemos notar, traduz o texto dos *gens du pays*, transforma-o em um bem a ser cientificamente consumido pelos leitores de revista e, assim, elide a alteridade em nome de uma linguagem que não admite sobras. Deste modo, a precisão e o detalhe dos dados são fruto da interpretação do viajante e não do relato que ele recolhe do outro, uma vez que este não tem a possibilidade de compreender racionalmente a experiência e, aquele, por sua vez, não tem tempo a perder. Flora Süssekind, ao comentar o que chama de “olhar armado” dos viajantes naturalistas em oposição ao “olhar ao léu” dos viajantes curiosos, assinala que o que tinham aqueles em mente era, sobretudo, “roteiro imperioso, paisagem útil, classificações, notas, desenhos feitos de imediato. Nada de apenas passar pelos lugares. Era preciso aumentar sempre as coleções, tentar instruir eventuais colaboradores na preparação de vegetais e animais para os futuros estudos de História Natural ...¹⁰⁴”.

É por isso que Fouqué não deixará para trás a sua missão, apesar de ter perdido o “espetáculo” da natureza, ou seja, a erupção do vulcão. Segundo ele, “cette césation brusque des phénomènes était assez extraordinaire pour me faire douter que tout fût terminé¹⁰⁵.” Em um gesto claro de alguém que não se dá por vencido e que não admite atalhos no seu roteiro, o viajante contrata um canoieiro, um nativo¹⁰⁶, e se lança ao mar onde teria sido o palco da erupção, “loin de tout regard humain¹⁰⁷”.

¹⁰³ p.44. Meus itálicos.

¹⁰⁴ *O Brasil não é longe daqui* (op.cit.), p.116

¹⁰⁵ p.46

¹⁰⁶ Devo esta idéia a *Imperial Eyes*. Cf. na **Introdução** minha análise deste texto. Montaldo, do mesmo modo frisa que é o saber do outro o que possibilita a descoberta. Em “Espacio y nación (op.cit.) ela argumenta que, para a conquista do território argentino, os “civilizados” precisaram do conhecimento do gaúcho.

¹⁰⁷ O cientista, solitário, encarrega-se de, como se fosse Deus, passar a verdade da descoberta aos que não podem ver.

Porém, será graças aos canoieiros locais que o geólogo consegue empreender a sua pesquisa. Apesar de não fazerem parte do conjunto dos portadores de um “olhar humano”, são eles que indicam a Fouqué onde estaria ocorrendo, ainda, um “léger bouillonnement”, “le phénomène ultime de l'éruption”. Com efeito, o “ver”, neste caso, relaciona-se, mais uma vez, ao compreender racionalmente os eventos. Assim, não é em vão que o viajante ridiculariza o olhar do outro, estupefato, em relação à sua expressão de felicidade “científica” e, portanto, legítima:

“Ceux qui ont entrepris des recherches expérimentales peuvent seuls comprendre l'instant de bonheur que l'on goûte en pareil cas. Je dus modérer l'expression émue de ma joie en présence des regards stupéfaits de l'équipage¹⁰⁸”.

Entretanto, se aqui temos o apagamento do outro, a conseqüente apreensão ou controle do seu território acontecerá na própria experiência científica que o viajante realiza nas proximidades da ilha. Em outras palavras, é na captura da essência da ilha marítima que o viajante conseguirá apoderar-se do território. Neste sentido, o seu objetivo consiste em aprisionar, em um tubo, o gás natural do vulcão, presente ainda na ebulição da água. Porém, após relatar em algumas linhas a experiência de apreensão do material científico, Fouqué escreve que “l'analyse exacte peut être ainsi réservé pour le laboratoire”. O exame do conteúdo não poderá ser realizado *in loco* pois, segundo ele, a superfície do mar não é tão uniforme quanto a cuba de mercúrio de um laboratório. Portanto, assim como a elaboração final do relato, a análise química é uma tarefa a ser realizada na própria metrópole.

Ora, para o viajante, o espaço alheio não condiz com as operações científicas propriamente ditas. Ele é apenas um espaço para a apropriação da matéria, inclusive, como vimos, da matéria oral. Se civilizar a barbárie é o último passo da colonização, isto não quer dizer que, com a entrada do europeu, a colônia se fortaleça, fique independente em relação à metrópole. Poderíamos argumentar que o que há por trás da idéia de civilizar o outro é, antes, fazê-lo compreender as normas que deve obedecer. Dito de outro modo, não há interesse por parte do colonizador em dar indústrias ao outro, mostrar-lhe os laboratórios e iniciá-lo na ciência. Isto significaria, em última instância,

perder o controle sobre os “consumidores” deste território insular que se quer explorar e colonizar¹⁰⁹. E, caso continuemos acompanhando o relato de Fouqué, concluiremos que são justamente estes dois os motivos que o levam a viajar. Porque, apesar de enfatizar que o objetivo principal da viagem seria a pesquisa química que acabara de finalizar, ele continuará o seu relato dissertando sobre as vestimentas das mulheres açorianas e sobre os seus hábitos “pouco europeus” de ficar trancadas em casa, de espiar pela janela o passante estrangeiro¹¹⁰. Ainda, destinará várias linhas á vestimenta dos homens, à história local, para depois voltar a falar das rochas vulcânicas. De fato, na leitura atenta das três partes do relato publicadas na *Revue des Deux Mondes*, podemos observar que a escrita imperial de Fouqué tentará dar conta da fauna, da flora, da produção agrícola, do comércio e dos costumes dos habitantes da ilha e, deste modo, intercalando-a ao discurso puramente científico sobre rochas e gases vulcânicos, propagar a empresa colonial, ou, em outras palavras, efetuar o controle do território.

Todavia, o meu argumento é que o instrumento da técnica, aquele tubo de ensaio que o geólogo lança ao mar e através do qual apreende os gases para pesquisar as formações vulcânicas, constitui, ele próprio, uma poderosa metáfora teórico-política não só da apreensão da natureza, mas de um controle efetivo da cultura ocidental sobre o arquipélago. A rigor, o movimento do geólogo relaciona-se ao próprio aprisionamento da população dentro de um tubo - uma redoma, bolha, enfim, uma ilha - e ao seu deciframento posterior, à distância, em um laboratório instalado na metrópole, com o intuito de fortalecer as instituições ocidentais, corroborando, assim, a tese de um socialista científico como Réclus de que as conquistas e progressos intelectuais da Europa estão relacionadas à vigilância e à posse dos espaços insulares.

¹⁰⁸ p.47

¹⁰⁹ Na segunda parte de seu relato, edição de fevereiro, escreve o viajante que “ pendant près de quatre siècles, les Açores n’ont été qu’une simple colonie d’où la métropole tirait de gros revenus, sans songer à y créer aucune oeuvre utile. A cette heure, il n’en est plus de même, et les Açoriens élèvent la voix avec raison pour réclamer impérieusement la fondation d’écoles et l’exécution des grands travaux d’utilité publique dont leurs îles ont le plus pressant besoin”.p.634.

Podemos deduzir daí a entrada de um outro tipo de controle metropolitano, onde a escola e os trabalhos públicos que, por exemplo, ligam as ilhas do arquipélago, são vistos como formas positivas de recepção dos progressos do Ocidente. No caso do Açores, estas obras “úteis” auxiliam não só na recepção dos produtos culturais franceses, a partir da “educação”, mas também no transporte desses produtos.

¹¹⁰ Este aspecto “não europeu” das mulheres, sobretudo o “voyeurismo”, é ressaltado pelos viajantes franceses que passaram pelo Brasil na mesma época e instituído pela ficção nacional, sobretudo pela romântica e realista.

Ao mesmo tempo, portanto, que aquilo que pertence à ordem da natureza se destina, no espaço insular, às pesquisas químicas do Ocidente, o que é da ordem da cultura, entretanto, a língua, a vestimenta, os costumes, é rechaçado e substituído pelos bens do colonizador, fazendo com que este amplie seus domínios simbólicos sobre o território colonial.

1.4 - Post-scriptum insular

Para finalizar, teríamos ainda uma outra modulação insular: trata-se, agora, do momento em que os franceses e os ingleses, ou seja, os europeus, perdem seus territórios¹¹¹.

Ora, uma metáfora da dissolução do império colonial francês, por exemplo, seria *A ilha errante* de Jules Verne¹¹², ficção em que temos, em um primeiro momento, a idéia do controle e da exploração do espaço peninsular. Porém, à medida em que se desenvolve a narrativa, defrontamo-nos com a transformação desta península em uma ilha errante, uma ilha de gelo que, descolada do continente, vaga, “sem controle”, no oceano. Esta ilha, habitada pelos exploradores do continente, deriva através do oceano até se transformar, para desespero dos que nela estão, em um pequeníssimo bloco de gelo, pois começa a descongelar a partir do momento em que se aproxima de zonas mais temperadas. Nesta ficção, Verne faz com que o leitor, cúmplice dos exploradores, não só veja acabados os sonhos da conquista mas, sobretudo, perceba como de controlador de um espaço passa-se a vítima deste. Neste sentido, poderíamos inferir que a deriva da ilha aponta para a deriva do próprio controle imperial francês a ponto de diluir-se.

Talvez, entretanto, uma forma mais coerente de pensarmos este descentramento ou diluição do controle escópico seja a partir da substituição do viajante geólogo (cientista natural) pelo viajante intelectual (cientista social). Como espero mostrar, a tarefa do primeiro que consiste em segurar a ilha com a mão, transportá-la para a metrópole e auxiliar nos avanços do continente, dará lugar à do segundo cujo objetivo é

¹¹¹ Há, ainda uma última modulação que denominarei insularidade pós-moderna ou contemporânea. Ela será tema do último capítulo.

¹¹² Segunda parte de *O país das peles*. Trad. Mariano Cyrillo de Carvalho, Lisboa, Bertrand, 5ªed.

o de, ele mesmo transportado para fora do continente, exilado, não mais contribuir mas, ao contrário, criticar a lógica instaurada pelo viajante anterior; lógica esta de cunho evolucionista, positivista como a propagada por Brunetière¹¹³, publicista e diretor da *Revue des Deux Mondes*.

Portanto, diríamos que a França, do mesmo modo que os exploradores de Verne, se torna vítima do seu próprio ardil. Ela não prevê que as teorias evolucionistas e positivistas, das quais ela é uma das patrocinadoras, desembocariam e sustentariam teoricamente os regimes totalitários nazi-fascistas¹¹⁴, responsáveis, por sua vez, pelo exílio destes intelectuais franceses nas periferias do mundo. Não prevê, da mesma forma, transformar-se, ela própria, em uma ilha, ilha tomada e quase controlada pelos alemães na Segunda Guerra. Assim, ao contrário dos relatos crentes no progresso da civilização, como o de Fouqué, os posteriores, produzidos por estes exilados (ex-ilhados), sobre as suas “ilhas”, possuem um tom bem diverso.

Prova disto é o relato de viagem de Roger Caillois à Patagônia¹¹⁵. Nele, o viajante, um intelectual exilado por causa da Segunda Guerra, percebe na paisagem árida

¹¹³ Ver primeira parte da **Introdução**.

¹¹⁴ Susan Buck-Morss comenta que, no fim do século XIX, os sócio-darwinistas aplicaram os conceitos da história natural darwiniana às discussões em torno da “evolução social”. Segundo ela, a idéia de “evolução” social, na verdade, glorificava o cego curso empírico da história humana. Proporcionava apoio ideológico ao status quo, afirmando que o capitalismo competitivo expressava a verdadeira “natureza” humana, que as rivalidades imperialistas eram o saudável resultado da inevitável luta pela sobrevivência, e que as “raças” dominantes se justificavam sobre a base de sua superioridade “natural”. Conclui a autora argumentando que dentro deste discurso pseudocientífico a denúncia da injustiça social se transformava em uma impossibilidade lógica (p.75). In. *The dialectics of seeing- Walter Benjamin and the arcades project*. Utilizo a versão em espanhol, *La dialéctica de la mirada - Walter Benjamin y el proyecto de las pasajes*. Trad. Nora Rabotnikof, Madrid, Visor, 1995).

¹¹⁵ “Patagonie” in. *Rio de la Plata - culturas, Roger Caillois - Julio Cortázar*, Revista do Centro de Estudos de Literaturas e Civilizações do Rio da Prata (CELCIRP), nº13-14, Paris, 1992. Texto publicado em *Le rocher de Sysiphe*. Paris, Gallimard, 1946.

Desse gênero de viajantes e relatos de viagem faria parte, também, o célebre *Tristes trópicos* de Lévi-Strauss, relato cujo foco não é a natureza, mas, sobretudo, a cultura e suas estruturas; esta narrativa sobre os povos primitivos faz-se emblemática para entendermos a própria formulação da antropologia estrutural que possui como ponto central a desconstrução da idéia de progresso das culturas, sobretudo a ocidental. Neste sentido, a antropologia constitui uma corrente de pensamento que poderíamos entender como a contra-face do positivismo clássico comtiano, apesar de abdicar, como este, de qualquer metafísica em prol da objetividade científica e da materialidade da linguagem. Porém, distancia-se deste no sentido de relativizar, a seu modo, a noção de complexidade e progresso das sociedades, mostrando que, dentro do seu sistema de signos, todas possuem a sua complexidade e evolução próprias, daí o caráter idealista e utópico da antropologia estrutural que, por sinal, reverencia a Rousseau como seu criador. Em “Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem” (in. *Antropologia estrutural dois*. Trad. Tania Jatobá, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993), Lévi-Strauss comenta que “longe de oferecer-se ao homem como refúgio nostálgico, a identificação em todas as formas de vida, começando pelas mais humildes, propõe, portanto, à humanidade de hoje, pela voz de Rousseau, o princípio de toda

e gélida a sorte nada feliz da metrópole. Não há, nem no vazio da Patagônia nem na Europa bombardeada, a imagem total e apreensível dos Açores pintada pelo viajante geólogo. O espelho para onde olha Caillois é outro: não reproduz a sua imagem total mas, ao contrário, apresenta-lhe uma imagem vazia, decepcionante:

“On distingue sur la rive qui s’approche les habitations les plus rudimentaires que puisse bâtir l’homme civilisé. (...). Ces maisons de tôle ondulée, correctement rangées en rues perpendiculaires, paraissent les plus vides de souvenirs et d’intentions qu’on puisse voir. (...). Il n’eût fallu qu’une fleur derrière un rideau ou qu’un rideau derrière une vitre. Il ne s’agit pas ici de pauvreté, mais d’absence¹¹⁶.”

Poderíamos argumenta que o Eu defrontado com a paisagem insólita elabora um relato em crise, ou melhor, crítico de sua situação de emigrado¹¹⁷. A princípio, na descrição acima, não sabemos se Caillois se refere ou às casas da Patagônia ou às de um campo de concentração. Porque tratam-se de casas sem traços de qualquer individualidade, sem passado, sem futuro, pura contingência como as que habitam os prisioneiros de uma guerra. Diríamos, deste modo, que o olhar melancólico do intelectual vê as casas da Patagônia como uma alegoria dos galpões construídos para abrigar os judeus prisioneiros do nazismo, que, diferentemente das casas de uma cidade pequena, “obéissent à une disposition uniforme”, justamente para facilitar o controle.

sabedoria e de toda ação coletivas; o único que, num mundo em que a superpopulação torna mais difícil, porém muito mais necessário o *respeito* recíproco, poderá permitir que os homens vivam juntos e construam um porvir harmonioso. (...). Numa sociedade civilizada não poderia haver desculpa para o único crime verdadeiramente inexprável do homem, e que consiste em acreditar-se permanentemente ou temporariamente superior e em tratar homens como objetos: seja em nome da raça, da cultura, da conquista, da missão, ou do simples uso de um expediente.” p.50.

Um estudo de grande fôlego sobre esta linhagem de viajantes do começo do século XX é o de James Clifford (*The Predicament of Culture*. op.cit.). Nele, Clifford aprofunda o que a partir de Malinowski e Ortiz entendemos como transculturação, a contaminação, na viagem real ou virtual européia, pela cultura do outro. Abordando viajantes como Michel Leiris, Victor Segalen, Alfred Métraux e outros etnógrafos, o autor mostra como suas viagens foram fundamentais para as inovações tanto no ensino das ciências humanas quanto na cultura e nas artes, assinalando, neste último caso, como elas perpassam as construções surrealistas.

¹¹⁶ Idem. p.20

¹¹⁷ O Eu, em Lacan (1949), sustenta-se a partir da imagem idealizada (antecipada) de si, especular e narcísica. O outro (*petit autre*) não passa, portanto, de um espelho a partir de onde o Eu vê sua imagem refletida e se constitui. Caso o outro ou o espelho, aqui em termos de paisagem, não lhe forneça uma imagem adequada de si, poderíamos pensar em uma sorte de crise ou angústia no Eu. Cf. Lacan, Jacques. “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je - telle qu’elle nous est révélée dans l’expérience psychanalytique” in. *Écrits*. Paris, Seuil (Point), 1994.

Entretanto, do mesmo modo que relaciona as casas da Patagônia às que servem de abrigo aos judeus, Caillois, metaforiza (*se transporta para*) os campos de batalha europeus. Assim, a imagem que encontra na Patagônia, como veremos na citação abaixo, é a de sua cidade, Paris, sitiada e destruída pelos alemães:

“On y rencontre des cadavres de moutons, que permettent de reconnaître quelques flocons de laine tremblant sur le squelette. Plus loin, on distingue les restes d’un phoque dont la fourrure sombre a mieux résisté à l’intempérie. Elle est crevée seulement par les puissantes palettes des nageoires et on voit les doigts parallèles qui les terminent, encore serrés comme pour chasser l’eau. Ou c’est un carcasse d’oiseau plus qu’à demi enfoncée dans le sable humide et d’où le vent arrache les dernières plumes. On dirait que la faune entière de la création a délégué là des représentants pour y mourir. (...) Cette plage est implacable pour la matière elle-même. Elle proclame avec éloquence une loi de destruction universelle et terrible. Les rumeurs de la guerre, les hécatombes et les incendies ne sont plus soudain un scandale et apparaissent plus tôt comme un hâte que rien ne rend nécessaire. (...). Tant de massacres affreux semblent bien conformes à l’ordre du monde. (...). Ainsi l’horreur des champs de bataille se trouvait confirmée par une étendue calme où chaque élément concourait à faire lentement retourner aux plus simples espèces la multitude des architectures délicates qu’une énergie divine habita¹¹⁸.”

Os cadáveres dos carneiros, das focas e dos pássaros sobre a praia deserta, à medida em que vamos lendo a descrição de Caillois, aproximam-se cada vez mais dos cadáveres humanos jazendo no campo de batalha, outra espécie de praia, a seu modo implacável, e que também proclama uma lei de destruição universal. Como vemos, o destino dos animais ilumina a reflexão sobre o destino dos homens, sobre o destino do mundo. Portanto, temos aqui uma aproximação entre barbárie e civilização, natureza e cultura. Se, nas primeiras frases, seu discurso poderia equivaler-se ao de Fouqué, no sentido em que aborda a natureza das terras áridas da Patagônia, os animais perecendo sem comida, no final, já não sabemos se Caillois refere-se realmente à planície argentina ou à sua própria condição de exilado, denunciando a barbárie do poder alemão sobre a sua ilha, a qual só pode ver a partir do lugar do outro.

¹¹⁸ Op.cit. p.20-22.

Com efeito, a diferença entre o relato de Fouqué e este de Caillois traduz-se no tipo de relação do viajante europeu com o espaço estrangeiro. Nesse caso, se, por um lado, devemos ler o cientista natural como um manipulador do espaço alheio que, porém, não se deixa jamais contaminar; ou seja, que observa o “viscoso¹¹⁹” à distância, colocando-o em tubos de ensaio; por outro, leríamos Caillois como um viajante que encarna o lugar do insular, apesar de ex-ilhado, e que, do seu lugar de resistência, se afasta do discurso do geólogo, aproximando-se - vendo-se através - da paisagem estranha.

Assim, os esforços de Fouqué para, em primeiro lugar, aprisionar (através do tubo) o gás e a população insulares, em segundo, examiná-los na metrópole e, em seguida divulgá-los através do relato são vistos de outro modo por Caillois: em face da destruição da guerra ele escreve que “l’homme, qui n’aime rien laisser perdre, fait exception pour les corps de ses semblables¹²⁰”. Em outras palavras, diríamos que o tubo em que Fouqué guardara o gás apreendido do vulcão serve agora de túmulo para o soldado morto. Todavia, a matéria humana no túmulo não conseguirá sobreviver nem à deterioração nem à mistura com seus “dissemblables”, em última instância, não irá sobreviver ao “viscoso”¹²¹.

Porque o homem, argumenta Caillois, “ménage avec sollicitude un asile net à leur coulée dégoûtante, comme s’il voulait empêcher le mélange de cette matière et de cette autre moins parent avec laquelle *inévitavelmente* il lui faudra se confondre¹²²”.

¹¹⁹ Cf. nota 68

¹²⁰ Idem. p.21

¹²¹ Viscoso descende de visco, planta européia que produz uma substância grudenta, uma cola. Neste sentido, argumentaríamos que o viscoso é também o que produz a mescla de duas substâncias distintas.

¹²² Idem. p.22. Meu itálico.

CAPÍTULO II

OUTRAS ILHAS MODERNAS : HETEROTOPIAS

Vous êtes maintenant suffisamment lesté pour un long et singulier voyage. La vapeur a sifflé, la voilure est orientée et vous avez sur les voyageurs ordinaires ce curieux avantage d'ignorer où vous allez. Vous l'avez voulu; vive la fatalité!

Baudelaire, *Les paradis artificiels*

2.1- Itinerário

As viagens e seus relatos constroem modos de olhar afastados ou deslocados do centro, transgridem os limites que separam metrópole e colônia e possibilitam a deriva do sujeito. As narrativas de viagem do século XIX produzem caminhos que por vezes, apesar de contraditórios, terminam se cruzando, ora na ilha, ora no mar - espaços geopolíticos e metáforas de desejos, de desejos de desejos (porque as viagens e seus textos implicam em uma intransitividade, em uma falta em ser do sujeito).

Se, por um lado, estes espaços alheios desmaterializam a matéria que viaja (texto e sujeito) incidindo sobre ela uma luminosidade estonteante, por outro, podem vir a circunscrevê-la no espaço do Outro da Lei, sob um regime escópico que, neste caso, chamaríamos de moderno - persecutório - à espera de uma resposta do sujeito, uma sujeição deste.

Não seria justo, no entanto, pensarmos estes processo apenas em termos dicotômicos, um binário fuga/entrada. Afinal de contas, tanto metrópole quanto colônia não estão em posições fixas onde as fronteiras são definidas *a priori*, mas em uma relação, processo que chamaríamos de pós-eventual. Pois, no circuito da viagem alguma coisa escapa: incidentes no percurso, informações secretas disseminadas, intoxicações,

envenenamentos¹²³. Há, aí, um olhar ambíguo que, no caso do relato de viagem, ao mesmo tempo que incorpora as leis de um comércio de exploração da alteridade e baseia-se nelas, vislumbra um outro viés desta alteridade que se traduz nas práticas antropófágicas e na idéia de pontos de fuga da civilização. Ainda mais quando os caminhantes (ou navegantes), antes de plantarem suas raízes nos lugares da partida talvez prefiram perdê-las, na ilha ou no mar.

O texto “Souvenirs d’un amiral” do almirante aposentado da marinha de guerra francesa E.Jurien de la Gravière, publicado na *Revue des Deux Mondes* em nove números, será o ponto de articulação para percebermos a viagem como metáfora de um desejo proliferante que se reverbera no rebaixamento das sensibilidades da poesia baudelairiana e na luminosidade impressionista de Manet, outro marinheiro¹²⁴, e, ainda, na poesia concebida enquanto artifício óptico, uma sorte de máquina de gozo moderna, como a máquina fotográfica que o poeta “insular” Cruz e Sousa utiliza como alegoria para os seus poemas em prosa.

Estas idas e vindas de continentais e insulares que vêm na viagem marítima, condição colonial, a possibilidade para a deriva significativa fazem-nos repensar, de certo modo, as próprias fronteiras entre relato de viagem, poesia e pintura, uma vez que, a partir do momento em que os sujeitos vagam, toda ilha que à princípio seria pensada de acordo com More como uma Utopia, transforma-se em uma Heterotopia, em uma ficção¹²⁵. Tal deve ser, neste sentido, meu interesse neste capítulo: armar uma ficção que envolva os quatro personagens supracitados (La Gravière, Baudelaire, Manet e Cruz e

¹²³ Ao pensar a formação da nação através de uma política postal em “Postal politics and the institution of the nation” (in. *Nation and Narration*. Org. Homi Bhabha. Nova Iorque, Routledge, 1995) Geoffrey Bennington percebe que “the letter, the aim of which was to order or subordinate a dispersion, runs the risk of being itself dispersed. This brings with it a proliferation of letters or *expéditions* wich all claim to avoid the dispersion of the first letter, to keep the secret of that expedition : alongside the sealed packet, there must be an order which states openly that the packet must not be opened (this order could be written on the outside of the packet), and later there must be a second order authorizing the opening of the packet which contains the real orders Too many *expéditions*, too much politics, too much post, too much secret : which, because of this very excess, opens and is lost.” p.126.

¹²⁴ Manet faz entre 1849 e 1850 uma viagem ao Rio de Janeiro no navio-escola da marinha francesa. Ver suas *Lettres du siège de Paris – précédées des lettres du voyage à Rio de Janeiro*. Paris, Éditions de l’Amateur, 1996.

¹²⁵ Utilizo aqui o conceito de heterotopia a que se refere Michel Foucault no prefácio de *Les mots et les choses* (Paris, Gallimard, 1966) e em uma conferência de 1967 intitulada “Des espaces autres” (in. *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 1994). Este conceito fora revisitado recentemente em alguns artigos de uma

Sousa) e cujos campos de ação sejam mar, ilha e metrópole: meio de transporte, ponto de fuga, espaço de errância. E o enredo sendo a travessia, ou melhor, o atravessamento dos olhares destes viajantes, teríamos como fio condutor uma política do olhar que propõe um constante reconfigurar de fronteiras.

2.2- *Baú de pirata*

“Souvenirs d’un amiral”, em português “Recordações de um almirante” é, antes de um relato de viagens através do espaço, um texto de memórias, um relato de viagens através do tempo. À primeira vista, teria a função de passar para os mais jovens, marinheiros e governantes, as lições de um almirante aposentado, a sua experiência nas expedições coloniais (enquanto vivência, para usarmos um termo de Walter Benjamin) e, sobretudo, o seu patriotismo. Assim, o texto memorialista, ao contrário do autobiográfico, estaria centrado antes no acontecimento do que na pessoa. Tratar-se-ia de um texto que, segundo Georges May, fala do que é público¹²⁶, do que faz parte da história coletiva: La Gravière narra as expedições coloniais da marinha de guerra francesa.

Há, no entanto, como veremos mais adiante, uma implicação individual no texto que extrapola o seu caráter coletivo. Dito de outro modo, se o texto memorialista vincula-se à *praxis* cotidiana do exercício profissional, o do marinheiro em questão, que suporíamos autobiográfico, aponta para uma relação antes de tudo passional com o mar e com a marinha, motivo pelo qual é produzido já na velhice, quarenta anos depois das viagens empreendidas pelo autor.

Daí não poder ser entendido como um relato de viagens *tout court*, pois apesar da elaboração deste último ser, da mesma forma, *a posteriori*, ela se dá *logo* após a experiência da viagem. Contudo, May irá frisar que “de todos os gêneros ou subgêneros anexos ou conexos às memórias e ao periodismo, aos que a autobiografia não cessa de

edição da revista *Critique* (tome LIV, nº613-614, juin-juillet, 1998) cujo título é *Jardins et paysages*. Tanto aos textos de Foucault quanto aos artigos da revista pretendo recorrer ao longo do texto.

¹²⁶ May, Georges. *La autobiografia*. Trad. de Danubio Torres Fierro, Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1982.

tomar como modelos, existe um que parece gozar de um privilégio excepcional: a narração de viagens¹²⁷”. Como o autobiógrafo apoia-se quase sempre em uma documentação pessoal - no nosso caso o diário escrito enquanto viaja¹²⁸ - este gênero acaba sendo determinante na produção da autobiografia e constitui parte dela; sobretudo quando, segundo May, há casos em que a vida que se leva depende de maneira quase direta do cenário em que se desenvolve.

Souvenirs d’un amiral” se nos apresenta, portanto, como uma mala de fundo falso, ou um baú de pirata com vários compartimentos. É, sem dúvida, uma empreitada nada fácil ancorá-lo em um determinado gênero. Afinal, o que aí se narra? A história da vida de um almirante, com suas peripécias e provações? A história da marinha? A história da França e de suas conquistas coloniais? Ou, ainda, não seria este relato a condensação do pensamento utópico dado a partir de um fora que, da mesma forma que fez o homeopata francês Benoît Mure ir à península do Saí pôr em prática as idéias de Charles Fourier, aponta para a decrepitude do pensamento ocidental e para a necessidade de uma alteridade radical que o revigore e o ressignifique?

Para Georges May, “um dos objetivos perseguidos pelo autobiógrafo é (...) o de recobrar o movimento de sua vida¹²⁹” e, no caso de La Gravière, de uma vida que se constrói a partir da navegação e da marinha. Temos, portanto, não um relato apenas, ou um único texto, mas “une permutation de textes, une intertextualité” onde, “dans l’espace d’un texte plusieurs énoncés, pris à d’autres, se croisent et se neutralisent¹³⁰”.

No entanto, o que possibilita o cruzamento, o transporte dos vários enunciados aos quais se refere Julia Kristeva é, justamente, o mar. Como espaço de troca, o mar possibilita tanto o relato quanto a vida, a vida enquanto relato. Nas últimas páginas de suas recordações, o almirante escreve:

¹²⁷ Idem. p.162

¹²⁸ Em alguns momentos do seu relato, o almirante refere-se a um documento que teria sido entregue aos superiores da marinha logo após a viagem, o qual, poderíamos supor, tratar-se-ia de um diário de bordo.

¹²⁹ Op.cit., p.33.

¹³⁰ Kristeva, Julia. *Recherches pour une sémanalyse (extraits)*. Paris, Seuil, 1969, p.195.

“C’est à la mer que j’ai dû mes premières émotions; c’est elle qui m’a fait homme, qui m’a nourri, qui console encore mes vieux jours par les souvenirs qu’elle m’a laissés¹³¹”.

O nostálgico tributo ao mar da citação acima, conota uma outra sorte de viagem cujo papel seria o de suprir o movimento espacial que se extingue (ao menos para o almirante) com o movimento temporal. Não seria este o papel da autobiografia? Reconstruir itinerários, reviver travessias, fazer o narrador “gozar da voluptuosidade da recordação¹³²”? Enquanto texto que coloca aquele que escreve em dois lugares, o que ele foi e o que ele é, a autobiografia rompe com uma continuidade e, deste modo, reconfigura a experiência da viagem marítima e do trânsito, que é a própria idéia de texto segundo Roland Barthes: “... o texto é um campo metodológico (...); a obra segura-se na mão, o texto mantém-se na linguagem: ele só existe tomado num discurso (...). Ou ainda: *só se prova o texto num trabalho, numa produção*. A consequência é que o Texto não pode parar (por exemplo numa prateleira de biblioteca); o seu movimento constitutivo é a *travessia* (ele pode especialmente atravessar a obra, várias obras)¹³³”.

Assim, a viagem no espaço marítimo (percurso) e o texto autobiográfico (discurso) se (con)fundem no movimento desta *recherche du temps perdu* que empreende *textualmente* o almirante. O fluxo da memória é o das águas por onde passa. Não há, neste caso, a certeza de que “se permaneceu fiel a si mesmo e que a preciosa identidade do eu continua intacta¹³⁴” pois as duas noções de viagem (temporal e espacial) e de texto apresentam-se sob a égide da incompletude e, portanto, da não-identidade. Incompletude que pode ser detectada, desde já, na própria falta de um programa para a marinha francesa, instituição patrocinadora da viagem:

“L’absence d’un programme nettement posé me paraît expliquer suffisamment les périlleuses expériences dont nous avons eu en trop d’occasions à souffrir. Dès qu’on sait où on veut arriver, on s’applique naturellement à ne pas faire de détours inutiles. Si au

¹³¹ “Souvenirs d’un amiral – La marine de la Restauration – Les dernières années de la vie d’un marin” in. *Revue des Deux Mondes*, XXX^{ème} année, 2^{ème} période. Tome 26^{ème}, Paris, 1860. p.590

¹³² *La autobiografia*. Op.cit. p.55.

¹³³ “Da obra ao texto” in *O rumor da língua*. Op.cit. p.72-73.

¹³⁴ *La autobiografia*. Op.cit., p.65

contraire on erre à l'aventure, on ne craint pas changer à chaque instant de sentier¹³⁵”.

Proponho que sigamos o percurso instável desta mescla de texto memorialista, relato de viagens e autobiografia. Estamos, ao menos, prevenidos dos múltiplos desvios que podemos tomar quando de nossa passagem por ela, quando de nosso gesto de abrir este baú.

2.3- *Do mar às ilhas*

O momento da viagem de La Gravière aos mares do Sul é o da emancipação das colônias da América do Sul¹³⁶ e o da disputa destas entre franceses e ingleses para saber quem detém o controle comercial sobre elas. Neste sentido, seu texto se nos apresenta sob a égide da luta pelo espaço colonial:

“Les riches colonies qu’avait fondées l’Espagne dans ces contrées lointaines proclamaient l’une après l’autre leur indépendance, et la liberté du commerce y succédait au monopole jaloux qui les avait exploitées pendant trois siècles. Le devoir de la France était de revendiquer sa part des avantages que promettait à l’industrie européenne ce nouvel état de choses. Les Anglais, fidèles à leurs traditions, avaient pris sur nous les devants¹³⁷”.

Contudo, para uma melhor análise da deriva do texto do marinheiro e do seu clímax, situado na descoberta da ilha como um lugar avesso à homogeneização do planeta, paradoxal em relação ao seu olhar colonizador¹³⁸, proponho que voltemos ao texto que antecede a campanha nos mares do sul e que narra uma expedição “anglo-francesa”, um momento raro em que os dois países, França e

¹³⁵ “Les derniers années de la vie d’un marin”.p.563

¹³⁶“La marine de la restauration – une campagne dans la mer du sud.” in. *Revue des Deux Mondes*, XXX^{ème} année, 2^{ème} période. Tome XXV^{ème}, Paris, 1860. p. 637-663.

¹³⁷ Ibidem. p.636-637.

¹³⁸ Do monarca que tudo vê, se utilizamos a expressão de Mary Louise Pratt em *Imperial eyes* (op.cit.).

Inglaterra, têm que se unir para impedir a pirataria na Argélia, na Tunísia e em Trípoli¹³⁹. No contraste das duas expedições tentarei perceber o *détour* da viagem.

O tom colonizador da missão a estas “régences barbaresques” prolonga-se durante todo o relato deste evento diplomático no qual La Gravière atua em conjunto com a Inglaterra, “l’*enemi naturel et invétére de la France*”. Paixões à parte, este trecho é da ordem do que é público, do que constitui a história coletiva dos povos e, em última instância, reivindica a quimera de uma “pax” universal, a saber, “que la France et l’Angleterre devaient s’unir étroitement pour assurer le bonheur et la tranquillité de l’Europe”.

No caso, esta passagem liga-se diretamente a um texto de Jules Michelet intitulado “La conquête de la mer¹⁴⁰” onde o autor escreve que “la mer, qui commença la vie sur ce globe, en serait encore la bienfaisante nourrice, si l’homme savait seulement respecter l’ordre qui y règne, et s’abstenait de le troubler. (...). Il faut que la France, l’Angleterre, les États-Unis, proposent aux autres nations et les décident à promulguer toutes ensemble un *droit de la mer*. Il faut un code commun des nations applicable à toutes les mers, un code qui régularise non-seulement les rapports de l’homme à l’homme, mais ceux de l’homme aux animaux¹⁴¹”.

Dito de outro modo, o que propõe Michelet é um sistema de controle em nível global, o mesmo que o almirante tenta implantar junto com o comandante da fragata inglesa nos países africanos que visitam: “la volonté des puissances”. Instituído o controle, La Gravière regulariza o comércio marítimo e impede a pirataria, ao mesmo tempo que transforma o mar em um espaço livre, sem resistência, para a venda disseminada dos produtos europeus. No entanto, ele próprio parece não confiar totalmente nesse direito universal do mar que prevê Michelet em seu texto, e o traduz como “ce beau rêve de quelques esprits habitués à tenir trop peu de compte des passions

¹³⁹“Souvenirs d’un amiral – La marine de la Restauration – Une expédition anglo-française après 1815” in. *Revue des Deux Mondes*, XXX^{ème} année, 2^{ème} période, tome 25^{ème}, 15 janvier, 1860. p.337-364.

¹⁴⁰ In. *Revue des Deux Mondes* (XXX^{ème} année, 2^{ème} période. Tome 31^{ème}, 1861. p.91-117.). Em nota de rodapé o editor da *Revue* escreve: “Ce brillant tableau des premiers progrès de la grande navigation fait partie d’un ouvrage que M. Michelet doit publier sous ce titre: *La mer*, et qui continuera dignement ses belles études d’histoire naturelle”. p.91. Com efeito, “La conquête da la mer” é o terceiro capítulo de *La mer*. Ver ed. estabelecida por Jean Borie, Paris, Gallimard (Folio), 1983.

¹⁴¹ Idem.p.114-115.

humaines”. E, veremos, a sua crença se abalará ainda mais na viagem seguinte onde as instituições parecem não conseguir administrar os instintos.

De qualquer forma, permanecerá o mesmo objetivo comercial da missão anterior. O que muda é o roteiro. Trata-se agora de “Une campagne dans la mer du sud¹⁴²”, em direção aos países da América do Sul. Porém, junto à missão comercial, haveria uma outra tarefa a ser levada a termo: acompanhar e recolher informações que pudessem esclarecer o governo francês da Restauração sobre o movimento revolucionário das colônias. Uma atribuição delicada, segundo La Gravière, mas que, ao mesmo tempo, o deixara orgulhoso devido à sua importância: “le fait capital de la période qui sépare la chute de l’empire de la révolution de juillet¹⁴³”. Porém, o mais importante não seria apenas observar e relatar a expedição ao rei. Para ele, e isto devemos sublinhar, “*il y avait aussi d’intéressants souvenirs à se promettre d’une semblable campagne*”.

Em outros termos, a expedição serviria também para alimentar as memórias, o relato autobiográfico, ou seja, a escritura pessoal de La Gravière. Temos o relato como uma promessa de algo interessante. Se pensamos que este texto foi escrito quarenta anos depois da viagem propriamente dita, concluímos que esta expedição aos mares do sul, em plena revolução, entra aqui não apenas como o testemunho distanciado de um evento e de uma situação comercial que precisavam se resolver mas, sobretudo, enquanto experiência de confronto de culturas, na qual o próprio narrador estaria e está implicado¹⁴⁴.

Para tanto, basta percebermos o relato da ilha de Santa Catarina que ele recorta para suas memórias quando de sua passagem pelo Brasil. Este trecho, embora longo, deve ser citado quase na íntegra, pois, como veremos, é fundamental para a análise que estou empreendendo.

¹⁴² “La marine de la restauration – une campagne dans la mer du sud” in. *Revue des Deux Mondes*, XXX^{ème} année, 2^{ème} période. Tome XXV^{ème}, Paris, 1860. p. 637-663..

¹⁴³ *Idem*. p.638.

¹⁴⁴ Trata-se, penso, de uma implicação que se dá, sobretudo, *a posteriori*, no momento da construção das suas memórias, uma vez que o autobiógrafo, afirma Goerges May, em obra já citada, não consegue escapar do presente em que escreve a fim de recuperar plenamente o passado que narra. Por outro lado, devido às minúcias das narrações, cabe-nos pensar que ele baseou-se em documentos e diários de bordo que foram reproduzidos quase integralmente.

“Avant de me diriger sur l’embouchure de la Plata, j’avais résolu de m’arrêter dans la baie de Sainte-Catherine. Je savais que j’y trouverais un excellent mouillage, et j’attachais un grand intérêt à connaître les ressources que cette baie profonde pouvait offrir à nos croiseurs en temps de guerre. L’île de Sainte-Catherine, située par 27 degrés de latitude, presque à la limite de la zone tropicale, est séparée du continent par un détroit large au plus de deux ou trois lieues; elle présente une longueur de neuf lieues sur une largeur de deux lieues et demie. Les bords en sont généralement escarpés; l’intérieur, inégal, montueux, coupé par une infinité de ruisseaux, offre partout le spectacle de la végétation la plus vigoureuse. Le climat de Sainte-Catherine rappelle celui des fabuleuses Hespérides. La température y est douce, l’air sec et salubre. Le sol peut recevoir avec un égal avantage les productions des deux zones.

Les habitants de Sainte-Catherine, lorsque je les visitait, n’avaient eu presque aucune relation avec les Européens. Un sol complaisant fournissait sans peine à leurs besoins : ils ne lui demandaient pas davantage. Sur la lisière odorante d’un bois d’orangers, dont les fruits abandonnés jonchaient partout la terre, chaque famille se contentait de défricher un étroit espace de terrain pour y bâtir une modeste cabane et y semer un peu de blé ou de maïs. Des volailles, quelques bestiaux, et surtout les produits de la pêche, ajoutaient de faciles ressources à cette récolte. Le poisson, préparé et séché au soleil, était mis en réserve pour les mauvais jours de l’hiver. L’existence matérielle se trouvait ainsi assurée. Les vêtements mêmes étaient tissés avec le coton indigène. Ces heureux insulaires sont originaires des Açores, qu’ils ont abandonnées pour fuir les exigences et les exactions de la métropole. Comme tous les peuples dont la vie est facile, ils sont doux, affables, hospitaliers. L’admirable climat de Saint-Catherine n’a fait que fortifier une race chez qui le sang des Maures s’unit à celui des Germains. Les femmes sont généralement belles; les hommes ont le teint brun, les traits réguliers, les membres vigoureux et souples. Le gouvernement portugais n’avait pas encore établi d’une façon bien complète son autorité dans cette île. Le recrutement militaire y rencontrait surtout d’opiniâtres résistances. Les habitants se cachaient dans les bois pour échapper à un service qui leur était odieux. Un bataillon de huit cents hommes venait d’être envoyé de Bahia pour les faire rentrer dans le devoir ...¹⁴⁵”.

O primeiro ponto que chama a atenção nesta passagem é a preocupação com os detalhes: a geografia, o clima, a agricultura, a pecuária, os costumes, o caráter e o porte físico dos habitantes. Nenhum dos lugares visitados pelo almirante, ao menos nestes três

¹⁴⁵ Op.cit. p.646-641.

últimos relatos da série, ganha a mesma relevância. O Chile, talvez, mas antes pelas suas minas de prata e cobre do que pela sua posição geográfica e belezas naturais. A Ilha de Santa Catarina é, por sua vez, descrita com minúcia, como se fosse o próprio paraíso terrestre, parado, no meio do Oceano Atlântico. Trata-se de um isolamento que é perceptível na escrita mesma das memórias, pois nem a distância temporal entre a viagem de 1820 e a escrita autobiográfica em 1860 parece ter importância. A sensação que tem o leitor é de que a ilha ainda está lá, com suas mesmas características, com seus mesmos habitantes, quem sabe, esperando, também, pelos possíveis habitantes europeus. Notemos, por exemplo, a mistura de tempos verbais, no presente e no passado, que dão à descrição uma aparência de ruptura em relação ao texto autobiográfico padrão. Enquanto este descreveria o passado como algo que está cristalizado, o texto de La Gravière faz uso da descrição para apontar para linhas de fuga que diminuem à medida que as idéias utilitárias e o mundo industrial avançam e se ampliam em quase toda a Europa. (Não esqueçamos que o texto que estamos analisando é escrito na velhice e na aposentadoria, momento em que o almirante já não representa nada, nem para a sociedade, nem para a marinha. Suas memórias giram em torno da importância da marinha de guerra para a França, justamente em um período em que o que importa realmente é a marinha mercante vinculada ao crescimento da indústria).

Com efeito, a descrição entusiasmada e minuciosa da ilha, onde habita um povo feliz, quase sem relação com europeus, um povo de dupla raça, com mulheres belas, homens com traços regulares, onde a alimentação abunda e a existência material está assegurada faz antever uma das motivações, das quais fala Georges May¹⁴⁶, para a escrita da autobiografia: a angústia em relação ao futuro. Sentimento que é partilhado, em grande parte, pelos utópicos socialistas desde a primeira metade do século e que faz com que vários deles ensaiem, no continente americano, novas formas de vida. Segundo Carlos M. Rama, “a lo largo de toda América el intento de vida comunitaria en colonias utópicas implica un rechazo del incipiente industrialismo, o por lo menos de su versión paleotécnica capitalista, y la búsqueda de nuevos valores, como son la vuelta a la naturaleza, la renovación de la sentimentalidad y de las emociones, la promoción de la

¹⁴⁶ Op.cit.

solidaridad con la superación de la lucha de clases, del egoísmo individual y el espíritu de lucro¹⁴⁷.”

Se prestamos atenção na descrição da ilha, percebemos que a idéia de uma sociedade harmoniosa, sem ambições materiais, uma comunidade semi-primitiva mas ao mesmo tempo forte no que diz respeito a seu desejo de liberdade, à sua beleza física e à sua resistência ao jugo da metrópole (foram necessários 800 homens para fazer os habitantes entrarem no serviço militar) não deixa de se referir aos intentos dos utópicos socialistas¹⁴⁸. Estes almejavam uma propriedade comum dos bens de produção, com a divisão do consumo (cada família se contentava com um pequeno pedaço de terra) e baseada no amor livre que, segundo Rama, seria mais viável “en las soledades americanas que en el anquilosado mundo de control social europeo¹⁴⁹”.

Contudo, se os espaços utópicos não se realizam e se apresentam, dicotomicamente, ou como o inverso da sociedade ou como a sociedade aperfeiçoada, seria válido lançarmos mão do conceito de heterotopia - desenvolvido por Michel Foucault em pelo menos dois textos, em *As palavras e as coisas* e em uma conferência de 1967, “Des espaces autres”¹⁵⁰ - para pensarmos a produção textual, a ficção produzida pelo marinheiro via memória como um espaço factível que foge à norma da sociedade industrial¹⁵¹ ao mesmo tempo que está inserido nela, na *Revue des Deux*

¹⁴⁷ *Utopismo socialista (1830-1893)*. Prólogo, seleção, notas e cronologia Carlos M. Rama. Biblioteca Ayacucho, Venezuela, 1987. p.XVII.

¹⁴⁸ Os quais, não nos custa lembrar, figuravam de algum modo nas páginas da *Revue des Deux Mondes*. Cf. na **Introdução**, parte I, referência aos textos sobre Charles Fourier.

¹⁴⁹ Idem. p.XVIII.

¹⁵⁰ Neste texto, segundo Foucault “les utopies, ce sont les emplacements sans lieu réel. Ce sont les emplacements qui entretiennent avec l’espace réel de la société un rapport général d’analogie directe ou inversée. C’est la société elle-même perfectionnée ou c’est l’envers de la société, mais, de toute façon, ces utopies sont des espaces qui sont fondamentalement essentiellement irréels.

Il y a également, et ceci probablement dans toute culture, dans toute civilisation, des lieux réels, des lieux effectifs, des lieux qui sont dessinés dans l’institution même de la société, et qui sont des sortes de contre-emplacements, sortes d’utopies effectivement réalisées dans lesquelles les emplacements réels (...) sont à la fois représentés, contestés et inversés, des sortes de lieux qui sont hors de tous les lieux, bien que pourtant ils soient effectivement localisables. Ces lieux, parce qu’ils sont absolument autres que tous les emplacements qu’ils reflètent et dont ils parlent, je les appellerai, par opposition aux utopies, les hétérotopies” (p.755-756). in. *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 1994.

¹⁵¹ Em *A invenção do cotidiano – artes do fazer* (Trad. Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Vozes, 1994) Michel de Certeau assinala que “a uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.” p.39

Mondes, e cuja armação significativa elaborada a partir do olhar depositado sobre o território insular metaforiza um espaço desviante, de *détour*. (Não esqueçamos que grande parte ou até mesmo a maioria dos textos da *Revue* reivindicam a exploração e ocidentalização dos países da América Latina).

São vários estes espaços desviantes que Foucault utiliza para exemplificar o seu conceito de heterotopia: o cemitério, o asilo, as colônias jesuíticas, o motel, o jardim. Este, juntamente com o teatro e o cinema, encarnariam o que ele chama de terceiro princípio da heterotopia, “le pouvoir de juxtaposer en un seul heu réel plusieurs espaces, plusieurs emplacements qui sont en eux-mêmes incompatibles¹⁵²”.

Neste sentido, o trecho em que La Gravière rememora sua passagem pela ilha de Santa Catarina funciona como um jardim, microcosmo que acolhe espécies de todos os lugares: “La canne à sucre, le caféier, le bananier, l’ananas, le tabac, s’y cultivent à côté du pêcher et de toutes les plantes potagères de l’Europe. (...)..” A ilha é um espaço textual, de mescla significativa, um jardim composto de plantas europeias e nativas. Há nela, de certo modo, um perigo constante de diluição das fronteiras entre os significantes, do *e*, do *no*, e do *sobre* como na enciclopédia chinesa descrita por Borges: “il était certes improbable que les hémorroïdes, les araignées et les ammobates viennent un jour se mêler sous les dents d’Eusthènes, mais, après tout, en cette bouche accueillante et vorace, ils avaient bien de quoi se loger et trouver le palais de leur coexistence¹⁵³”. Na ilha do marinheiro, os frutos se encontravam espalhados pela terra, os peixes secavam ao sol, o exército não conseguia controlar os habitantes. Elabora-se assim, uma ordem outra, possível apenas no não-lugar da linguagem, da ficção; ou ainda, como lembra Foucault, no gesto angustiante do afásico que tenta em vão separar as cores do carretel de lã¹⁵⁴ (e afasia lembra-nos, justamente, ruptura, vazio, espaço de exceção ao código comum).

Por mais que o jardim esteja atravessado pelo espaço da sociedade ele é, antes de tudo, uma composição das viagens. Traz-se o espaço alheio para dentro de quatro paredes, da mesma forma que, na elaboração do relato de viagens traz-se a matéria colonial. A tensão deste “contra-espaço” com o espaço cotidiano é, neste caso,

¹⁵² Op.cit. p.758. Funcionam como a ficção: montagem, justaposição de imagens, citação.

¹⁵³ *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard, 1966. p.8

¹⁵⁴ Idem.

proporcional ao grau de contaminação pelo outro. É marcada pela ruptura, pela brecha que abre este heterotopo no ordinário da metrópole. Segundo Jean-Philippe Antoine em “Les pas de la mémoire¹⁵⁵”, ao analisar o estudo de Pierre-Antoine Fabre, “Lieu de mémoire et paysage spirituel”,

“[Le jardin] est lieu de l’expérience vécue d’un excès de l’espace par rapport à sa construction, d’une ouverture qui donne à penser, à méditer. Les métaphores de la culture, de l’entretien de l’âme jardin, tout comme celle de la promenade, ont ici leur efficace : entretenir son jardin, c’est permettre aux ‘bonnes’ pensées d’éclorre naturellement. Mais le jardin est aussi, et d’un seul tenant, *lieu de trouble*. Dans les parcours réglés proposés par le traité, il est lieu de passage *et* d’indirection, de perte des polarités haut/bas, comme le dit un beau passage pascalien de Richeôme. Il défait alors l’organisation réglée des lieux de mémoire architecturaux que construisait la visite guidée des bâtiments du noviciat, et des peintures qui en occupent certains lieux. Les jardins, ‘tableaux de nature’, forment une surface d’inscription où les trajets ne sont pas réglés d’avance, d’où leur rôle dans les processus de construction libre du sujet spirituel, par opposition aux peintures ou ‘tableaux de vue’, où les peintres ont déjà créé pour l’œil des itinéraires. Le jardin est donc d’un seul tenant lieu du trouble de la mémoire (organisée) et lieu de sa constitution-en-procès.¹⁵⁶”

Se o texto-jardim de La Gravière (refiro-me, sobretudo, a esta passagem sobre a Ilha de Santa Catarina) pode ser lido como *lieu de trouble* dentro da instituição da *Revue des Mondes*, o que dizer de uma coletânea de poemas publicada cinco anos antes, no mesmo periódico, sob o nome de *Les Fleurs du mal*¹⁵⁷, de Charles Baudelaire? Meu propósito em seguida é demonstrar como estes heterotopos se cruzam e formam uma

¹⁵⁵ “Le jardin et les secrets du monde”. *Critique*, juin-juillet 1998, tome LIV.

¹⁵⁶ *Idem*. p.331

¹⁵⁷ XXV^{ème} année, seconde série de la nouvelle période, Paris, 1855, p.1079-1093. Os editores da *Revue* escrevem em nota de rodapé, na página que inicia *Les fleurs du mal*, uma sorte de justificativa para tão ousada publicação, o que, como podemos notar, a coloca como um contra-lugar: “En publiant les vers qu’on va lire, nous croyons montrer une fois de plus comment l’esprit qui nous anime est favorable aux essais, aux tentatives dans les sens les plus divers. Ce qui nous paraît ici mériter l’intérêt, c’est l’expression vive et curieuse même dans sa violence de quelques défaillances, de quelques douleurs morales que, sans les partager ni les discuter, on doit tenir à connaître comme un des signes de notre temps. Il nous semble d’ailleurs qu’il est des cas où la publicité n’est pas seulement un encouragement, où elle peut avoir l’influence d’un conseil utile, et appeler le vrai talent à se dégager, à se fortifier, en élargissant ses voies, en étendant son horizon.” p. 1079. Na seção “Notes et variantes” de *Baudelaire – Oeuvres Complètes*. Paris, Gallimard, 1961, temos: “La rédaction de la *Revue* avait fait précéder les poèmes de Baudelaire d’une note prudente due, croit-on, à Émile Montégut”. p.1505.

sorte de rede ficcional que, esta mesma sendo um heterotopo, desmaterializa, através do convite à viagem e da intoxicação, a matéria da metrópole.

2.4 - *Paraísos artificiais*

Apesar de já ter anunciado minha intenção para este segmento, gostaria de aprofundar um pouco mais a interpretação do relato de viagem e, no momento exato, abordar os poemas, pois, como veremos, ao longo de sua rememoração, o almirante utilizará um significante que ao figurar também na poesia de Baudelaire fará com que, como em um jogo de espelhos, aproximemos poesia e relato¹⁵⁸.

Ao longo das lembranças de sua passagem pelas províncias que se revoltavam contra a metrópole, La Gravière parece inconformado com o fato de províncias tão novas estarem querendo implantar uma república:

“L’instinct du *self-government*, il faut bien le reconnaître, n’a pas été départi à tous les peuples aussi largement qu’aux Américains du Nord. Il est des peuples éternellement enfans qui semblent demander une tutelle. (...). Je ne suis pas plus qu’un autre insensible aux charmes de la liberté; mais je ne crois pas qu’un honnête homme puisse se sentir véritablement libre dans un pays qui ne connaît plus le respect des lois¹⁵⁹”. (p.645)

Percebemos, neste trecho, uma comparação que perpassará toda esta parte da autobiografia, dedicada às revoluções da América do Sul. Para o marinheiro, tais revoluções não estão no nível da dos americanos do norte pois são mais instintivas do que racionais. São feitas por países que ainda não estão preparados para se auto-governarem, portanto, a tutela, ou o governo de um chefe de Estado de “grand nom”

¹⁵⁸ A idéia de um jogo especular não pressupõe uma origem ou uma conexão essencial entre os significantes. Como diz Jacques Derrida em *La dissémination* (Paris, Seuil, 1972) todo espelho é espelho de espelho, ou seja, já supõe um outro. Sob este prisma, Jacques Derrida comenta que: “toutes les oppositions qui tiennent à la distinction entre l’originnaire et le dérivé, le simple et la répétition, le premier et le second, etc., perdent leur pertinence dès lors que tout ‘commence’ par suivre le vestige”.p.367. Em outras palavras, este vestígio, ou espelho, que apresentar-se-á tanto no relato de viagem quanto na poesia, tem um sentido provisório pois só vale para *este* texto, para a armação que faço e não um sentido que lhe teria dado uma voz original.

¹⁵⁹ Op.cit.

seria a única solução para o problema. É notável, pois, nesta passagem, uma forte idéia de evolução que constitui a base do pensamento hegemônico do período no Ocidente. Do mesmo modo, a verdadeira liberdade, do ponto de vista do almirante, só é possível com uma lei que seja respeitada por todos, com uma moral que sirva de base para toda a sociedade que almeja o progresso. O almirante aparece, deste modo, reinserido no discurso do europeu civilizado, partidário da indústria e da ciência. Já não há mais para ele a necessidade de um ponto de fuga do controle da metrópole, pois ele é a própria metrópole.

Entretanto, quase no fim das suas recordações da viagem à América, as premissas iniciais se destróem. As questões da experiência e da viagem reformulam-se. Na sua passagem por Cuba, outra ilha, a lembrança de seu estado de revolução permanente contra os entraves que a Espanha colocava ao seu comércio, faz com La Gravière repense a sua moral e a civilização:

“Pourquoi donc vouloir échanger cette prospérité qui ne fait que s’accroître contre le vain mirage d’une situation meilleure? C’est ainsi que parlent les sages; par malheur la philosophie des peuples leur a depuis longtemps enseigné un autre logique. L’ivresse hébète les sens, l’ivresse abrège la vie. Faut-il donc pour cela renoncer au plaisir de s’enivrer? L’homme, cet être raisonnable dont se rit tristement le poète, a besoin d’un excitant nerveux, vin, alcool, opium, ou changements politiques. Vous le trouverez toujours de l’avis du chantre de Don Juan:

And the best of life is but intoxication.^{160,}

Como podemos ler, ao ironizar a sabedoria e a razão humanas e acreditar na intoxicação como uma outra lógica, ou uma lógica do outro, La Gravière professa uma noção de revolução e de modernidade que não estão na indústria ou nas instituições ocidentais, mas antes, no instinto e no que pode excitá-lo ou expandi-lo. Com isto, ao contrário de acreditar em um modo de olhar que domina, que coloniza, o almirante evidencia um olhar interior, dominado, ou melhor, embriagado (*enivré*). Assim, a narrativa desloca-se da multidão das avenidas (metrópole) em direção ao isolamento, à insula, lugar ideal para a poesia, onde, como diria Charles Baudelaire em seu poema

¹⁶⁰ Op.cit.p.660.

“Invitation au voyage”, “tout est calme, luxe et volupté”. Apesar de que, para aí chegar, seja necessário (ao marinheiro) *s’enivrer* - embriagar-se – de álcool, de ópio, de haxixe, ou de olhar. E é justamente a intoxicação pelo olhar que domina “Voyage à Cythère”, um outro poema da edição de *Les fleurs du mal* que aparece na *Revue des Deux Mondes*.

Teríamos, portanto, dois poemas de Baudelaire cujo tema central é a viagem. Mas a viagem atravessada pelo significante *s’enivrer* que aparece em um deles e que amarra¹⁶¹ o texto de La Gravière com os de Baudelaire. Enquanto metáfora, ao mesmo tempo que pára o deslizamento significante, este verbo nos proporciona uma nova interpretação, um novo desenvolvimento de verdade. Para levar a termo tal interpretação, pretendo no que segue lançar mão de uma reconstrução heterogenética que perpassada pelo olhar da psicanálise lacaniana terá ainda mais pertinência. Esta hibridez teórica talvez ajude a dar uma outra luminosidade aos poemas de Baudelaire.

Em 1957, quando postula as leis da linguagem no célebre “A instância da letra”, Lacan já não pensa mais o desejo como desejo de reconhecimento¹⁶², mas como falta e substitui palavra plena e palavra vazia por metáfora e metonímia. O sujeito, agora, aparece como barrado, não se completa mais na palavra que lhe vem do Outro. Trata-se de um sujeito esquivo, atópico, sujeito de desejo e seu sonho é a metáfora que o analista deve decifrar para perceber o mais além do sentido expressado no dizer do sonho. A metáfora do sonho faz surgir o sentido do desejo, faz presente o sujeito como sentido de desejo, como desejo. O sujeito da análise é o sujeito que deve assumir-se como desejante, ou seja, como falta. Assim, analisar um sonho é dizer de que desejo se trata. Do mesmo modo que analisar um poema poderia ser um modo de perceber o desejo de quem escreve. Quando analisa o texto da “Bela açougueira” de Freud, Lacan percebe que a partir da substituição de “caviar” por “salmão defumado” aparece o desejo da histérica.

¹⁶¹ Lembremos da idéia lacaniana de ponto de estofa (*point de capiton*), o que faz uma lei e permite uma interpretação, ou seja, uma significação. Em outras palavras, a análise que empreendo.

¹⁶² Ao elaborar as leis da palavra, o simbólico e a sua primeira teoria do sujeito, por volta de 1953 quando começa seu ensino, Lacan dirá que o sujeito, enquanto desejo de reconhecimento, emerge na palavra plena, na palavra que faz ato e não na palavra vazia situada no eixo imaginário. Assim, o trabalho analítico será o de fazer com que, da fala vazia, surja o desejo de reconhecimento do sujeito, a palavra plena. Ou seja, o paciente vai falando até o ponto em que se completa na palavra.

No meu caso, ao interpretar um poema como “Voyage à Cythère”, verei no que implica, em sua gênese, a substituição de um significante por outro, que tipo de desejo aparece quando Baudelaire troca o significante *oiseau* por *ange* e, mais tarde, arrependido, volta ao significante original. Ou seja, de que modo este significante que é esquecido aponta para uma emergência deste mais de sentido que pode aparecer tanto na interpretação do sonho quanto na do poema. Contudo, tendo em mente que este mais de sentido só é definido *a posteriori*, é necessário que persigamos a gênese do poema. É dessa maneira que Freud em seu texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana – esquecimentos, lapsos da fala, equívocos na ação, superstições e erros* consegue apreender qual o desejo que estava em questão quando um colega mais jovem esquece uma palavra¹⁶³.

O livro de poemas *Les fleurs du mal* só será editado, tal qual o conhecemos hoje, em 1861¹⁶⁴. De 1855, ano em que são publicados na *Revue des Deux Mondes*, até aí, algumas substituições, acréscimos e esquecimentos são detectados tanto em “Voyage à Cythère” quanto em “Invitation au voyage”. A primeira é em relação à mudança da ordem em que aparecem – quase contíguos na edição da *Revue*, intercalados apenas por “A la belle aux cheveux d’or” e na edição posterior em seções distintas - claro que o número de poemas aumenta muito de 1855 (aí eram apenas 18) a 1861. Outras duas mudanças em “Voyage à Cythère” são a substituição do adjetivo “pauvre” por “ridicule” e o acréscimo, no título de 1861, de um artigo indefinido “Un Voyage à Cythère”. O outro poema, “Invitation au voyage” apenas perderá dois travessões e, no lugar de um

¹⁶³ *Obras completas – vol. VI*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1987. Tal relato está no capítulo II, “O esquecimento de palavras estrangeiras”. No capítulo III, “esquecimento de nomes e seqüência de palavras” Freud escreve que o comum a todos os esquecimentos de nome “é o fato de o esquecido ou distorcido estabelecer uma ligação, por alguma via associativa, com um conteúdo de pensamento inconsciente – um conteúdo de pensamento que é fonte do efeito manifestado no esquecimento (p.35)”. E, em seguida, no que se refere a si próprio dirá: “Quando analiso os casos de esquecimento de nomes que observo em mim mesmo, quase sempre descubro que o nome retido se relaciona com um tema que me é de grande importância pessoal e que é capaz de evocar em mim afetos intensos e quase sempre penosos (p.36)”. A idéia que perpassa os três primeiros capítulos é a de que a substituição significante encobre o desejo.

¹⁶⁴ De acordo com Nathaniel Wing em “Exil et aliénation” (in. *De la littérature française*. Org. Dennis Hollier, Paris, Bordas, 1997. p.962) “l’édition dans laquelle nous découvrons aujourd’hui *les Fleurs du mal* n’est pas celle que Baudelaire a publiée en 1857, mais la seconde (1861) augmentée de trente-cinq poèmes et dont les pièces condamnées ont été retranchés. À la suite de la publication du recueil, Baudelaire avait été poursuivi pour ‘outrage aux bonnes moeurs’. Six poèmes furent condamnés et l’auteur dut payer une amende”.

ponto-e-vírgula terá um ponto de exclamação. Talvez sua perda maior seja a da quase contigüidade à “Voyage à Cythère”.

Porém isto não é tudo. No meu ver, as substituições e esquecimentos mais significativos que teríamos de uma publicação a outra e que, se postos na relação significativa, estariam encobrando o desejo do sujeito, estão no primeiro verso da primeira estrofe de “Voyage à Cythère” - substituição esta que, também, estaria em relação ao esquecimento de uma estrofe inteira.

1855

Mon coeur se balançait comme un ange
joyeux,
E planait librement à l’entour des
cordages;
Le navire roulait sous un ciel sans nuages,
Comme un ange enivré d’un soleil
radieux.

1861

Mon coeur, comme un oiseau, voltigeait
tout joyeux;
Et planait librement à l’entour des
cordages;
Le navire roulait sous un ciel sans
nuages,
Comme un ange enivré d’un soleil
radieux.

Uma mudança chama-nos atenção logo de início: “ange” por “oiseaux”, metáforas do referente “mon coeur” do primeiro e segundo versos. O referente “navire”, do terceiro e quarto versos, mantém a mesma metáfora, “ange”. Se antes tínhamos dois anjos como metáforas dos referentes “mon coeur” e “navire”, apontando para uma sorte de equivalência entre o que plana, o eu lírico (“mon coeur”), e o navio, o que acontece na edição de 1861 é, antes, uma operação de distanciamento, aparecendo, neste caso, um olhar que está separado do que acontece no navio, que não se balança mais com o movimento das vagas – o verbo “voltiger” substitui “se balancer”. Não é mais através do olhar do marinheiro (“mon coeur”) que se balança como um anjo – anjo-marinheiro poderíamos inferir - que o poema é escrito, mas através do olhar de um pássaro “tout joyeux” e afastado da cena. Em outras palavras, o “eu lírico”, antes comprometido com o acontecimento, com o choque, perde força. Haveria, aí, um arrependimento por parte do poeta¹⁶⁵?

¹⁶⁵ Arrepende-se pode vincular-se à reentrada na deriva significativa. Porém, o ato do arrependimento lido retroativamente faz, também, entrever a emergência de um mais de sentido.

Se averiguamos como estava escrito o poema no manuscrito¹⁶⁶ de 1852 notamos que a única metáfora para os referentes “mon coeur” e “navire” é “oiseau” e no lugar do verbo “voltiger” empregado na edição de 1861 que, a princípio, nos daria idéia de uma certa vertigem, o poeta havia utilizado o verbo “s’envoler”, voar apenas. Neste sentido, o duplo emprego da palavra “ange” na edição de 1855 indica um desejo de transgressão do binarismo natureza/cultura. Ou seja, Baudelaire nos propõe um ser híbrido (homem/animal)¹⁶⁷ que se balança com o navio e se funde com a figura do marinheiro e cujo olhar, diferente do “olhar imperial” que domina a paisagem¹⁶⁸, é sempre dividido. Pensemos nos anjos que o cineasta Wim Wenders nos apresenta em seus filmes *As asas do desejo* e *Tão longe, tão perto*. Para estes seres o motivo é sempre o outro. Eles estão o tempo todo no entre-lugar e sofrem os efeitos do que é da ordem terrestre, contingente, apesar de fazerem parte do sublime. O olhar do anjo, segundo Christine Bucci-Glucksman, constitui um olhar outro “avec tous ses effets d’étrangement, d’étrange, d’être ange”.

Assim, ao encarnar este olhar de anjo, o poeta evoca, ao mesmo tempo, uma razão outra: “une autre modernité, qui ferait appel à l’entre-d-eux de la raison et du sentiment: au senti-mental¹⁶⁹” cujo pressuposto não é o distanciamento ou a compaixão em relação ao outro, mas um mais além, um ser outro, em suma, um *être-ange*. Com isso, no caso do poema de Baudelaire, leríamos a cena do corpo que é despedaçado de outro modo pois saberíamos que quem transgride as leis de Cythère é o narrador-anjo e não a pobre criança, natural da ilha. Prova disso é o fato da estrofe que segue ter sido suprimida na edição da *Revue* e só retornar em 1861, junto com o significante “oiseau”, exatamente quando o desejo “d’être-ange” é encoberto, recalcado. O que teremos no

¹⁶⁶ Utilizo, aqui, as “Notes et variantes” das *Obras completas* de Baudelaire (op.cit.). Como apontara anteriormente, a idéia será perceber o percurso do poema e, nesse caso, as substituições que se operam do manuscrito à edição de 1855 são fundamentais para a análise.

¹⁶⁷ Na revisão de um de seus esquecimentos Freud chega à conclusão que não dissera certa frase pois se a frase encobridora tratava-se de “uma frase em que a divindade é rebaixada à condição de uma invenção humana (...), na frase esquecida, havia uma alusão ao animal no homem.” in., “O esquecimento dos nomes e seqüências de palavras”, p.35. Op.cit.

¹⁶⁸ Refiro-me a *Imperial Eyes* de Mary Louise Pratt. Op.cit.

¹⁶⁹ *La raison baroque – de Baudelaire à Benjamin*. p.16.

Esta definição encontra-se também n’*O Seminário - livro 20 mais, ainda* de Jacques Lacan (trad. M.D. Magno, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985): “Estranho é uma palavra que tem a ver com estrangeiro, que poderia ser estranho, podendo decompor-se como *estar-anjo – ser-anjo*”.p.57

poema da edição em livro é um ser com órgão sexual, com falo, e não um homem-animal assexuado:

“Les yeux étaient deux trous, et du ventre effondré
 Les intestins pesants lui coulaient sur les cuisses,
 Et ses bourreaux, gorgés de hideuses délices,
 L’avaient à coups de becs absolument *châtré*¹⁷⁰.”

2.5- O poeta como anjo

Em “Sobre o conceito de história¹⁷¹”, Walter Benjamin pensa o olhar do historiador como o do anjo da história de Klee, horrorizado com os restos da cultura que se amontoam a sua frente e sendo impelido para trás violentamente por uma tempestade que sopra do paraíso. É uma tempestade que sopra com tanta força e prende-se em suas asas que ele não consegue mais fechá-las. Da mesma forma que o anjo de Baudelaire não tem acesso ao túmulo este anjo da história não consegue deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. O anjo da história é a alegoria de alguém que tenta arrancar a política das malhas do mundo profano, da “obtusa fê” no progresso. De certo modo, tratar-se-ia de uma alegoria da situação desesperadora do próprio historiador Walter Benjamin.

A partir daí, gostaria de pensar o anjo de Cythère como uma alegoria do olhar de Baudelaire que vaga não apenas pela ilha de Cythère mas pela Île de la Cité, a cidade onde faz seu exílio voluntário: “... île triste et noire (...)/ Eldorado¹⁷² banal de tous les vieux garçons¹⁷³”. Ora, temos aqui uma ilha em ruínas, sem luminosidade, em meio às renovações do barão Haussmann mas que dá nascimento às suas alegorias e, sobretudo, à viagem de fuga do mundo ordinário, proporcionada, também, pela leitura da própria

¹⁷⁰ No manuscrito lemos no 3º e 4º versos: “L’organe de l’amour avait fait leurs délices/ Et les bourreaux l’avaient cruellement châtré.” in. “Notes et variantes” (op.cit.) p. 1556. Meu itálico.

¹⁷¹ In. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

¹⁷² O termo Eldorado aparece no título de dois relatos de viagem sobre a América Latina publicados na *Revue des Deux Mondes*: Ride, Alph. “L’Eldorado, voyage aux Mines d’or d’Upata (Venezuela)”, 1º novembre 1851 e d’Assier, Ad. “L’Eldorado brésilien et la Serra-das-Esmeraldas”, 15 juillet 1862.

¹⁷³ O poema, segundo as “Notes et variantes” seria inspirado em um poema de Nerval, “L’artiste”, encenado na ilha de Citera, mas à qual o poeta não teria jamais ido. Segundo a mitologia, Citera é a ilha de Vênus, ou Afrodite, deusa da beleza. Mas, “Citer”, em francês, é também homófono de cidade.

*Revue des Deux Mondes*¹⁷⁴. Ou seja, a falta de luz faz com que Baudelaire elabore textualmente um contra-lugar - tal como o fará mais tarde o almirante La Gravière - que se efetua em um poema como “Invitation au voyage”, onde tudo é calma, luxo e volúpia.

Contudo, para aí chegar, é necessário este confronto com o que é o mais interior e o mais exterior a si, o extímio segundo Lacan¹⁷⁵, com a própria cisão de si que faz irromper o bizarro e coloca o sujeito, como no *Unheimlich* freudiano, face a um elemento estranho que retorna e que a linguagem não consegue velar. Lacan o chama de objeto *a*, o mais de gozo do sujeito e no poema de Baudelaire encontramos-lo na cena do anjo que é devorado, onde se evidencia o que é o mais familiar e o mais assustador ao poeta¹⁷⁶.

“Pauvre pendu muet, tes douleurs sont les miennes!
Je sentis à l’aspect de tes membres flottants,
Comme un vomissement, remonter vers mes dents
Le long fleuve de fiel de mes douleurs anciennes.

Devant toi, pauvre diable au souvenir si cher,
J’ai senti tous les becs et toutes les mâchoires
Des corbeaux lancinantes et des panthères noires
Qui jadis aimaient tant à triturer ma chair.”

Há, portanto, nestas duas estrofes, uma identificação do poeta com seu mais-de-gozo (“tes douleurs sont les miennes!”), com seu objeto *a*. Identificação que, porém, redundante, e isto nos parece evidente, em uma extrapolação das fronteiras do seu próprio

¹⁷⁴ A partir dos relatos de viajantes, dos textos de seu amigo Maxime du Camp a quem dedica “Le voyage”, dos poemas de Georges Sand, Prosper Mérimée, Victor Hugo (Baudelaire homenageará Hugo em *Les fleurs du mal*, ed. de 1861) que a *Revue* publica.

¹⁷⁵ Em *Los signos del goce* (Trad. Graciela Brodski, Buenos Aires, Paidós, 1998) Jacques-Alain Miller coloca o extímio lacaniano como o objeto *a* e apresenta a seguinte fórmula: $\underline{S} \perp a$, sendo o *a*, o que fica fora, o real.
Coisa

Em seu texto “Extimidad” (in. *El analítico*. Barcelona, Correo/Paradiso, 1987) Miller escreve: “... precisei que o Outro lacaniano, o Outro que funciona, não é real. É o que permite compreender que o pequeno *a*, ao contrário, o é. O pequeno *a*, como mais-de-gozar, funda não apenas a alteridade do Outro mas também o que é real no Outro simbólico. Não se trata de um laço de integração, de interiorização. Se trata de uma articulação de extimidade”. p. 22. A formulação do extímio em Lacan é posterior às leis da linguagem.

¹⁷⁶ Freud em “O estranho” dirá que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar (p.277)”. “... esse estranho não é nada novo ou alheio, porém é algo familiar e há muito tempo estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão. Essa referência ao fator da repressão permite-nos, ademais, compreender a

corpo - o anjo é, justamente, o ser que está entre dois mundos - em uma evasão de substâncias corpóreas ora em forma de vômito, ora em forma de pedaços de carne na boca dos animais carniceiros que defecarão esta matéria em putrefação em diferentes lugares. Eis aí, nessa cena de horror sublime em que irrompe o que está velado pelas construções discursivas, a própria metáfora da nação. Ou seja, o vômito e a migração da carne apontam para a heterogeneidade que as construções de fronteiras escamoteiam ao inventar uma origem pura e natural.

Neste sentido, “Voyage à Cythère” constitui-se como uma narrativa do exílio que se dá dentro da metrópole mas que aponta para um fora, para uma razão outra. Trata-se de um olhar cindido, fora de foco, de anjo se preferirmos, que não consegue conter as suas próprias fronteiras. Aventariamos, inclusive, que há nesta viagem à Cythère ou neste passeio por Paris que faz Baudelaire, leitor da *Revue des Deux Mondes*, ao identificar-se com “ange”, com seu mais-de-gozar, uma sorte de afrouxamento das amarras da metrópole. Daí aparecer o bizarro, elemento desestabilizador do regime escópico da civilização que desmaterializa a lei da metrópole ao encenar uma modernidade outra e inventar heterotopias e, dentre elas, “Invitation au voyage”, quase contígua a “Voyage à Cythère”.

Apesar da diferença de luminosidade de um poema a outro, não gostaria de supor que haja aí uma oposição radical. Pensaria antes em uma correspondência, ou melhor, uma relação, já que, no meu ver, um poema está previsto no outro – “Voyage à Cythère”, através da migração das substâncias corpóreas postula, justamente, uma desterritorialização da matéria dentro da própria metrópole, uma impossibilidade de homogeneização das diferenças¹⁷⁷.

Entretanto, seria válido se lêssemos o gesto deliberado de Baudelaire, ao posicionar um poema quase ao lado do outro, intervalados apenas por “A la belle aux cheveux d’or”, como uma dramatização da sua experiência de exílio. Ele estaria abdicando das ruas mal iluminadas para, e através delas, e porque não, através também

definição de Schelling [p.281] do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio a luz (p.301)”. *Obras completas de Sigmund Freud- vol XVII. op.cit.*

¹⁷⁷ Em seu artigo para a história da literatura francesa organizada por Dennis Hollier (op.cit.), Nathaniel Wing, ao comparar Hugo, o exilado-viajante e Baudelaire, o exilado-alienado em Paris, faz notar que nesta cidade tomada por estrangeiros “les relations d’objet qui, traditionnellement, permettaient au poète

da sua própria viagem de 1841 à Ilha da Reunião, criar um espaço de pura luz, de branco sobre branco, luminosidade estonteante que deixa o “vedor”, da mesma forma, *enivré*, ou “fixe et animalemente extatique”, como diria Bucci-Glucksmann a respeito dos efeitos gerados pelas alegorias baudelairianas¹⁷⁸. E uma luz que não está nos postes da cidade francesa, mas nos trópicos, determinante para outro marinheiro, Édouard Manet, que para aí viaja em 1849. Mas esta história deixo para daqui a pouco. Por ora, tratarei rapidamente desta travessia textual que se opera na passagem de um poema a outro e que conecta dois jardins: a ilha do almirante Jurien de La Gravière e o “là-bás” do “Convite à viagem”.

Em seu ensaio sobre as heterotopias, “Des espaces autres”, Michel Foucault fala sobre os papéis que têm estes contra-lugares nas sociedades ocidentais. Um deles seria o de criar um espaço outro “aussi parfait, aussi méticuleux, aussi bien arrangé que le nôtre est désordonné, mal agencé et brouillon”. Segundo Foucault, “ça serait l’hétérotopie non pas d’illusion mais de compensation, et je me demande si ce n’est pas un petit peu de cette manière-là qu’ont fonctionné certaines colonies¹⁷⁹”. E aí, Foucault exemplificará com as sociedades puritanas que os ingleses instalaram na América do Norte e com as missões jesuíticas. Neste sentido, as heterotopias têm como traço a perfeição: “Là, tout n’est qu’ordre et beauté,/ Luxe, calme et volupté”. Se em um espaço como Cythère tínhamos ao mesmo tempo “un jardin de roses” e “un désert rocailleux troublé par des cris aigres”, neste país especular (“qui te ressemble!”) tudo é esplendoroso e de uma luminosidade estonteante: “ciels brouillés”, “yeux brillant à travers leurs larmes”, “meubles luisants” e “polis”, “or”, “chaude lumière”. Do mesmo modo, as rochas de Cythère são substituídas por “Les plus rares fleurs/ Mêlant leurs odeurs”/ Aux vagues senteurs de l’ambre”. Temos, portanto, não mais um lugar aberto, sob o risco das intempéries, mas, ao contrário, um jardim, dentro de uma espécie de estufa, cujo tempo, como o da ilha que descreve La Gravière, está atrasado em relação ao da metrópole¹⁸⁰.

de s’affirmer comme sujet sont bouleversées. D’où l’allégorie de l’exil : le ‘ moi’ aliéné n’est pas à sa ‘juste’ place, il est l’autre, celui dont personne ne veut.” p.697.

¹⁷⁸ *L’oeil cartographique de l’art*. Paris, Galilée, 1997.

¹⁷⁹ Op.cit. p.761.

¹⁸⁰ Uma das características do heterotopo é a heterocronia. Em “Des espaces autres”(op.cit.) Foucault coloca que “les hétérotopies sont liées, le plus souvent, à des découpages du temps, c’est-à-dire qu’elles ouvrent sur ce qu’on pourrait appeler, par pure symétrie, des hétérochronies; l’hétérotopie se met à

A chegada aí, no entanto, só é possível graças à mudança do significante “ange” no poema anterior, pois é este que afirma a posição de viajante insular (um marinheiro) assumida pelo narrador, e coloca as ilhas lado a lado, as de Baudelaire e a de La Gravière, separadas pelo mar, superfície de transporte, por onde passa, “comme un ange”, o navio:

“un morceau flottant d’espace, un lieu sans lieu, qui vit par lui-même, qui est fermé sur soi et qui est livré en même temps à l’infini de la mer et qui, de port en port, de bordée en bordée, de maison close en maison close, va jusqu’aux colonies chercher ce qu’elles recèlent de plus précieux en leurs jardins, vous comprenez pourquoi le bateau a été pour notre civilisation, depuis le XVème siècle jusqu’à nos jours, à la fois non seulement, bien sûr, le plus grand instrument de développement économique (ce n’est pas de cela que je parle aujourd’hui), mais la plus grande réserve d’imagination. Le navire, c’est l’hétérotopie par excellence. Dans les civilisations sans bateaux les rêves se tarissent, l’espionnage y remplace l’aventure, et la police, les corsaires¹⁸¹.”

2.6- *Dans la lumière de Rio*

“C’est ici l’un des plus beaux lieux du monde, et peut-être le plus beau. Nous sommes sur les bords d’un lac enchanté, tout ruisselant de lumière; sa courbe est douce aux yeux; le bleu de ses eaux, moins intense peut-être que celui de notre Méditerranée, est plus délicat; un voile transparent, une gaze légère, filtrant les tons et les couleurs, ne laissent rien passer que d’harmonier et de tendre: et le ciel est à l’unisson. Mais il ne ressemble pas à ces lacs qui sont faits pour les nacelles, les voiles blanches, les rengaines et les romances; à ces lacs qui appellent irrésistiblement les mandolines et les guitares. Son immensité même, son aspect de mer océane, souveraine de ses bords; sa pureté, sa splendeur; les roches noirs qui émergent au milieu de ses eaux, et parsèment son azur de taches vigoureuses; les montagnes, les âpres et rudes montagnes qui l’enserrent, et consentent à peine à s’écarter pour faire place à la ville; la forêt, qui commence à sa

fonctionner à plein lorsque les hommes se trouvent dans une sorte de rupture absolue avec leur temps traditionnel”.p.759.

¹⁸¹ Idem p. 762.

limite même, s'étageant autour de lui en sombres étendues: tout cela lui donne une force et une puissance qui défient la banalité. Tout est joie, sérénité, beauté: tout est grandeur¹⁸².” Ou, então, “tout est calme, luxe, volupté”. Não há como negar que esta descrição de Paul Hazard, encarregado de proferir uma conferência no Instituto Franco-Brasileiro, não esteja atravessada pelo “Convite à viagem”, sobretudo no que tange ao estado de êxtase do narrador frente ao jorro de luz sobre a paisagem, capaz de, como em Baudelaire, conjugar serenidade (“calme”) e alegria (“volupté”), sensações de certo modo díspares. Se nos apresenta, assim, uma incidência da luz sobre a visão que se dá na viagem à colônia e que se repete nos textos do Ocidente de modo a perturbar a ordenação do olhar e das sensações, de modo a desafiar a banalidade a partir de uma potência (“puissance”). Além disso, estes elementos coloniais que são vitais em Baudelaire e que ecoam em Hazard acabam por contribuir para a elaboração de uma teoria da arte que coloca o ver antes do saber¹⁸³. Dito de outro modo, que pressupõe a retina, e tudo o que sobre ela incide, como ponto de partida para a elaboração artística. Este seria, segundo Gombrich, o método de Édouard Manet - que fizera a mesma viagem de Hazard - e seus seguidores: “eles descobriram que, se olharmos a natureza ao ar livre, não vemos objetos individuais, cada um com sua cor própria, mas uma brilhante mistura de matizes que se combinam em nossos olhos ou, melhor dizendo, em nossa mente¹⁸⁴.”

¹⁸² Hazard, Paul. “Dans la lumière de Rio – juillet-septembre 1926” in. *Revue des Deux Mondes*, vol.38^{ème}, 1^{er} juillet, Paris, 1927. p.92-149. p.92

¹⁸³ Em *Matéria e memória* (Trad. Paulo Neves da Silva, São Paulo, Martins Fontes, 1990.) Henri Bergson coloca que a matéria coincide com a percepção pura, que ela é veículo de uma ação e não o substrato de um conhecimento. Ou seja, a percepção pura seria a eliminação total do que se tem consciência. “Poderíamos dizer que a percepção de um ponto material inconsciente qualquer, em sua instantaneidade, é infinitamente mais vasta e mais completa que a nossa”. De certo modo, poderíamos inferir que a tentativa dos impressionistas do século passado iria na direção de um rebaixamento desta consciência. Sob este aspecto, em seu *Salon de 1859* (in. *Oeuvres Complètes*. op.cit.) Baudelaire escreve que “l’artiste, le vrai artiste, ne doit peindre que selon qu’il voit et qu’il sent (...). Il doit éviter comme la mort d’emprunter les yeux et les sentiments d’un autre homme, si grand qu’il soit; car alors les productions qu’il nous donnerait seraient, relativement à lui, des mensonges, et non des réalités”. p.1037.

¹⁸⁴ Gombrich, E. H. *A história da arte*. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993.p.406. Isto que enfatiza Gombrich tem a ver com uma aposta no inconsciente, com a não opção pelo que Bergson em *Matéria e memória* (op.cit.) chama de pobreza necessária da nossa percepção consciente, o discernimento.

A viagem de Baudelaire à ilha da Reunião em 1841 se dá porque o padastro ficara temeroso por seu espírito independente¹⁸⁵. No caso do então adolescente Manet, sua viagem ao Rio de Janeiro funciona como uma sorte de auto-punição. Se o pai obrigava-o a seguir o curso de direito, ele preferia, antes, tornar-se marinheiro. Por isso, como diz Arnauld Le Brusq, encarregado do prefácio das cartas que escreve Manet quando de sua viagem ao Rio de Janeiro (e do sítio de Paris em 1870¹⁸⁶), a atividade artística só aparece nelas de forma alusiva. Porém, logo após seu retorno Manet assume a pintura: “l’enchaînement des faits veut qu’à son retour à Paris, il renonce à tenter à nouveau le concours de l’École navale et s’affranchit du désir paternel en entrant, en 1850, dans l’atelier de Thomas Couture”.

Assim, ao invés de pensar esta viagem de Manet como insignificante, gostaria de sugerir que, como aconteceu com o significativo “ange” no texto de Baudelaire, é a partir dela - espera ou “retraite” como constata Le Brusq - que se dá o encontro do viajante com esta luminosidade e modo de olhar outros. Ou ainda, é a partir deste encadeamento dos fatos (“enchaînement des faits”), lidos retrospectivamente nas correspondências da sua viagem, que Manet descobre uma sorte de luminosidade que desafia o discernimento dos objetos e das cores. Com isso, quero frisar que, se por um lado, Manet vincula-se a todo um movimento de descoberta das paisagens a partir da viagem moderna (a um “Sentiment de la nature dans les sociétés modernes¹⁸⁷”), por outro, graças à viagem que faz (não é a viagem do naturalista), desconfiando do pai, acaba por instaurar um *plus* na arte moderna. Em outras palavras, Manet faz uma ruptura na arte que, se lêssemos a partir de Lacan, teria a ver com o destino da pulsão sem repressão, com a sublimação, onde o nada do objeto *a* cria algo a partir de um

¹⁸⁵ Cf. “Chronologie de Baudelaire” in. *Baudelaire - Oeuvres complètes*. Op.cit. p.XVIII.

¹⁸⁶ Manet, Édouard. *Lettres du siège de Paris – précédées des lettres du voyage à Rio de Janeiro (1849-1850)*. Introd. Arnauld Le Brusq, Paris, L’Amateur, 1996.

¹⁸⁷ Tal é o título de um texto de 1866 do geógrafo anarquista Élisée Réclus publicado na *Revue des Deux Mondes*. (Paris, Tome LXIII^{ème}, XXXVI^{ème} année, Seconde période, 1866. p.352-381) que inicia deste modo: “Il se manifeste depuis quelque temps une véritable ferveur dans les sentiments d’amour qui rattachent les hommes d’art et de science à la nature. Les voyageurs se répandent en essaims dans toutes les contrées d’un accès facile, remarquables par la beauté de leurs sites ou le charme de leur climat. Des légions de peintres, de dessinateurs, de photographes, parcourent le monde des bords du Yang-tse-kiang à ceux du fleuve Amazonas ...”. p.352. O texto é paradoxal pois ao mesmo tempo que elogia a intervenção colonial capitalista - alemã e inglesa, sobretudo, esta identificada à escalada das montanhas e ao início do turismo e aquela às viagens de Humboldt - protesta contra o crescimento das cidades, a propriedade do campo por parte dos capitalistas, a feiura dos suburbios, etc.

movimento pulsional¹⁸⁸. Ou, talvez, se quiséssemos pensar através de Baudelaire, tal ruptura estaria relacionada a um jogo entre a imaginação e a viagem, como ele próprio escreve nesta passagem que cito e que funciona como uma sorte de profecia do próprio percurso de Manet:

“Si au lieu d’un pédagogue, je prends un homme du monde, un intelligent, et si je le transporte dans une contrée lointaine, je suis sûr que, si les étonnements du débarquement sont grands, si l’accoutumance est plus ou moins longue, plus ou moins laborieuse, la sympathie sera tôt ou tard si vive, si pénétrante, qu’elle créera en lui un monde nouveau d’idées, monde qui fera partie intégrante de lui-même et qui l’accompagnera, sous la forme de souvenirs, jusqu’à la mort. Ces formes de bâtiments, qui contrariaient d’abord son oeil académique (tout peuple est académique en jugeant les autres, tout peuple est barbare quand il est jugé), ces végétaux inquiétants pour sa mémoire chargée des souvenirs natals, ces femmes et ces hommes dont les muscles ne vibrent pas suivant l’allure classique de son pays, dont la démarche n’est cadencée selon le rythme accoutumé, dont le regard n’est pas projeté avec le même magnétisme, ces odeurs qui ne sont plus celles du boudoir maternes, ces fleurs mystérieuses dont la couleur profonde entre dans l’oel despotiquement, pendant que leur forme taquine le regard, ces fruits dont le goût trompe et déplace le sens, (...), tout ce monde d’harmonies nouvelles entrera lentement en lui, le pénétrera patiemment, (...) toute cette vitalité inconnue sera ajoutée à sa vitalité propre¹⁸⁹”.

Contudo, as cartas desta primeira viagem de Manet, que o então marinheiro manda do Rio de Janeiro a seus parentes, não nos oferecem muitos indícios do aparecimento de um olhar que conjugasse a vitalidade desconhecida à sua própria e que pudesse fazer brotar um quadro resultante deste “frisson nouveau” reivindicado por Baudelaire a partir da viagem do homem cosmopolita às colônias. Vejamos a primeira observação de Manet, logo de sua chegada ao porto brasileiro: “la rade de Rio est charmante, elle est peuplée de navires de guerre de toutes les nations, elle est entourée de montagnes vertes où l’on aperçoit des habitations charmantes¹⁹⁰”. Ao fazer sua primeira visita à cidade, o que lhe chama a atenção é o fato de se encontrar na rua apenas

¹⁸⁸ Ver Lacan, Jacques. *O seminário - livro 7*. Trad. Antônio Quinet, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

¹⁸⁹ *Exposition Universelle de 1855* in *Oeuvres complètes* (op.cit.). p.994-995.

¹⁹⁰ Manet, Edouard. *Lettres du siège de Paris ...*. Op.cit. p.21.

negros e negras, o que “... pour l’européen quelque peu artiste (...) offre un cachet tout particulier¹⁹¹”.

Há, no entanto, uma cena que é recorrente nas cartas, a partir da qual talvez tiremos algumas conclusões, a saber, a dos passeios pelo campo. Manet escreve à sua mãe: “tous les jeudis nous sortons à 4 heures du matin, nous allons dans les embarcations du côté de la baie opposée à la ville et nous allons faire des excursions dans la campagne; on se baigne, on dîne et on déjeune sur place; (...). Les promenades sont charmantes, nous avons le spectacle de la plus belle nature possible, nous avons des fruits tant que nous en voulons; tous les jours une chaloupe du pays vient à bord chargée de bananes, d’oranges, d’ananas, etc¹⁹².” Na mesma carta ele fala de um outro passeio: “Nous avons été passer notre mardi gras à la campagne. Nous avons fait une partie délicieuse, on nous a fait pousser très loin notre excursion dans le pays que j’admire de plus en plus¹⁹³”. E, sobre o mesmo passeio, ou talvez outro, ele diz mais abaixo: “Je viens d’aller passer trois jours à la campagne avec trois vieux garçons et trois camarades; nous nous sommes amusés autant que possible; nous avons été à la chasse dans les bois vierges, etc¹⁹⁴.” Ao escrever para o primo, reincide a mesma descrição do campo - que desta vez é também uma ilha – contudo acrescida de alguns detalhes: “Quant à la campagne aux environs, rien n’est si beau, jamais je n’ai vu plus belle nature; j’ai été hier faire une partir avec plusieurs vieux garçons dans une île au fond de la baie, nous nous sommes beaucoup amusés, l’habitation où nous avons demeuré trois jours est délicieuse et toute créole; nous avons fait une excursion dans une forêt vierge¹⁹⁵”.

Com efeito, trata-se de uma cena que se repete nas cartas de Manet a seus familiares, mas que, *a priori*, não demonstraria nenhum vínculo com uma luminosidade própria do lugar, ou com um modo de olhar, viajante, que estaria na pauta de suas descobertas artísticas posteriores. Vemos sim, nas paisagens virgens de Manet, uma similaridade com a descrição que faz La Gravière da ilha de Santa Catarina: a abundância

¹⁹¹ Estes habitantes das colônias - negros e crioulos - acabam sendo personagens recorrentes na literatura e nas artes francesas da segunda metade do século XIX. No próprio Manet, na elaboração de l’*Olympia*, lá está a figura da empregada negra ao lado da personagem central. E além de ser personagem dos poemas de Baudelaire (“A une dame créole”), o personagem colonial, a negra neste caso, é também personagem e título do poema de Mallarmé “Une négresse”.

¹⁹² Idem. p.26.

¹⁹³ Idem. p.26-27.

¹⁹⁴ Idem. p.27.

de frutos, uma cabana ou casa crioula, a exuberância da natureza, da mata, lugar onde “on se baigne, on dîne, on déjeune”. Entretanto, se prestarmos atenção em dois significantes que aparecem na primeira carta que escreve à mãe, podemos ir mais longe. Os verbos “se baigner” e “déjeuner” figuram de alguma forma no título de um quadro do próprio pintor, *Le bain*, que mais tarde ganhará o título de *Le déjeuner sur l’herbe*.

É claro que o grupo de pessoas, no quadro, não é o mesmo que descreve nas cartas. Naquele temos dois homens e duas mulheres enquanto nestas teríamos um grupo de marinheiros. Por outro lado, permanece a idéia de uma “festa no campo”¹⁹⁶ - “nous avons fait une partie délicieuse” - com os alimentos espalhados pelo chão - “nous avons des fruits tant que nous voulons” -, o “estado de êxtase” a que se refere um crítico da época¹⁹⁷ - “nous nous sommes amusés autant que possible”. Além disso, homens de jaqueta ao lado de uma mulher nua cujo vestido está jogado no chão - ou seja, não se trata de um modelo da pintura clássica - contribuem para um ambiente sem regras, próprio para “une île au fond de la baie”, ou para a floresta virgem, espaços propícios para o ócio.

Contudo, o que parece ser o mais interessante no quadro não é o tema, mas a coloração. O verde ganha um tom muito especial, o que faz Georges Bataille afirmar junto com um crítico da época que o mais significativo do quadro está no “ ‘coloris aigre’, qui ‘entre dans les yeux comme une scie d’acier’, ‘il a tout l’âpreté de ces fruits verts qui ne doivent jamais mûrir’¹⁹⁸ ”. Frases que, segundo este, poderiam ser de Delacroix, publicadas em um texto anônimo. Da mesma forma que Delacroix vai ao norte da África estudar as cores resplandecentes e as roupagens românticas do mundo árabe¹⁹⁹, poderíamos inferir que também a coloração de *Le Dejeuner sur l’herbe* seria resultado das vagabundagens de Manet nas florestas virgens do Rio, onde uma forte luminosidade, a mesma a qual faz alusão Hazard, faria o verde da grama e das árvores

¹⁹⁵ Idem. p.29. Meu itálico.

¹⁹⁶ O quadro em questão seria, também, uma paródia de Rafael e de Giorgione e fora pintado, segundo Georges Bataille (*Manet in. Ouvres Complètes*. Paris, Gallimard, 1979) a partir de uma paisagem em Gennevilliers. *Le déjeuner sur l’herbe* seria a negação do *Concert champêtre* onde Giorgione teria se inspirado na fábula grega.

¹⁹⁷ Hamerton, P. G. “The Salon of 1863”, *Fine Arts Quarterly Review*, out.1863. Apud. Rewald, John. *História do Impressionismo*. Trad. Jefferson Luís Camargo, São Paulo, Martins Fontes, 1991.

¹⁹⁸ *Manet*. Op.cit.

¹⁹⁹ Gombrich, E. H. *A história da arte*. Trad. de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993.

intocadas atingirem uma coloração particular, “muito forte²⁰⁰”. Ou ainda, dito de outro modo, é a partir destes passeios, recorrentes nas cartas do pintor, que *Le déjeuner sur l’herbe* seria visto, como afirma Bataille, como uma sorte de esboço da pintura moderna que, segundo este, atingiria seu ápice em *L’Olympia*: “le jeu sacré de la technique et de la lumière²⁰¹”.

Mas, e isto deve ser ressaltado, de uma luminosidade que deixa a paisagem difusa. Porque se olharmos o quadro perceberemos que o sol, ao entrar por uma clareira, no riacho onde está a mulher vestida, não ajuda a diferenciar as cores da grama ou das árvores próximas aos outros três personagens. Há uma pequena mudança de coloração, entretanto não sabemos onde começam e onde terminam os troncos. Da mesma forma, o vestido branco da mulher que se banha tem quase a mesma coloração da água, confundindo-se com esta, assim como a jaqueta do homem da direita confunde-se com a grama. A fronteira entre os elementos é que se complica. Como escreve John Rewald em *A história do impressionismo*, as críticas recebidas pelo quadro no Salão dos Recusados, o riso histérico do público, se deu sobretudo pelo “abandono da pincelada polida e a maneira de indicar sumariamente os detalhes do fundo e de obter as formas sem o recurso das linhas, opondo as cores ou, se necessário, indicando os contornos com decisivas pinceladas em cor²⁰²”.

Ora, a entrada do elemento colonial, a luz²⁰³, vinculado ao movimento das viagens, ao mesmo tempo que discute e afasta os temas dos pintores românticos e clássicos²⁰⁴, põe em cheque a ordem do traço que delimita a pintura - metaforicamente é isto que faz Manet com relação ao próprio pai - e desestabiliza os contornos nítidos da metrópole. O pintor, neste caso, pinta *como se fosse* no calor da hora, como um viajante

²⁰⁰ Hamerton. op.cit.

²⁰¹ Manet. Op.cit. p.146-147.

²⁰² Op.cit.p.74.

²⁰³ Bataille insistirá, na última parte do seu estudo sobre Manet, que “ ce qui compte, dans les toiles de Manet, n’est pas le sujet, ce qui compte est la vibration de la lumière.” Op.cit. p.157. Vibração esta que seria central na trama de *L’étranger* de Camus - texto quase contemporâneo a este estudo de Bataille – conseguida a partir do reflexo do sol que obnubila o olhar do personagem central e o leva a cometer um crime.

²⁰⁴ “Les leçons des maîtres qu’il copie dans les musées, d’une part, sa perception de la réalité devant laquelle il réagit d’une façon personnelle (ce qui le mènera à s’opposer à son professeur et à le quitter en 1856), d’autre part, complètement sa formation. Fort de ce qu’il ressent, il refuse de peindre autre chose que ce qu’il voit, et autrement qu’il le voit.” Rouart, Denis. Manet (Édouard) in, *Enciclopedia Universalis*, Paris, ed. de 1976.p.635.

portanto, sobrepondo o ver individual ao saber coletivo²⁰⁵. (Se Manet se utiliza dos artistas clássicos é, antes, para parodiá-los e, além disso, “muitas de suas obras, quando não baseadas diretamente nos mestres antigos, eram ao menos inspiradas por suas lembranças [*Manet tinha viajado muito*]...²⁰⁶”). Não é somente o “sujet” enquanto tema que se enfraquece, mas também o “sujet” enquanto “sujeito”, que presta contas ao Outro, que precisa se identificar com este. Neste sentido, o sujeito que se assume como desejante se efetua em Manet não apenas porque há uma indiferença em relação ao tema mas pela própria ausência de alguém que ordena o que vê, pois, e assim o diz Bataille, “dans ce désordre d’une émancipation précipité, Manet représente la diversité des inclinations divisant la vie livrée à elle-même. Il offre à nos yeux la folle oscillation d’une aiguille aimantée que rien n’oriente²⁰⁷”. Temos, portanto, o pintor como um marinheiro à deriva, ao sabor das vagas, impessoal como argumenta Bataille e identificado com sua falta em ser, com seu desejo²⁰⁸. Ou ainda, com um desejo violento de jogar o jogo, como escreve Bataille e que, para este, citando Marcel Proust: “là où nous pouvions attendre la terre, c’était la mer que le peintre introduisait, ou la terre là où nous pouvions attendre la mer”. (...). Dans *La Famille Manet à Arcachon*, la mer vue par la fenêtre ouverte envahit

²⁰⁵ No seu *O Brasil não é longe daqui – o narrador, a paisagem* (São Paulo, Companhia das letras, 1990), Flora Süssekind tenta relacionar relatos de viajantes com textos literários fundacionais. Assim, descreve o narrador em nascimento no Brasil na primeira metade do século XIX como um tributário do olhar do viajante naturalista, olhar este que ela coloca como “armado. O olhar “viajante” de Manet estaria, portanto, relacionado não ao do naturalista, mas ao do narrador local que, para Süssekind, surgirá apenas na segunda metade do século passado, “que vaga ao léu” em um espaço geográfico reduzido como o Joaquim Manuel de Macedo de *Memórias da rua do Ouvidor* (nas suas cartas do Rio de Janeiro, Manet escreve que perambulava pelas ruas estreitas do Rio de Janeiro com um rapaz francês, um recente amigo da sua idade cuja mãe vendia artigos de luxo na rua do Ouvidor) mas cuja maior possibilidade de movimentação inesperada, maior captação de detalhes e maior registro de impressões individuais e intransferíveis afinam o olhar do ficcionista nacional. Segundo Süssekind, “agora, em vez de matas densas, imensas, fala-se de algum jardim público, em vez de uma sucessão de cachoeiras, descrevem-se confeitarias e conventos, com porta de entrada, muros e limites bastante visíveis, e, miniaturizado o mapa, parece aumentar o espaço para os auto-retratos e digressões de cronistas ao léu.” p.231.

²⁰⁶ Rewald, John. *A história do impressionismo*. Op.cit. p.74. Grifo meu.

²⁰⁷ Op.cit. p.121.

²⁰⁸ De certo modo, como seria o sujeito no fim de análise do Lacan das leis da linguagem. Para isto ver não apenas “A instância da letra no inconsciente freudiano” mas também, e sobretudo, “A direção do tratamento”. Neste texto aparece a idéia do fim de análise como uma identificação absoluta com a falta e que Miller retoma no seu *Lacan elucidado*. Segundo Miller, “há uma falta que ninguém pode completar, um defeito sem remédio e, neste sentido, o desvanecimento da demanda é a mesma coisa que consentir e assumir a castração, que, de certo modo, significa não restar a quem dirigir a demanda”. p.441

la chambre qui en est l'impuissante limite, le détail infime qu'annule d'avance une invasion infinie²⁰⁹”.

Com efeito, o mesmo deslizamento de cores que tínhamos visto no *Déjeuner sur l'herbe* configura-se nas paisagens marinhas de Manet. Trata-se, em última instância, da mesma dificuldade de mapeamento dos territórios - de controle das linhas que demarcam o que é mar e o que é ilha - que tem o sujeito cujo olho passeia ao léu, porém atrás do visor de uma máquina fotográfica.

Os dedos deste *flâneur*, sobre o gatilho, estão prontos para congelar o presente e apontar para os objetos do seu desejo²¹⁰. Sigamos, portanto, os passos deste viajante fotógrafo que, ao parar nas imagens, “entrega-se”, pungido pelo que vê, como diria Roland Barthes em seu estudo sobre a fotografia²¹¹. Porque o que vê, em última instância, é um objeto que faz parte de si e que se lhe é “revelado”.

2.7- Da ilha à Urbe

“Michel fechou os olhos: deslizou para o seio de uma multidão bastante considerável, que os teatros vomitavam; chegou à place de l'Opéra e viu toda aquela turba elegante e dourada dos ricos a enfrentar o frio em seus cashmeres e suas peles; contornou a longa fila dos carros a gás e escapou pela rua Lafayette. Diante de si tinha uma légua e meia de linha reta. - Fujamos dessa gente toda - pensou consigo.

²⁰⁹ Op.cit. p.152.

²¹⁰ Em *Downcast eyes - the denigration of vision in twentieth-century french thought* (Los Angeles, University of California, 1994), Martin Jay analisa a relação da fotografia com a pintura impressionista no que se refere ao espaço heterogêneo e fraturado que ambas suscitam, o que, segundo o autor, representa uma ruptura com o ocularcentrismo, denominado por ele também de perspectivismo cartesiano. Naquelas, o singular e o contingente é que se realizariam e não o universal e o estável deste. Em suma, a pintura impressionista e a fotografia teriam a ver antes com a pulsão do que com a razão ocularcêntrica.

Por outro lado, no mesmo estudo, Jay refere-se ao modo como a fotografia no fim do século XIX auxiliou também os regimes escópicos que reprimem a pulsão do sujeito. Ela não só passou a integrar os documentos, os passaportes e as fichas criminais mas também fez parte dos tratamentos nos hospitais psiquiátricos através da prática de fotografar os doentes com o objetivo de perceber a loucura nas suas expressões faciais. Ver capítulo III, “The crisis of the ancien scopic régime: from the Impressionists to Bergson”, sobretudo da p.137 à 144.

²¹¹ *A Câmara clara*. Trad. Júlio Castañon Guimarães, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. p.69

E se precipitou, arrastando-se, caindo às vezes e voltando a erguer-se machucado mas insensível; era sustentado por uma força externa a si próprio.

À medida que avançava, o silêncio e o abandono voltavam a instalar-se em torno dele. Não obstante, ainda via ao longe uma espécie de imensa luz; ouvia um ruído formidável que não se comparava a coisa alguma”.

Jules Verne, *Paris no século XX*

Como último movimento deste capítulo, proponho que acompanhem os rastros do viajante que se dirige da ilha ao centro urbano a fim de gozar dos objetos técnicos da modernidade. Com isso, estarei apontando para este outro movimento das viagens do século XIX, ao mesmo tempo que complementando os percursos precedentes das viagens insulares, onde a ilha funcionava como espaço de exceção do processo civilizatório do Ocidente. No que segue, entretanto, a ilha é de onde se sai para decifrar a cidade moderna, para o mergulho na multidão e porque não, para a construção de outros espaços de exceção.

Além de mudar a direção da viagem, pretendo mostrar como o relato de viagem insular de La Gravière, a poesia de Baudelaire e as telas de Manet, produções tidas como metropolitanas, se cruzam com a poesia de Cruz e Sousa e confluem para a elaboração de outros espaços modernos, heterotópicos, que na verdade são metáforas da própria paisagem insular de isolamento, exílio e solidão.

Assim, para começar, gostaria de partir de uma observação que faz Susan Buck-Morss a respeito de Walter Benjamin errando na cidade moderna. Há, aí, entre o sujeito e a paisagem, uma identificação solitária que segundo ela poderia ser traduzida como o outro lado da eufórica *flânerie*: “the other side of urban life: the nineteenth century as hell²¹²”. Este é um dos cenários de seu *Passagen-Werk*, Paris em ruínas graças

²¹² “The city as a dreamworld and catastrophe”. in. *October*, n.73, Summer 1995, p.3-26.p.7. Sob esta óptica e, reforçando o que está colocado no parágrafo anterior sobre a ilha como metáfora do relato moderno, Raymond Williams argumenta que as viagens de escritores, artistas e intelectuais, características dos fins do século XIX e as narrativas fraturadas de viagens - que crescem às próprias narrativas modernistas instabilidade, falta de lugar e solidão - culminam justamente na Ilha, no seu exemplo, “Nova York, cidade dos imigrantes e dos exilados”. Em outras palavras, o que coloca Williams, é que a vanguarda é produzida em uma viagem cujo ponto radical de câmbio simbólico é a ilha. In. *La política del modernismo - contra los nuevos conformistas*. Comp. e introdução Tony Pinkney, Trad. Horácio Pons, Buenos Aires, Manantial, 1997. p. 54.

ao prefeito Haussmann, segundo Benjamin, um “artista da demolição²¹³”. Apesar disso, há também uma *promesse de bonheur* que impulsiona o sujeito rumo às máquinas modernas de gozo, os imigrantes rumo à efervescência das metrópoles. Ou ainda, dito de outro modo, há nos objetos técnicos da modernidade um enigma que precisa ser decifrado. Talvez seja esta perspectiva enigmática que leve Cruz e Sousa às viagens e auto-exílios no Rio de Janeiro²¹⁴. Viagens vertiginosas que, como veremos, fazem o sujeito, como em um *bateau-ivre*, oscilar entre a promessa de felicidade e o inferno.

E é justamente, a partir da alegoria do navio que Cruz e Sousa faz seu próprio convite à viagem²¹⁵. Com efeito, no poema em prosa “Navios”, de Missal, ele escreve:

“Navios balanceados num ritmo leve flutuam nas vítreas ondas virgens, com o inefável aspecto das longas viagens, dos climas consoladores e meigos, sob a candente chama dos trópicos ou sob a fulguração das neves do Pólo.

Alguns deles, na alegre perspectiva marinha, rizam matinalmente as velas e partem - mares a fora - visões aquáticas de panos, mastros e vergas, sobre o líquido trilho esmaltado das espumas, em busca, longe, dos ignotos destinos ...²¹⁶”.

Os olhos partem com a imagem do navio, idealizam outros portos que não o de onde olham. Temos, aqui, a possibilidade de uma livre circulação sobre o mar, superfície lisa (vítrea) de transporte, sem nenhum controle, nenhuma jurisdição desde os trópicos até o Pólo - neste sentido, não se trata do mar de Michelet onde haveria uma regulamentação do transporte, um direito universal sobre o mar. Em “Modos de ser”, o mar possibilita a fuga da vida provinciana, o contato com as coisas do mundo: “Do Mar vem essa emanção virginal, salutar, que traz o impulso às ações, o vigor nobre à vontade²¹⁷”. Ou ainda, em “A janela”, alegoria do limiar que a viagem deve empurrar,

²¹³ Cf. Buck-Morss, Susan. *The dialectics of Seeing - Walter Benjamin and the Arcades Project*. Cambridge, MIT, 1989.

²¹⁴ Ao examinarmos a cronologia de vida e obra de Cruz e Sousa, vemos que é no Rio de Janeiro onde ele passa o ano de 1888 e é para lá que volta em 1890, onde permanece até o fim da vida. E, ainda, é lá onde produz grande parte de sua obra, *Missal, Broquéis, Evocações* e colaborações em diversos periódicos, inclusive na *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. In. *Cruz e Sousa - Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995. P.49-57.

²¹⁵ Lembremos Foucault e a imagem do navio como heterotopia que vai das colônias às casas de prostituição.

²¹⁶ In. *Cruz e Sousa - Obras completa*, op.cit, p.469.

²¹⁷ Idem. p.496.

barreira a ser transposta, temos “velas saudosas de navios, enfunadas ao impulso das correntes aéreas; mastreações caprichosas e confusas, misteriosamente interrogando o céu²¹⁸”. A janela propicia a visão do mar e principalmente “a recordação de todo o vasto ruído atordoante e culto da vida de longe; os rumorosos cais frementes, as movimentosas cidades alegres, os grandes portos febris de efervescente efusão cosmopolita de mil exemplares de povos”.

Poderíamos a partir desta série de poemas de *Missal*, retirar elementos para uma teoria do olhar - ou mesmo da viagem - que elaborada por Lacan, já se pode ler em Freud ou mesmo Bergson.

Com efeito, ao trabalhar em seu modelo óptico, Lacan colocará o objeto *a*²¹⁹, objeto do desejo, como “elemento da estrutura desde a origem e, por assim dizer, da distribuição das cartas da partida que se joga. Na medida em que é selecionado nos apêndices do corpo como indicio do desejo, ele já é o expoente de uma função que o sublima antes mesmo que ele a exerça²²⁰”. Ou seja, com a inscrição do Outro da Lei, “ele é restituído ao campo do Outro na função de expositor do desejo no Outro²²¹” e a ele o sujeito não ascende mais. O objeto *a* está portanto velado pela estrutura da linguagem, pelas palavras que vêm do Outro. Contudo, a ele o sujeito acaba sempre recorrendo, tentando recuperá-lo, e obtendo prazer nesta tentativa²²².

Neste sentido, se há o interesse pela viagem é porque com ela o sujeito espera ascender a seu objeto, que está por trás das coisas, da água do mar (pensemos em sua

²¹⁸ Idem. p.493.

²¹⁹ Talvez não seja ocioso lembrar que o *petit a* se refere, justamente, ao outro (*autre*) do eu (*moi*), colocado no eixo imaginário.

²²⁰ Lacan, Jacques. “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. In. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. p.689.

²²¹ Idem.

²²² Em “Das Ding”, Lacan escreve: “o *Ding* como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. É sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a que? - ao mundo de seus desejos. Ele faz a prova de que alguma coisa, afinal, encontra-se justamente aí, que, até um certo ponto, pode servir. Servir a que? - a nada mais do que a referenciar, em relação a esse mundo de anseios e de espera orientado em direção ao que servirá, quando for o caso, para atingir *das Ding*. Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas - evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando.

O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo com saudade. Não é

semelhança com o espelho), dos ruídos das metrópoles. E se, como adiciona Lacan ao texto freudiano, os apêndices do corpo não são apenas o peito e as fezes, mas também a voz e o olhar²²³, podemos pensar que a viagem ao desconhecido é uma viagem em que o sujeito busca recuperar o próprio olhar, este objeto perdido que está velado por um Ideal que vem do Outro.

É por isso que o mar, no caso de Cruz e Sousa, traz o impulso²²⁴ às ações, movimentando o sujeito a descobrir o que está além. Há, por trás do mar, como que uma continuidade do próprio corpo. É por isso que d’“A janela” tudo quer partir. Não apenas os navios, mas “a nevrose vegetal da folhagem trepadeira que busca em ânsias o ar...”²²⁵.

Em “Modos de ser”, por exemplo, fica clara a tentativa de recuperação de algo que se perdeu quando Cruz e Sousa utiliza para a visão, a metáfora da máquina fotográfica:

“Os efeitos maravilhosos que a *visão* recebe do Mar, como uma máquina fotográfica recebe nitidamente as fisionomias, desenvolvem-se nos temperamentos artísticos em impressões, em *nuances*, em colorações, em estilos, em linhas, em sutilezas de percepção, em ductilidades, em fiorituras de imagens, em abundantes fioras de imaginação, tão múltiplas e luminosas quantas são as infinitudes de ilhas verdes de algas e de sargaço que o Mar contém no seu seio²²⁶”.

O que nos implica o poema é que por trás do mar, a partir da *visão*, os temperamentos artísticos são capazes de, como quando se tira uma foto, perceber imagens sutis que escapam à normalidade, à significação cotidiana. Imagens contidas no mar que, ao mesmo tempo, são as imagens mais internas do próprio “vedor”, extímias portanto: “[o mar] infiltra nos órgãos emocionais e pensantes todo um exuberante

ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer ...”. *O seminário - Livro 7, a ética da psicanálise*. Trad. Antônio Quinet, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991. p.69

²²³ Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, Lacan fala dos quatro elementos, as quatro flores, que através do espelho côncavo frente ao plano podemos ver dentro do vaso, ou seja, dentro de um continente enquanto corpo.

²²⁴ O objeto *a* é justamente da ordem da pulsão.

²²⁵ Op.cit. p.493.

²²⁶ Op.cit. p.496

eletrismo nervoso²²⁷, todo um fluido de luz e originalidade, uma essência, um germen rico e novo de graça e fantasia alada²²⁸”. Como assinalai antes, na passagem da parte anterior a esta, a máquina fotográfica libera a pulsão de quem olha por trás do visor, faz com que este vislumbre seu objeto perdido, tente recuperá-lo e, neste percurso, obtenha prazer. Prazer este Cruz e Sousa traduz como sendo um fluido de luz.

Em suma, podemos ressaltar a partir desta leitura que Lacan faz de Freud a idéia de um olhar que não é mera contemplação, exterior às coisas vistas, herdado do perspectivismo cartesiano, mas, antes, um olhar que está implicado no que vê, mescla-se ao que vê, pois o que vê, de certo modo, faz parte de si, de sua “memória” e, por isso, impossível de ser julgado ou representado á distância como gostaria, por sua vez, a tradição positivista. Tal idéia de olhar, com efeito, apareceria também nos escritos do filósofo francês Henri Bergson - contemporâneo de Cruz e Sousa - que Martin Jay lê com precisão em seu *Downcast eyes - the denigration of vision in the twentieth-century french thought*²²⁹. Trata-se de um estudo circunstancial para a apreensão de uma linhagem “antivisual” do pensamento francês - resistente ao que Jay denomina de ocularcentrismo ou império do olhar - que, apesar de ter seu ponto culminante no século XX, perpassa o

²²⁷ Podemos ler aqui uma erotização do mar que perpassa *Missal* e que tem a ver com a excitação quando se está tentando recuperar o objeto perdido, sobretudo se entendemos “órgão emocionais” como o próprio órgão sexual em um “exuberante eletrismo nervoso”, ou seja, em ereção. Esta excitação creio estar alegorizada também nos mastros e vergas erguidos dos navios em busca dos “ignotos destinos”, como lemos em “Navios”. Em “Tintas marinhas”, por exemplo, temos a mesma alusão aos mastros “eretos” dos navios sobre o mar: “O mar, aquietado, sereno, está de um verde glauco ativo e salgado, convidando a viajar, e, sobre ele, navios balouçantes, embarcações, soltas como aves, de delicadas formas artísticas, com afinidades abstratas de certas linhas fugidias de um perfil de mulher, conservam então, como lenços de adeuses, as suas velas estendidas, (...)”

Balançam-se um pouco, numa cadência harmônica, num ritmo musical, com os altos mastros erguidos para o céu em posição de vigia” p.479

²²⁸ p.496. Roland Barthes em *Câmara clara - notas sobre a fotografia* (Trad. Júlio Castañon Guimarães, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984) curiosamente em consonância com o *Seminário 11* de Lacan (tal obra está na sua bibliografia), articulará o objeto *a* lacaniano com o que concebe como *punctum*, o que lhe punge. Sendo este o que vai procurar nas fotografias que analisa e não o que denomina *studium*, da ordem da cultura, espécie de educação, diz correr o risco de entregar-se. Ao ver a foto de uma casa, Barthes escreve: “essa foto antiga (1854) me toca: simplesmente porque tenho vontade de viver *aí*. Essa vontade mergulha em mim uma profundidade e segundo raízes que não conheço ... (...) Não importa o que seja (de mim mesmo, de meus móveis, de meu fantasma), tenho vontade de viver lá, *com finura* - e essa finura jamais é satisfeita pela foto de turismo. Para mim, as fotografias de paisagens (urbanas e campestres) devem ser *habitáveis*, e não visitáveis. Esse desejo de habitação, se o observo bem em mim mesmo, não é nem onírico (não sonho com um local extravagante) nem empírico (não procuro comprar uma casa segundo as vistas de um prospecto de agência imobiliária); ele é fantasmático, prende-se a uma espécie de vidência que parece levar-me adiante, para um tempo utópico, ou me reportar para trás, para não sei onde de mim mesmo: duplo movimento que Baudelaire cantou em *Convite à viagem e Vida Anterior*.” p. 63-65.

pensamento ocidental desde o século XVIII. Por isso, uma breve passagem pelo texto de Martin Jay será importante para avaliarmos não só a relação das duas teorias do olhar, de Freud e Bergson, mas para percebermos como a poesia de Cruz e Sousa dialoga com elas.

Para tanto, comecemos com a leitura de Martin Jay sobre como o corpo se impõe em Bergson para resistir às “tirantias da visão”. O corpo para o filósofo francês é, segundo Jay, a fonte de todas as percepções. Ele não é um objeto de contemplação mas a base da ação humana no mundo. É a partir dele que se faz a escolha humana, “human choice”, o que, traduzido em termos lacanianos significa que é a partir dele que “isto goza”²³⁰. Embora haja, para Bergson, uma memória mental, esta só tem sentido caso for perpassada pela memória do corpo (“bodily memory”), dos sentidos, hábitos inscritos que se acumulam no corpo e que, segundo ele, dão consistência, “warmth”²³¹, àquela “memória verdadeira”. E é por aí que podemos aproximar o objeto *a* de Lacan com esta memória corporal que é em Bergson da ordem de todos os sentidos, não apenas da visão²³². Do mesmo modo que este, Cruz e Sousa, em um poema cujo título é, justamente, “Sabor”, nos mostra como todos os sentidos confluem para o gozo do corpo:

“Após a delícia frugal de um *lunch* de frutas silvestres e claros vinhos, numa colina engrinaldada de rosas, quando o sol sob nuvens aparece e desaparece, numa confortante meia-sombra de luz, não é apenas o gozo das frutas e dos vinhos que te fica saboreando no paladar.

O asseado aspecto do dia levemente frio, agulhante nas carnes, o ouro novo do sol em cima, a cor bizarra, correta do verde luxuoso, o gelo fresco e cristalino nas taças sonoras espumantes de líquidos vaporosos, e o viçoso encanto de formosas mulheres, rindo em

²²⁹ Op.cit.

²³⁰ Martin Jay faz questão de situar a ausência do componente libidinal na filosofia de Bergson. Esta conexão portanto é feita por mim.

²³¹ Tal definição é tirada de *Matéria e memória*, de Bergson. “C’est du présent que part l’appel auquel le souvenir répond, et c’est aux éléments sensori-moteurs de l’action présente que le souvenir emprunte la chaleur qui donne la vie.” *Matière et mémoire - essai sur la relation du corps à l’esprit*, Félix Alcan, Paris, 1934. p.166

²³² Em Lacan, como vimos, o objeto *a* também não se reduz ao olhar e se seguimos as várias fases de sua teoria psicanalítica sabemos que no *Seminário 11*, Lacan começará a introduzir na estrutura do inconsciente um elemento que resiste à mortificação significativa, um resto de gozo que não conseguiu ser capturado pelo Outro do significante. Não seria este resto, este objeto *a*, o que dá sentido, ou calor, à existência?

bocas de aurora e dentes de neve, - toda essa impressionante, alegre palheta de pintura à água, aflora num esplendor de gozo a que tu bem podes chamar o raro sabor das cousas²³³”.

Temos neste trecho que nos remete à ilha de La Gravière, à “Invitation au voyage” de Baudelaire e ao “Déjeuner sur l’herbe” de Manet, não só a presença de todos os sentidos mas a idéia de que o raro sabor das coisas só é atingido caso eles estejam todos ativados ao mesmo tempo, em sintonia. A última imagem que nos suscita o poema é a de um todo orgânico, de uma paisagem que é puro movimento, que evoca sons, cheiros, cores e de uma apreensão do momento que se prolonga no poema, ou seja, que dura. Trata-se, pois, de uma “holistic unity” que Martin Jay nos diz haver em Bergson e que, para o filósofo, seria “the basis of the true self²³⁴”.

Contudo, ao evocar esta memória corporal, Bergson tem algo mais em mente. Seguindo a leitura de Martin Jay vemos que o projeto do filósofo francês é o de captar a realidade através do que chama de intuição, uma espécie de visão interna que nos daria o verdadeiro sentido das coisas. Isso leva Jay a inferir que Bergson queria, na verdade, reestabelecer o contato metafísico com a realidade, entrar no objeto, atingindo assim sua compreensão absoluta²³⁵. E, para isso, haveria que se respeitar a fluidez do tempo, a sua *durée*, e não espacializá-lo, quantificá-lo, tornando-o um número, obra, segundo Jay, começada na Idade Média e totalizada pela burguesia no século XIX com a industrialização capitalista. Se aqui, por um lado, ao evocar um ser verdadeiro, uma verdade fundamental, Bergson se afasta da psicanálise, segundo Lacan, pré-ontológica²³⁶, por outro, ao pensar uma não-quantificação da existência mas um eterno devir, ele pensa um olhar que trai a sincronicidade, a fabricação social do tempo. Um olhar que, do mesmo modo que o sujeito da psicanálise, tenta desidentificar-se das

²³³ Cruz e Sousa - *Obras Completa*. Op.cit. p.467.

²³⁴ Op.cit. p.197

²³⁵ Cruz e Sousa fala no “raro” sabor.

²³⁶ *O Seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. Em uma resposta a Jacques-Alain Miller sobre a sua ontologia, Lacan responde que “a hiância do inconsciente, poderíamos dizê-la *pré-ontológica*”. E segue argumentando: “Insisti nesse caráter demasiado esquecido - esquecido de um modo que não deixa de ter significação - da primeira emergência do inconsciente, que é de não se prestar à ontologia. O que, com efeito, se mostrou de começo a Freud, aos descobridores, aos que deram os primeiros passos, o que se mostra ainda a quem quer que na análise acomode por um momento seu olhar ao que é propriamente da ordem do inconsciente, - é que ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não realizado.” p.33-34.

imagens ou significantes do mundo e assumir-se como desejanter²³⁷. Nas palavras de Martin Jay sobre a teoria bergsoniana: “our mistake is to identify our selves with the external images available to others in the social world, rather than with the internal experience of individually endured time, the private reality of *durée*.”²³⁸

Em última instância, temos em Bergson a formulação de um sujeito que deve buscar um aprofundamento da experiência e para tanto liberar-se da irredutibilidade da temporalidade à espacialidade, o que, em outras palavras, significa “destronar o olho imperial”²³⁹ e “gozar” a existência. Em suma, aproveitar a viagem. E, se retomamos a leitura de Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes*, que evoca alguns viajantes cujo olhar estaria sempre distanciado, exterior ao objeto, teríamos em Bergson um viajante cujo processo é, justamente, o inverso, onde o que está em questão não são mapas, mas caminhos, ou mares, o que por sinal é claríssimo em Cruz e Sousa. Esses mares, cumpre destacar, que são navegados não apenas pelo olhar mas pelo corpo e por todos os seus sentidos. Porque no percurso, na viagem (e é imprescindível voltarmos à Lacan e à sua leitura de Freud) o sujeito está tentando recuperar o objeto que se perdeu quando foi lhe introduzida a estrutura da linguagem.

Argumentaríamos então que tal como uma criança em frente ao espelho, que festeja seu encontro com a superfície atrás da qual está seu olhar, o viajante olha o mar ou o caminho. Contudo - e isto deve ser frisado - para que sua imagem continue lá, ficcionalizada, e para que seu objeto continue velado, há a necessidade de receber os significantes do Outro²⁴⁰. São eles que mantêm, de certo modo, a *promesse de bonheur*²⁴¹. Ou, ainda, são eles que mantêm o espelho intacto. É, enfim, a partir destes significantes e na esperança de recuperar o objeto perdido que se dá a viagem.

²³⁷ Uma distinção deve aqui ser feita. Se o sujeito lacaniano, desejanter, assume a sua castração, ou melhor, a sua falta, o sujeito bergsoniano quer, antes, recuperar a sua totalidade.

²³⁸ Op.cit. p.197

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Como podemos ler em “O Estranho” de Freud, a emergência, ou o desvelamento do objeto parcial significa angústia. O desvelamento fora trabalhado anteriormente na leitura de “Voyage à Cythère” de Baudelaire.

²⁴¹ Ao formular seu modelo óptico, Lacan diferencia o eu-ideal, de ordem imaginária, do Ideal do eu, que faz parte do simbólico e que é o que mantêm o sujeito interessado por sua imagem. Ou seja, que o faz acreditar-se identificado com as coisas do mundo. Em “Observação sobre o relatório...” ele argumenta: “O Ideal do Eu é uma formulação que surge nesse lugar simbólico. E é nisso que ele se prende às coordenadas inconscientes do Eu. Para dizê-lo, Freud escreveu sua segunda tópica, e, tendo-o dito, como ao lê-lo fica perfeitamente claro, nem por isso ele o fez para franquear o retorno do eu autônomo.

Como vemos, esta série de poemas marcados pela euforia da busca sustenta-se em um Ideal do eu que pode estar tanto no mar quanto atrás das coisas da cidade, da vida cosmopolita. Mas é bom observarmos, entretanto, que em *Missal* mesmo, há de se elaborar uma série de poemas cujo cenário *já é* o espaço urbano. Aí, ao invés do intenso prazer da viagem, do júbilo do sujeito frente ao espelho, se lhe aparecerá um espelho partido que desvela o objeto e, de acordo com Freud em “Luto e melancolia²⁴²”, faz a sua sombra incidir sobre o eu, produzindo a melancolia. Tratar-se-á, logo, de um sujeito sem os ideais²⁴³ do Outro, em exílio, confrontado com uma cidade que o oprime, com o objeto que o assombra, mas com os quais tem que lidar. Ou seja, um sujeito que tem que inventar outros ideais para velar novamente este objeto perdido. Daí toda uma produção significativa que propiciará a criação de seus espaços de exceção e, portanto, a saída do estado de melancolia.

O início do estudo de Jean Starobinski, *La mélancolie au miroir - trois lectures de Baudelaire*²⁴⁴, aborda sob dois aspectos a experiência de Baudelaire com a melancolia e a relação desta com o espaço fechado, com o enclausuramento. A primeira seria os anos que o poeta passa no colégio interno e a segunda, que alegoriza esta, a alegoria mesma de *La religieuse*, de Diderot, leitura de Baudelaire e, do mesmo modo, uma cativa, só que do convento. Já no poema em prosa “Dias tristes”, de Cruz e Sousa, este espaço fechado, reduzido, é alegorizado pelo próprio ego, contemplativo, que em reação a um espaço maior, acaba por se recolher:

“Apesar do sol, que imensa tristeza para certos seres, que dias tristes, esses, de uma melancolia e dolorosa névoa ...

Os ruídos todos, o esplendor da luz, convergindo em foco para o coração, deslumbram, fascinam de modo tal e tão profundamente, que o abatem, infiltrando-lhe essa tristeza infinita que se não define

Pois a questão que ele inaugura na *Psicologia das massas e análise do Eu* é a de como um objeto, reduzido a sua realidade mais estúpida, porém colocado por um certo número de sujeitos numa função de denominador comum, que confirma o que diremos de sua função de insígnia, é capaz de precipitar a identificação com o Eu Ideal, inclusive no débil poder do infortúnio que no fundo ele revela ser.” Op.cit. p.684

²⁴² In. *Sigmund Freud - Obras Completas - vol. VI*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

²⁴³ Trabalhando estes dois aspectos da viagem moderna, pretendo mostrar, também, como eles se conectam com uma teoria do olhar que se pode pensar a partir de Freud.

²⁴⁴ Paris, Julliard, 1989.

e que está, como um fundo de morbidez, nas almas contemplativas e nômades, que vão armar a sua tenda nas desconhecidas e longínquas paragens abstratas do Pensamento.
Dias tristes, muita vez, os dias de sol²⁴⁵.”

Vemos aqui que, ao contrário do que tínhamos assinalado em relação às telas de Manet, a luz liga-se não à euforia mas à melancolia. Poderíamos entendê-la como a luz que emana desse espaço maior e que faz o ego recolher-se. Não se trata apenas da luz do sol que Starobinski lê no texto de Baudelaire²⁴⁶. Há, também, a “luz de um templo vasto”, a do “esplendor das salas iluminadas, na abundância de cristais e flores, entre auroras de mulheres e luxuosas roupagens”. Ou, ainda, “a toalha branca da mesa, (...), a atitude correta das pessoas, a limpidez simpática das horas”. Tal luz não estaria apenas vindo da natureza, mas das coisas, “de toda essa disposição harmoniosa de objetos e pessoas” que faz com que nasça no poeta uma inexplicável tristeza. Ela é, portanto, da ordem do artifício. Ou, em última análise, ela provém da própria engrenagem de um espaço urbano em crescimento que traz, também, em seu bojo, toda uma idéia de progresso e o surgimento de uma incipiente burguesia nacional atrelada aos modelos europeus²⁴⁷. É por isso que em “Melancolia”, poema em prosa de *Evocações*, Cruz e Sousa escreve que “os olhos dos homens só luzem diante do dinheiro” e que “o sentimento está metalizado em ouro²⁴⁸”. Do metal, neste caso, emana a única luminosidade possível: “(...) pelo Amor nenhum se sente com ânimo de brandir um facho, de agitar um gládio ou desfraldar uma bandeira! (...) pelo sacrificio nenhum se arrojará nos Nirvanas transcendentes, porque dói muito abandonar o

²⁴⁵ In *Missal*. Op.cit. p.487

²⁴⁶ Segundo Starobinski “l’heure de midi est celle du démon et de l’*acedia* exaspérée. C’est l’heure où la lumière triomphante appelle l’assaut de son contradicteur; l’heure où l’extreme vigilance prescrite à l’esprit est prise à revers par la somnolance.” *La mélancolie au miroir*. Op.cit. p.19

²⁴⁷ Em *Fins do século - cidade e cultura no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, Rocco, 1998), Beatriz Jaguaribe comenta que no final do século XIX e início do XX, “presos ao império das novidades ditado pelas moda européia, as classes abastadas, a despeito do tórrido clima tropical, serão devidamente empacotadas em veludos e tafetás franceses para as mulheres, e severas casimiras de lã inglesa para os homens. (...)”

As regras e os jogos sociais, que se desenvolviam nesse novo cenário de incipiente modernização, refletem uma renegociação entre as esferas do público e do privado. As exigências do refinamento urbano pressupõem um perfil cosmopolita. Se os interesses econômicos que regiam a nação ainda estavam fortemente atrelados às oligarquias rurais e ao caudilhismo dos oligarcas nos estados, o cenário urbano permitia a invenção de novas subjetividades e formas de comportamento social. Nos domínios do feminino, o surgimento dos salões aristocráticos e burgueses ampliou consideravelmente o repertório de atuação das mulheres ...”. p.36.

Conforto!(...) pela Abnegação nenhum se colocará na vanguarda, porque custa muito aniquilar o Interesse²⁴⁹.”

Se nos evidencia, assim, a partir desta idéia de luminosidade conectada ao avanço do processo civilizatório nos trópicos, o desinteresse do errante urbano pelas coisas do mundo que, de objetos pelos quais viaja (objetos parciais) passam rapidamente a pedras, ou melhor, ruínas²⁵⁰. Tal movimento assemelha-se bastante ao da própria melancolia segundo Freud. Vejamos uma passagem do seu “Luto e melancolia”:

“Existem, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destruída. O resultado não foi o normal - uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo - mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado²⁵¹.”

Para Freud, portanto, a sombra do objeto cai sobre o ego justamente porque houve uma ruptura - “uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada”- dos ideais para com o sujeito. E se entendemos ideais enquanto o espelho que sustenta o objeto velado, percebemos que, ao despedaçar-se, este espelho desvela o objeto que acaba por ferir o próprio ego²⁵². De certo modo, é isto que Cruz e

²⁴⁸ In. Cruz e Sousa - *Obras Completa*. Op.cit. p.541.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Tal qual o cisne baudelairiano em meio às ruínas de Paris, Cruz e Sousa escreve em “Melancolia” que “nós caminhamos para o irreparável empedernimento; desde o solo até aos astros, homens e cousas, tudo vai quedar de pedra. Será um sono universal de uma universal esfinge. Tudo, na pedra, dormirá um sono de pedra. A pedra respirará pedra. A pedra sentirá pedra. A pedra almejará pedra. E esta tremenda aspiração de pedra profundamente simbolizará os sentimentos de pedra dos homens de hoje” p.541

²⁵¹ Op.cit. p.281

²⁵² Ao falar das auto-recriminações do melancólico, Freud coloca que “as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente.” Op.cit. p.280

Sousa coloca em “Dias tristes” quando escreve que “como que filtros de dolorimento partem de todas essas luminosidades, todo esse fulgor solar verte uma nostalgia cruciante, que fere e fende o peito, incisivamente, como as flechas lentamente envenenadas dos hindus.”

Assim, esta “nostalgia cruciante” - que poderíamos denominar o próprio objeto perdido - volta para o peito. Sobre isso diz Colette Soler que a modificação libidinal na melancolia se traduz em condutas de desapego em relação aos objetos. (Objetos que, neste caso, estariam escondidos atrás dos “ideais da pessoa”). Em conseqüência, prossegue Soler, o vetor da apetência, que vai do sujeito em direção aos objetos dá meia volta em seu traçado, em um verdadeiro movimento de involução sobre o corpo²⁵³ e acaba por petrificar o sujeito. Ou seja, deixa-o sem ação frente ao movimento das coisas, porque seu ego mesmo coisificou-se, tornou-se escravo do próprio objeto que sobre ele cai²⁵⁴.

No entanto, mesmo impotente, petrificado, frente às vertiginosas transformações do espaço urbano, Cruz e Sousa constrói, a partir da ruína, uma poesia que vela novamente seu objeto através da criação de alguns espaços de exceção: personagens marginais, sorte de ilhas, que escapam da ditadura do espaço social ao mesmo tempo que, ao exhibir as rachaduras deste, desmistificam o seu poder²⁵⁵. Como Baudelaire, que dos fragmentos de “Paris de antes” e do “novo Carrossel” elabora seu “tableau parisien”, ou seja, consegue fazer algo da confusão, do caos, sem ficar cativo

²⁵³ Soler, Colette. “Pérdida y culpa en la melancolia” in. *Estudios sobre la psicosis*. Buenos Aires, Manantial, 1989. p.35

²⁵⁴ Daí em “Melancolia” (op.cit.) Cruz e Sousa escrever: “desde o solo até aos astros, homens e cousas, tudo vai quedar de pedra”. Ou, ao ler o verso “Je suis le sinistre miroir” de Baudelaire em “L’héotontimorouménos”, Starobinski (op.cit.) argumentar que tal verso alegoriza o “eu” materializando-o, fazendo dele um objeto. “L’allégorie, cette fois, n’est plus liée à une personnification: elle est dépersonnalisante, dévitalisante. Devenir miroir, c’est se réduire à n’être que surface réfléchissante: la conscience muée en miroir éprouve la réflexion sur le mode passif. Elle ne peut que subir, pour en renvoyer le reflet, les formes et les créatures qui se sont placées en regard.” (p.35). Em seguida, escreverá Starobinski que “la vitrification est une variante de la pétrification”. p.36

²⁵⁵ Em *O Brasil não é longe daqui* (op.cit.), Flora Süssekind percebe na passagem da crônica de costumes e do paisagismo ao relato urbano de Machado de Assis a nostalgia causada pelo desenraizamento do personagem Rubião, de *Quincas Borba*, na corte. É graças a isto, no entanto, ou seja, à criação de personagens às vezes “imobilizados” (Brás Cubas), às vezes introspectivos (o protagonista de *O memorial de Aires*), às vezes fora-de-lugar, que Machado rompe com o olhar centrado do narrador nacional e elabora, ao mesmo tempo, a sua crítica social: “Aí, ao lado do desarme propositado das ‘idéias fixas’ (a natureza, o olhar de ‘eterno Adão’, o álbum de tipos, o leitor-aprendiz, a origem) que sustentam o ponto de mira nessa primeira figuração de narrador ficcional, há imersão igualmente sistemática do seu

do “bric-à-brac²⁵⁶”, Cruz e Sousa, ao utilizar a alegoria do bêbado, no poema que tem este nome, contrasta dois tempos: o exílio e a memória. Através desta memória, mesclada à intoxicação pelo álcool, o personagem que perambula pelos cafés e teatros da cidade em direção ao porto, cria um tempo e um espaço próprios, ou uma heterocronia e heteropia específicas, se pensamos nas categorias de Michel Foucault:

“Bêbado”

“Torvo, trêmulo e triste na noite, esse bêbado que eu via constantemente à porta dos cafés e dos teatros, parara em frente ao cais deserto, na alta, profunda hora solitária.

Espadaúdo, de grande estatura, ombros fortes, como um cossaco, costumava sempre bater a cidade em marchas vertiginosas, na andadura bamba dos ébrios, indo pernoitar depois ali, perto das vagas, amigas eternas da sua nevrose.

.....
Era talvez um desses seres tenebrosos, quase sinistros, a quem faltou um pouco de graça, um pouco de ironia e riso para florir e iluminar a vida.

.....
No entanto, quanto mais eu observava esse fascinado alcoólico, pasmando instintivamente, na confusão neblinosa da embriaguez, para as ondas adormecidas na noite, mais meditava e sentia as profundas visões de sonâmbulo que lhe vagavam no cérebro, as saudades e as nostalgias.

Porque o álcool, pondo uma névoa no entendimento, apaga, desfaz a ação presente das idéias e fá-las recuar ao passado, levantando e fazendo viver, trazendo à flor do espírito, indecisamente, embora, as perspectivas, as impressões e sensações do passado.”

O bêbado em frente ao cais deserto pode ser interpretado do mesmo modo que o sujeito que quer partir atrás do seu objeto de gozo. Objeto este que, de acordo com o poema, não está na cidade, já que ele a percorre em “marchas vertiginosas” e vai pernoitar no cais, perto das vagas. É como se a cidade lhe negasse uma identificação e ele tivesse que, novamente, recorrer às ondas²⁵⁷ para que estas o levassem de volta a um

narrador nesses solventes de que tentara escapar, com truques diversos, a prosa romanesca brasileira da segunda metade do século XIX: o tempo, o ridículo, a mobilidade interna.” p.265.

²⁵⁶ Starobinski, Jean. *La mélancolie au miroir* (op.cit). Cf. sua análise de “Le Cygne”. p.65-66.

²⁵⁷ Ao entender as ondas como amigas da nevrose, o eu-lírico do poema pode estar se referindo ao fato de serem elas que levam o viajante exilado, o bêbado no caso, à busca de identificações, demandas de amor, em outras palavras, às viagens.

lugar anterior. A viagem a este lugar é, com efeito, realizada. Ela é, entretanto, imóvel, sem sair do lugar. É uma viagem a partir do entorpecimento alcóico e da memória, mas com a qual o viajante reconstrói um espelho que se partira (os seus ideais) e, logo, obtém prazer. Neste sentido, poderíamos aventar que, aproximando seu foco do bêbado, Cruz e Sousa narra a própria errância na corte. Porque se prestamos atenção, o que primeiro parecia ser uma mera descrição de um errante da cidade, através de um olhar distanciado, acaba se transformando em uma identificação com o personagem: “quanto mais eu observava esse fascinado alcoólico (...) mais meditava e sentia as profundas visões de sonâmbulo que lhe vagavam no cérebro”.

Se seguimos com a hipótese de que o poeta constrói seu contra-lugar através do bêbado - memória e entorpecimento - e, com isso, reconcilia-se com seu objeto de gozo, então podemos pensar Cruz e Sousa como um leitor da *Revue des Deux Mondes*, tanto das *Flores do mal* ali publicadas quanto do relato insular de E. Jurien de La Gravière. Pois, como vimos no começo deste capítulo, La Gravière nos seus “Souvenirs d’un amiral” constrói sua heteropia através da memória, relato autobiográfico, e intoxicação: lembremos da frase “and the best of life is but intoxication”. Com as “impressões e sensações” da ilha de Santa Catarina, o marinheiro aposentado, quarenta anos depois de sua viagem, descreve um espaço colonial, insular e heterotópico (pois realiza-se *no texto*), que escapa ao universo e ao tempo da metrópole.

Neste sentido, tanto ele quanto Cruz e Sousa vislumbram articulações com um espaço que poderíamos denominar de moderno - se o pensamos em relação ao contemporâneo ou, simplesmente, “pós-moderno²⁵⁸” - de modo que são capazes de representar-se, elaborar autobiografias, mesmo que marginais, e não sucumbir totalmente à vertigem de uma cidade que se lhes apresentaria como um eterno enigma. Como

²⁵⁸ Em *Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco, São Paulo, Ática, 1996, Fredric Jameson opõe o moderno ao pós-moderno destacando neste “uma nova falta de profundidade, que se vê prolongada tanto na ‘teoria’ contemporânea quanto em toda essa cultura da imagem e do simulacro; um conseqüente enfraquecimento da historicidade tanto em nossas relações com a história pública quanto em nossas novas formas de temporalidade privada, cuja estrutura ‘esquizofrênica’ (segundo Lacan) vai determinar novos tipos de sintaxe e de relação sintagmática nas formas mais temporais de arte; um novo tipo de matiz emocional básico - a que denominarei de “intensidades” -, que pode ser mais bem entendido se nos voltarmos para as teorias mais antigas do sublime; a profunda relação de tudo isso com a nova tecnologia, que é uma das figuras de um novo sistema econômico mundial; e, após um breve relato das mutações pós-modernas na experiência vivenciada no espaço das construções, algumas reflexões sobre a missão da arte política no novo e desconcertante espaço mundial do capitalismo tardio ou multinacional”. p.32.

vemos, ocorre antes um deciframento desta, uma visualização do Outro e, conseqüentemente, a pacificação do sujeito, a identificação com a sua imagem no espelho. Processo este que, no contexto atual, poderia ser pensado como uma impossibilidade. Por isso que o crítico da cidade moderna, Adrián Gorelik, ao comparar a Buenos Aires do século passado com a deste fim de século, assinalará que o espaço da grande cidade contemporânea nega ao habitante marginalizado qualquer horizonte de ascensão pela própria fragmentação do seu caráter público:

“la desaparición lisa y llana de tal horizonte, la aceptación de que ésta es una sociedad injusta, tienen enormes efectos, por lo tanto, sobre la misma estructura urbana, porque materializan la fragmentación consolidando las fisuras de lo que antes se veía como un continuo público, estableciendo bolsones diferenciales de bienestar y seguridad recortados contra el conjunto, generando áreas protegidas que exacerban el contraste frente a la desprotección del resto. En el espacio público de la ciudad expansiva había seguramente enormes límites materiales y sociales para hacer efectivo el horizonte de la integración, pero, viceversa, sin ese horizonte no hay espacio público, porque queda cortada de raíz su propia condición de posibilidad²⁵⁹.”

Esta citação prepara o próximo capítulo em que o espaço insular serve não mais como metáfora da colonização mas como metáfora do deserto e imagem da exploração deste fim de século, cujo microcosmo poderia ser o campo de concentração nazista. Espaço do controle absoluto, dificilmente sobram aí possibilidades para as heterotopias foucaultianas, para os *bateaux-ivres* que levavam os personagens deste segundo capítulo das casas de prostituição às colônias, ou da embriaguez à memória. No deserto - o melhor exemplo pode ser *América* de Baudrillard - não há, por um lado, como sair da circulação infinita das *freeways* ou dos sonhos do mundo consumista dos shopping centers. E por outro, mais atroz, não há, paradoxalmente, nem mesmo como sonhar. A título conclusivo, poderíamos lembrar as palavras de Susan Buck-Morss:

²⁵⁹ “Buenos Aires en la encrucijada: modernización y política urbana” in, *Punto de Vista*, n.59, dic. 1997, Buenos Aires.

“Postmodern architecture initially was committed to improving cities as a social space. But the economic and political climate was not favorable for urban reform. Rather, a postmodern virtue was made of the accidental way that cities evolve, justifying the lack of any urban policy whatsoever. Style has become eclectic, a melange of neo-, post-, and retroforms that deny responsibility for present history. They reproduce the dream-image, but reject the dream. In this cynical time of the ‘end of history’, adults know better than to believe in social utopias of any kind - those of production or consumption. Utopian fantasy is quarantined, contained within the boundaries of theme parks and tourist preserves, like some ecologically threatened but nonetheless dangerous zoo animal. When it is allowed expression at all, it takes on the look of children’s toys - even in the case of sophisticated objects - as if to prove that utopias of social space can no longer be taken seriously; they are commercial ventures, nothing more. Benjamin insisted: ‘We must wake up from the world of our parents’ (V, 1048). But what can be demanded of a new generation, if its parents never dream at all?²⁶⁰”

²⁶⁰ “The city as dreamworld and catastrophe”. Op.cit. p.25-26.

CAPÍTULO III

INSULARIDADES PÓS-MODERNAS

A grandeza dos desertos consiste em que eles são, em sua aridez, em sua secura, o negativo da superfície terrestre e o dos nossos humores civilizados. Lugar onde se refazem os humores e os fluidos, e onde descem diretamente as constelações, tão puro é o ar e tão sideral a influência.
Jean Baudrillard, *América*²⁶¹

3.1- Aproximações

“Relâche aux îles Malouines” é o título de um texto de 1831, publicado no primeiro número da *Revue des Deux Mondes*²⁶², no qual o naturalista francês René P. Lesson descreve sua passagem por aquelas ilhas. Trata-se de uma narrativa de viagem que aparecerá publicada mais tarde em sua *Voyage autour du monde*²⁶³. Todavia, ao contrário dos relatos de viagens em que o viajante se identifica completamente com a paisagem ou completa-se nela, este relato de Lesson nas Malvinas mostra o viajante confrontado com o nada, com o deserto árido, onde ao mesmo tempo que não há o que coletar, não há o que ver. Neste sentido, inferiríamos que o viajante europeu em questão não domina a paisagem. Esta, ao invés de corresponder aos seus ideais de uma estética sublime, exuberante, ao invés de ser uma sorte de espelho para o eu²⁶⁴, aparece como pura superfície.

O relato, entrecortado por instantes de insegurança do narrador sobre como se mover na paisagem hostil e por apreciações gerais sobre o terreno, o clima, os habitantes

²⁶¹ Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Rocco, 1986. p.10

²⁶² vol I-II, Paris, 1831. Todas as citações de “Rêlache aux îles Malouines” são desta edição. Assim, daqui por diante indicarei apenas a página.

²⁶³ Paris, P. Pourrat Frères, 1838.

²⁶⁴ O Eu, para Lacan, em 1949, se constrói a partir da imagem ou da ficção que o espelho ou o outro lhe fornece de si próprio. Em outras palavras, o Eu se sustenta, ficcionalmente, a partir desta imagem especular. Ver Lacan, Jacques. “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je - telle qu’elle nous est révélée dans l’expérience psychanalytique” in. *Écrits*. Paris, Seuil (Point), 1994.

(ou melhor, os pingüins), traz uma questão subjacente que, em certo sentido, tem a ver com a decepção do viajante com a paisagem e a sua tentativa de encontrar nela um ponto de identificação com seu olhar europeu. Trata-se de uma pergunta sobre os limites daquelas ilhas, sobre o que se pode fazer com elas. Ou seja, como tirar delas alguma coisa se não há nada para ser colonizado, se não há, ali, ninguém que compre os produtos europeus. Após especular sobre as possibilidades econômicas daquela região do globo e, como veremos, tentar deixar suas sementes para que viajantes futuros delas usufruam, alegoria do próprio projeto da modernidade, a receita de Lesson para o aproveitamento deste espaço vazio do globo, desta ilhas áridas, se resumiria em: “le triple rapport de leur colonisation temporaire, de leurs productions naturelles, et des avantages qu’elles présentent aux navigateurs comme point de ravitaillement avant de franchir le cap Horn pour entrer dans la mer du Sud²⁶⁵”.

Com efeito, esta tripla relação é a aposta em uma exploração rápida do espaço. Ao invés de vincular este a um projeto de colonização a longo prazo, de instalação de uma sociedade de consumidores e trabalhadores, a solução de Lesson é o investimento efêmero: a pesca de focas ou baleias e o ponto estratégico para o descanso dos navios, ou seja, um lugar de passagem.

Portanto, o espaço do outro, no caso das Malvinas, não se situa nem como continuação dos projetos da metrópole nem como uma alternativa à esta. Dito de outro modo, não se apresenta nem como um espelho da metrópole, nem como um contra-lugar (heterotopia), uma oposição à homogeneização ocidental. Poderíamos aventar que *as Ilhas Malvinas, sob a lógica da exploração efêmera, assemelham-se, curiosamente, ao próprio deserto contemporâneo de apagamento das diferenças e fim do social e, ainda, sintetizam a relação das megafusões²⁶⁶ com seus parques industriais situados nas cidades dos chamados “países emergentes”*.

²⁶⁵ p.185-186

²⁶⁶ Ao analisar as guerras teóricas levando em conta as suas economias, Raúl Antelo coloca que devemos interpretar o período atual como modulação diferencial da guerra nômade. Segundo ele, “trata-se da passagem do mercado de bens para o mercado de capitais (daí as entidades bancárias e financeiras liderarem o novo processo de megafusões). Como a renda dos investimentos a longo prazo é menor do que o lucro que se obtém com as aplicações a curto prazo, a própria fusão estratégica do capital monetário aparece agora subordinada à fusão estratégica do capital fictício. A poesia e o mito, eis a chave dos príncipes da moeda e suas engenharias geopolíticas.” “Liminar” in. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, vol.4, Florianópolis, 1998. p.9

Deste modo, não apenas as ilhas Malvinas mas a própria Buenos Aires, quase inexistente à época da viagem de Lesson e que, entretanto, se tornaria, na fase de expansão do capitalismo mercantil o espaço latino-americano que mais recebeu imigrantes²⁶⁷, pode ser chamada de deserto. Se aquela serve de ponto estratégico até os dias de hoje para os ingleses, esta serve de ponto de extração para o capital multinacional.

A partir daí, caso continuemos justapondo o relato de Lesson à exploração contemporânea, alguns dos habitantes daquela cidade poderiam, inclusive, ser denominados pingüins, uma vez que, como massas inertes sobre a areia da praia, “sans but et sans utilité”, como se lhes refere o viajante, não fazem resistência aos desejos do colonizador. Em um relato sobre os habitantes noturnos de Buenos Aires, Beatriz Sarlo elabora a seguinte descrição:

“A dos cuadras del obelisco, sobre una calle que cruza Corrientes, todas las noches, en el mismo zaguán de un edificio abandonado, dos hombres toman de una botella de cerveza. Todas las noches, también, compran unos sándwiches y comen allí, sobre diarios viejos con los que cubren el mármol usado del umbral. Son borrachos cotidianos, mansos y conocidos en los negocios del barrio. Visten overoles mugrientos, tricotas de cuello alto y zapatillas²⁶⁸.”

Os personagens que descreve Sarlo não esperam nada da paisagem urbana. Diferentes do personagem do poema “Bêbado” de Cruz e Sousa, analisado anteriormente, estes “borrachos cotidianos” não vão ao cais do porto imaginar que as ondas os trarão de volta a um lugar primitivo. Sem passado, são capazes de se deixar absorver pela cidade, “como se fora uma paisagem pela qual derivam²⁶⁹”: “nadie los desea, nadie los echa, probablemente muchos han dejado de observarlos porque, por otra parte, no tienen nada particularmente observable, excepto la distensión con la que han

²⁶⁷ Sarlo, Beatriz. *Una modernidad periférica - Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1988. Neste texto, Sarlo pensa o deserto, o espaço vazio, como lugar que propicia a mescla, o entrecruzamento de olhares.

²⁶⁸ “Los ocupantes de la noche” in. *Instantáneas - medios, ciudad y costumbres en el fin de siglo*. Buenos Aires, Ariel, 1996. p.77.

²⁶⁹ Esta frase está na epígrafe de Walter Benjamin que abre o texto e que serve de mote para o argumento de Sarlo. p.537

ocupado un espacio nocturno en la ciudad²⁷⁰. No que se refere aos pingüins, Lesson escreverá que “la stupidité de ces oiseaux est telle, que les matelots en massacraient un grand nombre, sans que ceux qui se trouvaient à leurs côtés parussent éprouver la moindre crainte. Leur défiance ne leur vint qu’après des scènes répétées de destruction. C’était avec des bâtons qu’on les frappait impitoyablement, et qu’on tua beaucoup de ces pauvres animaux sans but et sans utilité²⁷¹.” Entretanto, os pingüins não fazem par apenas com os personagens marginais da cidade noturna. A sua postura passiva, indiferente, articula-se também à das massas contemporâneas que vibram eufóricas não somente com os campeonatos de futebol mas com a própria guerra, sem dar-se conta da matança indiscriminada dos compatriotas²⁷². Os insulares contemporâneos seriam, portanto, como os pingüins das ilhas Malvinas: maiorias silenciosas²⁷³ percebidas e “profetizadas” por Anatole France em um texto do começo do século²⁷⁴ que não desconfiam da sua sorte trágica *nem mesmo* “après des scènes répétées de destruction”.

Assim, tanto **Espaço** quanto **Sujeito**, presentes neste relato insular do século XIX podem ser tomados como metáfora²⁷⁵ de uma insularidade que denominarei pós-moderna ou contemporânea²⁷⁶ e que procurarei traçar neste capítulo, cotejando-a com

²⁷⁰ *Instantâneas*. op.cit. p.78

²⁷¹ p.183

²⁷² Beatriz Sarlo articula a euforia dos argentinos na conquista da Copa do Mundo de futebol de 1978 com a luta contra os ingleses na guerra das Malvinas. Em “Não esquecer a Guerra das Malvinas”(in. *Paisagens imaginárias*. Trad. Rubia Prates Goldoni, Sérgio Molina, São Paulo, Edusp, 1997) Sarlo compara a guerra das Malvinas ao holocausto e percebe como são nulas as relações entre estes dois tipos de habitantes das nações pós-modernas. Os que lá combateram (os *pichis*), como os bêbados da cidade noturna, são simplesmente esquecidos pelos que vibraram pelo espetáculo efêmero que a guerra produziu.

²⁷³ Ver Baudrillard, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

²⁷⁴ Refiro-me, aqui, ao texto *A ilha dos pingüins* de 1908. Tratarei mais tarde da alegoria de France e da sua auto-crítica à república francesa através dos pingüins e tentarei ler esta ficção como um intertexto do relato de viagem de Lesson.

²⁷⁵ A metáfora, do ponto de vista psicanalítico é justamente o que possibilita uma interpretação, uma metonímia. A sua significação, sempre à *posteriori*, corresponderia portanto à de toda construção historiográfica ou discursiva (Ver. Benjamin, Walter. “Sobre o conceito de história. Op.cit.). Assim, se penso o relato de viagem como uma metáfora, penso-o como o que não está dado mas que se faz na interpretação, o que, da mesma forma, permite-me construir a sua significação. Sobre metáfora e metonímia Ver Lacan, Jacques. “A instância da letra no inconsciente freudiano” in. *Écrits* (op.cit).

²⁷⁶ Não é meu objetivo dissertar propriamente sobre a questão modernidade/pós-modernidade, embora, no decorrer de minha argumentação aparecerá o que entendo por um e outro termo. Contudo, para deixar claro ao leitor o que entendo por pós-moderno lanço mão da definição de Jean-François Lyotard: o pós-moderno como o fim das meta-narrativas. Em seu clássico, *O pós-moderno explicado às crianças* (Trad. Tereza Coelho, Lisboa, Dom Quixote, 1987), Lyotard escreve que como meta-narrativas entende aquelas que marcaram a modernidade, a saber, “emancipação progressiva da razão e da liberdade, emancipação progressiva ou catastrófica do trabalho (fonte do valor alienado no capitalismo),

uma série de noções ditas “modernas”, já trabalhadas, em certo sentido, no capítulo anterior.

3.2- Paisagem e vertigem

A escolha deste subtítulo vincula-se à relação de Lesson com o espaço das ilhas Malvinas. Uma relação que começa com a ansiedade do viajante em demarcar os limites das ilhas para transformá-las em um topos onde se inscreveria o projeto moderno e termina, como poderemos detectar, com a constatação da inviabilidade daquele espaço para a implantação dos ideais iluministas. Assim, as próximas páginas servirão para, aos poucos, como se estivéssemos andando pelo deserto das Malvinas, vislumbrarmos como a paisagem árida vincula-se à vertigem do viajante, perceptível já no primeiro parágrafo do seu relato:

“Le 18 novembre 1822, nous mouillâmes au milieu de la *Baie française*, à une grande distance de la terre, dans une position isolée. Les grains de pluie, de grêle, et le vent soufflant par rafales avec une effroyable énergie, s’opposaient à ce que nous pussions communiquer avec la terre; et cependant c’était à qui témoignerait le plus d’ardeur pour s’y rendre, à qui pourrait le premier l’interroger sur ce qu’elle produit²⁷⁷.”

Neste caso, a angústia, ainda no mar, se dá sobretudo pelo fato desta superfície de transporte impedir que Lesson consiga aproximar-se do seu objeto para concretizar a viagem: mapear o terreno, nomear a flora e a fauna, colher espécies, prepará-las para o transporte, escrever tudo em um diário. Porém, além disso, dominar o espaço, prepará-lo para a colonização; uma vez que conhecer o terreno significa também conhecer seus limites, seu potencial, saber o que ele pode oferecer para quem patrocina a viagem, ou seja, para a França.

enriquecimento da humanidade inteira através dos progressos da tecnociência capitalista, e até, se considerando o próprio cristianismo na modernidade (opondo-se, neste caso, ao classicismo antigo), salvação das criaturas através da conversão das almas à narrativa crística do amor mártir”. p.31

²⁷⁷ p.174

Não podemos esquecer que Lesson viaja na mesma época que o almirante Jurien de La Gravière, ano de 1822, momento em que as nações colonizadas por Portugal e Espanha se tornam independentes e aparecem propícias tanto como mercados para a venda dos produtos europeus quanto para o acolhimento de famílias européias que, além de significarem mão-de-obra mais qualificada para os empreendimentos do Ocidente, servem à disseminação de um modo de vida produtivo no outro lado do mundo (ou, então, de modos de vida alternativos²⁷⁸). Como coloca Mary Louise Pratt em *Imperial eyes*, “by the 1820s, the South American revolutions, in which Britain and France were major military and monetary participants had become a source of immense interest in Europe²⁷⁹”. Para Pratt, é também por causa das revoluções que acontecem as viagens, são elas que abrem as fronteiras para que o capital europeu comece a intervir em um espaço até então inexplorado. Assim, poderíamos supor que Lesson faça parte desta nova onda de viajantes que Pratt identifica como “the capitalist vanguard”.

“Engineers, mineralogists, breeders, agronomists, as well as military men - these early nineteenth-century travelers were often sent to the “new continent” by companies of European investors as experts in search of exploitable resources, contacts, and contracts with local elits, information on potential ventures, labor conditions, transport, market potentials and so forth²⁸⁰”.

Neste sentido, quando o viajante se interessa pelos produtos da terra ele se interessa também pelo próprio espaço. Mas o que dizer quando este parece rejeitá-lo? Ou melhor, quando neste não há o que colonizar? Quando seus potenciais não estão a altura de um investimento por parte dos capitalistas? Já no primeiro parágrafo do seu relato, por exemplo, a paisagem decepciona o olhar do viajante: “Les environs de la Baie française ne se composent que de plaines rases légèrement ondulées, couvertes d’herbes assez hautes, où apparaissent à peine quelques bruyères; la vue cherche en vain à découvrir un seul arbre, un seul arbuste; on ne voit qu’une prairie herbeuse, marécageuse

²⁷⁸ O relato de viagem de La Gravière é analisado no capítulo anterior, da mesma forma que a relação deste relato com as utopias do começo do século. A relação da *Revue des Deux Mondes* e dos relatos que são aí publicados com as teorias dos utópicos socialistas é analisada na **Introdução**.

²⁷⁹ Op.cit p.146

²⁸⁰ Idem. p.149. Estes viajantes, segundo Pratt, introduzem ao contrário do esteticismo e da tolerância de Humboldt uma instância anti-estética em seus relatos, uma retórica economista e pragmática.

ou entrecoupée par de larges flaques d'eau saumâtre²⁸¹". Entretanto, este primeiro encontro com a vegetação pobre e homogênea, sem árvores e arbustos - o que para o naturalista significa não ter muito o que coletar²⁸² - não será sua única decepção.

Ao realizar a sua primeira excursão nas ilhas, Lesson acaba conhecendo uma outra característica daquela região, a saber, seu clima inconstante. E a cena que é descrita, de certo modo tragi-cômica, apresenta o viajante impotente frente a um dilúvio:

"En quittant le vaisseau dès trois heures du matin, nous espérons jouir d'un temps passable. Mais bientôt des tourbillons de vent se firent sentir, et une pluie qui tomba par nappes serrées, sans discontinuer, nous trempa complètement. En vain cherchâmes-nous un abri, une grotte sur ces longues plages uniformes, bordées de dunes sablonneuses; rien ne put nous garantir des averses du ciel (...). Des milliers de canards étaient immobiles sur la grève; mais nos fusils, imbibés d'eau, ne purent jamais faire feu."²⁸³

Outra consequência do dilúvio é que Lesson é obrigado a deixar no local todos os pássaros e pedras que estavam destinados à sua coleção no sentido de fugir com mais rapidez da chuva. Em uma narrativa rápida que tem o ritmo dos passos do viajante sobre o solo, ou seja, que tenta reproduzir o instante mesmo da viagem, o "calor da hora", toda esta seqüência apresenta Lesson como alguém que não consegue encontrar a sua imagem no espelho, que não se reconhece na paisagem²⁸⁴. Sem pontos identificatórios e sem conseguir armar significações ("rien ne put nous garantir des averses du ciel"), o viajante questiona inclusive a instituição a qual serve. Assim, escreve ele: "Il me fallut jeter ce résultat de notre pénible course pour alléger ma marche; et qui sait si, en Europe

²⁸¹ p.175

²⁸² Mais adiante Lesson escreverá: "Cent vingt plantes composent donc à peu près le monde végétal des Malouines. Elles ont été soigneusement décrites dans ces dernières années, et il serait fastidieux pour le lecteur de lui citer des noms qui n'auraient aucune influence sur son souvenir." p.192

²⁸³ p.176.

²⁸⁴ Se a produção do texto de viagens consiste de um duplo movimento - notas que são coletadas em diário e reconstruídas, via memória, entre quatro paredes onde aparecem os comentários e as citações dos diários de outros viajantes - aventariamos que a primeira parte do texto de Lesson é reproduzida no texto publicado na revista sem correções *a posteriori*. Ver Boaventura Leite, Ilka. *A antropologia da viagem - escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX*, Belo Horizonte, UFMG, 1996. Para uma definição de diário íntimo (*journal intime*) ver Blanchot, Maurice. *Le livre à venir*. Paris, Gallimard (Collection Idées), 1971. No âmbito da autobiografia ver estudo de Georges May, (op.cit.). Para Mary Louise Pratt (op.cit.), neste tipo de viagem do começo do século, o itinerário transforma-se em uma ocasião para uma narrativa de sucesso. Assim, os viajantes lutam em uma batalha desigual contra a ineficiência, a preguiça, o desconforto, as más estradas, o clima ruim, etc. p.148

quelque savant assis dans un fauteuil à bras, la tête enveloppée de fourrures, les pieds étendus près d'un feu vif et bien nourri, n'eût pas critiqué le choix et la préparation de ces objets?²⁸⁵”

Para Pratt, esta impaciência com relação à paisagem e o clima seria uma constante nos relatos dos viajantes da “vanguarda capitalista”. Contrastando com o esteticismo de Humboldt, a natureza inexplorada seria para esses viajantes ao mesmo tempo feia e um simples obstáculo à conquista, um símbolo da falência da empresa humana²⁸⁶. No caso de Lesson, no entanto, um naturalista, não se poderia afirmar que não haja um interesse também pela beleza da paisagem²⁸⁷. Prova disso é que, ao comentar a natureza brasileira, seu julgamento será positivo²⁸⁸. Embora, por outro lado, fique clara a sua decepção com o fato de nas Malvinas não haver meios (e neste ponto concordo com Pratt) de “trabalhar” a natureza, ou seja, de transformá-la em uma produção.

Assim, ao contrário do que coloca Pratt, o caráter pastoral ou edênico no caso de Lesson não é simplesmente substituído pela visão extrativa modernizante, pela “industrial revery”. A estetização da natureza, ou o “tableau de la nature” parece, antes, andar ao lado desta, seria seu complemento. Em uma passagem, quase no final do relato, apesar da constatação do caráter desértico das Malvinas, o viajante francês não deixa de tentar evocar, como Humboldt, o sublime daquele lugar, a natureza em movimento, “powered by life forces many of which are invisible to the human eye²⁸⁹”:

“Tout est animé, plein de vie, lorsqu'on se rend compte des moeurs des êtres qui habitent ces terres en apparence désolées; et la solitude

²⁸⁵ p.176

²⁸⁶ *Imperial eyes*. op.cit. p.149

²⁸⁷ Condiçionada ao caso de ser amena. Nesse sentido, ele retomaria o tópico clássico do “locus amoenus”. Segundo Ernst Robert Curtius (*Literatura Européia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957) este tópico “até hoje ainda não foi reconhecido em sua essência retórico-poética. E, no entanto, desde a época imperial até ao século XVI, constitui o motivo principal de toda descrição da Natureza. (...), é uma bela e ensombrada nesga da Natureza. Seu mínimo de apresentação consiste numa árvore (ou várias), numa campina e numa fonte ou regato.” p.202

²⁸⁸ A flora do Brasil, comparada com a da França e com a das Malvinas, é descrita por Lesson como “un océan de feuillages qui ne se dépouille jamais, tout en prenant des proportions viriles et majesteuses, et rarement les formes humides des herbes.” p.192

²⁸⁹ *Imperial eyes*. p.120

n'est véritablement sentie que par l'homme, habitué à considérer son espèce comme la seule privilégiée de la nature".

Podemos afirmar, então, que num misto de herdeiro de Humboldt (cujo projeto estético visava uma natureza primitiva e exuberante) e da lógica da vanguarda capitalista, a identificação de Lesson se dá em dois níveis que não deixam de se conectarem. Como assinala Adolfo Prieto em *Los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina*²⁹⁰, os viajantes influenciados por Humboldt tais como Francis Bond Head - o qual para Pratt já não mais teria influências do viajante alemão - fundem a viagem utilitária para acionistas e negociantes com o tipo de relato romântico-racionalista promovido pela difusão das viagens de Humboldt. Deste modo, em uma chave de leitura da história bem menos estanque que a de Pratt - onde um período parece negar o outro - Prieto nos auxilia a concluir que a paisagem bela e rica serve de suporte para uma estética romântica que traz em seu bojo a implantação dos projetos liberais burgueses e, conseqüentemente, o projeto de expansão capitalista. Projeto que, entretanto, é vedado a Lesson nesta viagem às Malvinas.

Na narração de sua visita às ruínas do Port-Louis, antiga colônia fundada por Bougainville, Lesson decide deixar ali algum alimento, plantas alimentícias, para quem pudesse chegar depois às ilhas. No intuito de "frutificar", o que significa, em outros termos, deixar raízes, o viajante planta sob o solo algumas sementes que acabam não vingando, como constata semanas depois, ao voltar ao lugar. A inclusão desta tentativa frustrada de semear algo, no relato, conota a aridez (a pobreza do solo) do deserto e, se continuamos a leitura, a impossibilidade de ali construir-se uma colônia. Por isso, ao contar uma espécie de história das Ilhas Malvinas que se inicia com a tentativa frustrada de Bougainville de fundar sua colônia de famílias canadenses, Lesson conclui que "depuis ces anciennes époques, ces terres ont été visitées par un grand nombre de voyageurs de tous les pays, et leur destination principale est aujourd'hui de servir de relâche aux navires expédiés pour la pêche des balaines et la chasse de phoques²⁹¹". Esta idéia reitera-se em uma outra passagem, quando ao subir em uma montanha da ilha, Lesson exclama:

²⁹⁰ Op.cit

²⁹¹ p.185

“Les pins avec leur teinte rougeâtre, le ciel presque continuellement chargé de vapeurs, un jour terne et décoloré, des vents pleins de violence, donnaient à cette scène un aspect lugubre et sauvage. Quelques troupes de chevaux galopant en liberté dans des pâturages sans enclos, ou des taureaux et des génisses fuyant le voisinage des côtes, apportaient seuls quelque diversion à l’abandon et à la solitude de cette terre²⁹²”.

Neste sentido, vemos que a decepção estética se conecta, ao mesmo tempo, com o clima do local e com o fato dos únicos habitantes visíveis ali serem os cavalos e os touros, previamente trazidos pelos espanhóis, os únicos animais, também, capazes de trazerem “diversão” para o quadro monótono que enxerga o viajante. Dito de outro modo, se a paisagem, por um lado, não reproduz o ideal estético romântico de uma natureza em movimento, por outro, não lhe permite entrever nenhuma sorte de indústria que pudesse ser implantada no local, seja por falta de riquezas naturais, ou por falta de braços para serem empregados na produção.

Com efeito, um deserto como o das Malvinas nega os ideais iluministas e burgueses. Ao invés da riqueza e dos projetos universalizantes, a aridez instaura a superficialidade, o fragmento. Apesar do relato ser sobre ilhas, espaços a princípio limitados e controláveis para o olhar moderno, ele aponta para a falta de limite e controle no sentido de um não-todo, de uma paisagem metonímica e vertiginosa (em ruínas) em frente à qual o viajante não consegue satisfazer-se estética ou economicamente: “le silence de mort qui règne sur ces terres, interrompu seulement par les voix criardes de quelques oiseaux d’eau, un ciel nébuleux, un soleil sans force, des prairies rougeâtres, des montagnes de grès à teinte blanchâtre, des maisons en briques, dont il ne reste que des ruines, tout faisait naître des réflexions nombreuses sur cette terre antarctique, improductive et jetée aux bornes du monde!²⁹³” Como vemos, Lesson exclama uma falta, uma ruptura no projeto moderno. Por isso, poderíamos argumentar, a paisagem desértica se conecta antes com o fim dos meta-relatos da modernidade, ou com a pós-modernidade, momento histórico sob a lógica da superfície e do efêmero.

²⁹²p.181

²⁹³p.178

Poderíamos, ainda, aventar uma outra hipótese, acompanhando o argumento de Geoffrey Bennington: o deserto pós-moderno não tem a ver simplesmente com o fim de um projeto moderno, com o fim de um período e começo de outro, na marcha da história. O deserto vincula-se, ao contrário, com uma falta que é imprescindível na própria composição da modernidade e que os relatos desta tentam velar a partir de uma narrativa totalitária que, no texto de Lesson, acaba não tendo sucesso.

As Malvinas são apenas uma “posta”, um correio. Lido sob essa perspectiva, o prefixo “post” para Bennington significa a circulação das cartas e das leis que fundam o Estado moderno. Entretanto, ainda segundo o autor, se a correspondência entre as leis que criam o Estado e os seus receptores fosse perfeita, natural, não haveria a necessidade nem de legisladores nem de política e muito menos de Estado, “a carta estaria sempre lá”: “for a whole Enlightenment, what is admirable in this natural correspondence is that it is ruled by inflexible and necessary laws: the end of politics would be to be absorbed into a *simulacrum* of this natural and necessary network²⁹⁴.” Mas como diz Bennington, há sempre algo na carta que escapa à correspondência natural, uma falta que os políticos e legisladores, a partir dos seus relatos, tentam escamotear e que, na verdade, é o que possibilita o Estado e a Nação modernos. A falta de correspondência natural não cria somente a política senão a própria narração da Nação, a Nação enquanto narração²⁹⁵. Narração esta que, por sua vez, só é possível se pensada a partir de uma fronteira. No **Contrato Social** de Rousseau, coloca Bennington, a autonomia [nacional] é definida em parte pela independência de outras nações. Mas, argumenta o autor, esta independência implica que outras nações, por sua vez, tornem-se dependentes e invejem a nação

²⁹⁴ “Postal politics and the institution of the nation” in. *Nation and narrations* (op.cit). p.128

²⁹⁵ Dito de outro modo, cria o próprio conceito moderno de identidade. Em *Applied grammarology - post(e) - pedagogy from Jacques Derrida to Joseph Beuys* (Maryland, John Hopkins University, 1985), Gregory L. Ulmer ao analisar *La Carte Postale* de Derrida argumenta que “the entire history of the postal *techne* rivets ‘destination’ to identity. The technology of identification (postal networks, telephone exchanges) can in turn serve as a model for exploring our theories of the self - as in Freud’s use of the ‘messenger’ as an anasemic metaphor for communications between Unconscious and the Conscious” Em última instância, para Ulmer, “identity in all its aspects (truth and being) is the ideology of the postal principle.” Porém, como já assinalara Bennington a respeito da necessidade da carta não chegar, “there is always a remainder, something extra left *poste restante* (the archive or encyclopedia of culture), for those who realize that the postal is not finally a transcendental principle equatable with the era of being. From the deconstructive point of view, the essence of the postal is not that letters *arrive* (the functionalist view, shared by Lacan) but that they sometimes *fail to arrive*.” p.127

autônoma, cuja autonomia é portanto medida em termos do outro, fato que ela deve ignorar²⁹⁶.

Assim, toda nação moderna constitui-se em uma relação, em um relato, diríamos, que para Bennington tenta interminavelmente constituir identidade contra diferença, dentro contra fora, e na assumida superioridade do dentro contra o fora, prepara-se não só contra a invasão mas para o colonialismo “iluminado”. Em outros termos, Lesson, através do seu relato, enseja justamente constituir-se como identidade, escamotear a sua falta (ser moderno), a partir de uma posição de superioridade. Contudo, tal posição lhe é negada. Se a fronteira é constituída a partir desta “guerra” contra o diferente, poderíamos dizer a princípio que não há, nas Malvinas, contra quem guerrear. Apesar de, no percurso de seu texto, o viajante inventar inimigos e outros modos de se apossar da paisagem, não há, ali, uma outra nação, uma identidade em devir que precise da presença dos legisladores ou dos viajantes, (os que vem de fora e se vão) para fazer com que suas leis cheguem o mais perto possível das leis naturais, porém - vale lembrar - sem jamais as alcançar²⁹⁷. Porque o projeto moderno pressupõe uma utopia que, a rigor, nunca deve realizar-se. Caso a carta chegue intacta ao seu destinatário teríamos a morte do carteiro e do correio. Dito de outro modo, teríamos o fim do jogo.

²⁹⁶Op.cit. p.130

²⁹⁷ Segundo Bennington, “the arrival of the legislator is proof enough that the law to be laid down will never achieve its desired identity with the laws of nature, and that politics will never reach its goal (which is always that of wresting a realm of necessity from a realm of freedom), and to do this extent is probably not simply to be deplored.” Idem. p.132.

Sobre este aspecto, Zygmunt Bauman em *O mal-estar na pós-modernidade* (Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998) escreve que, “psiquicamente, a modernidade trata da identidade: da verdade de a existência ainda não se dar aqui, ser uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade. Como o restante dos padrões, a identidade permanece obstinadamente à frente: é preciso correr esboforidamente para alcançá-la”. Neste caso, para o autor, “ser moderno significa estar em movimento. (...). É-se colocado em movimento ao se ser lançado na espécie do mundo dilacerado entre a beleza da visão e a feiúra da realidade - realidade que se enfeiou pela beleza da visão. Nesse mundo todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar. Além da curva, existe, deve existir, tem de existir uma terra hospitaleira em que se fixar, mas depois de cada curva surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas.” p.92-93.

3.3- Falta a falta

As Malvinas, portanto, corroboram o fim do jogo e, como vimos, a própria vertigem do viajante europeu diante de um espaço sem perspectivas para o ideal iluminista. Neste sentido, não seria em vão articularmos o relato de viagem de Lesson com a própria lógica do que poderíamos chamar de pós-modernidade.

Em *O pós-moderno explicado às crianças*, Lyotard coloca que o ideário moderno tem um valor legitimante porque é universal, porque orienta todas as realidades humanas e, também, “dá à modernidade o seu modo característico: o *projecto*²⁹⁸”. Entretanto, continua, “o meu argumento é de que o *projecto* moderno (da realização da universalidade) não foi abandonado e esquecido, mas destruído, ‘liquidado’. Há diversas formas de destruição, diversos nomes que a simbolizam. ‘Auschwitz’ pode ser considerado como um nome paradigmático para o ‘inacabamento’ trágico da modernidade²⁹⁹”. Neste caso, Auschwitz significa a chegada perfeita da carta, sem desvios. Em suma, sem povo, o soberano moderno por excelência³⁰⁰. No entanto, não é apenas o extermínio ou a servidão em massa que acaba com a política moderna. A própria vitória da tecnociência capitalista evita os contornos porque faz com que o sujeito domine os objetos sem precisar das narrativas legitimadoras: “o homem torna-se dono e senhor da natureza³⁰¹”. Estes dois elementos assinalados por Lyotard, ao mesmo tempo que realizam a utopia, ou seja, findam com a política e com a distância entre o

²⁹⁸ Op.cit. p.32

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ Lyotard afirma que “Em ‘Auschwitz’ foi fisicamente destruído um soberano moderno: todo um povo. Fez-se a tentativa de o destruir. É o crime que inaugura a pós-modernidade, crime de lesa-soberania, já não regicídio, mas populicídio (distinto dos etnocídios).” Idem. p.33.

A idéia moderna de povo também se extingue nos regimes totalitários modernos porque a este é negado qualquer direito individual, ou, segundo Freud, os impulsos sexuais das pessoas são inibidos nestes grupos no sentido de que sejam mantidos laços permanentes. Tratam-se, por conseguinte, de “grupos que têm um líder e não puderam, mediante uma ‘organização’ demasiada, adquirir secundariamente as características de um indivíduo.” “Estar amando e hipnose” in. *Obras completas de Sigmund Freud – vol XVIII*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1987.p.147.

A inibição sexual contradiz a noção de impropriedade necessária no circuito da mensagem da carta que estabelece a nação moderna e que, segundo Bennington (op.cit.) “is both the condition of possibility of politics and the reason why autonomy can never be achieved: this margin, which can be called ‘freedom’, is also the ground of differentiation which allows for the fact that ‘citizens’ are always in fact bearers of so-called ‘proper names’, and are not just isomorphic points.” p.129

³⁰¹ *O pós-moderno explicado às crianças* (op.cit). p.34. Lesson, como antecipei e como mostrarei mais tarde, conclui que o único modo de tomar posse das ilhas não é através de um projeto a longo prazo, mas

homem e os objetos, instalam um terror que, em certo sentido, não é nada mais que o caos social³⁰².

Creio sermos capazes de detectar tanto a derrocada do povo quanto a vitória da tecnociência em uma passagem do próprio relato de Lesson, quando, nas últimas páginas, ele constata que

“Dans les contrées que l’homme n’anime pas de sa présence, le voyageur se trouve réduit à présenter les détails techniques des sciences qu’il appelle à son secours, pour peindre le sol où ses pas errèrent à l’aventure. Ses recherches, consacrées aux êtres qui peuplent ces régions dédaignées par le dominateur de la création entière, quoique graves et sèches en apparence, offrent cependant un charme de toutes les circonstances et de tous les temps³⁰³.”

A partir desta passagem constataríamos que Lesson, enquanto viajante que tem um compromisso com o diário, não precisa relatar nada sobre os habitantes do lugar, justamente porque não há habitantes nas Malvinas. Por isso, ele erra solitário no espaço e dedica-se apenas à ciência. A ausência do povo, portanto, proporciona ao naturalista a possibilidade de descrever os objetos. Assumindo o lugar de Deus nessas regiões em que o criador não se encontra, o viajante cientista é um pintor da natureza que, sem a mediação dos legisladores ou dos políticos, para os quais há sempre uma discussão a respeito das coisas, dá vida, através do material que a *ciência* lhe oferece, ao que há de mais lúgubre. Em outras palavras, o viajante, sem a intervenção da linguagem, da política, acredita pôr as mãos nos objetos como se estivesse no próprio paraíso, a idade de ouro da criação. Por isso que, mais para o fim do seu relato o viajante escreverá que

através do aproveitamento efêmero do que elas têm a oferecer: a colonização temporária, as produções naturais e o fato de elas servirem como ponto estratégico e de abastecimento.

³⁰²Utopia realizada é uma expressão que utiliza Jean Baudrillard em *América* (op.cit.), relato de sua viagem aos Estados, para ilustrar, justamente, a morte em vida de um povo e a erosão social daquele país. Em uma passagem do texto, ele argumenta que

“(…) desde agora, nesta sociedade hiperprotegida, já não temos a consciência de morrer, pois estamos sutilmente introduzidos na excessiva facilidade de viver.

O extermínio já era isso, sob uma forma antecipatória. O que era retirado aos deportados para os campos de morte era a própria possibilidade de disporem sobre sua morte, de fazerem dela um jogo, uma aposta, um sacrifício: eles eram espoliados da faculdade de morrer. É o que acontece a todos, em doses lentas e homeopáticas, pelo próprio desenvolvimento de nossos sistemas. A explosão e o extermínio continuam (Auschwitz e Hiroxima), só que adquiriram simplesmente uma forma endêmica purulenta, mas a reação em cadeia continua, a multiplicação por contigüidade, o desenrolar virótico e bacteriológico. A saída da história é justamente a inauguração dessa reação em cadeia.” p.38

as espécies animais das Malvinas “sont accrues en paix pendant des siècles, et plusieurs d’entre elles n’ont même point appris à fuir les dangers qui les entourent; car il n’est pas rare de toucher avec la main des volatiles dont la confiance (...) rappelle l’âge d’or de la création³⁰⁴”. Roger Caillois argumenta que a idade de ouro é o paraíso terrestre onde tudo está dado à princípio, uma época que antecede à organização do mundo, “c’est le règne de Saturne ou de Cronos, sans guerre et sans commerce, sans esclavage ni propriété privée³⁰⁵”. Em outros termos, “un monde où il ne fallait que tendre la main pour cueillir des fruits savoureux et toujours mûrs³⁰⁶”.

Mas, embora Lesson consiga ler o *Eldorado* na aridez das Malvinas, em um determinado momento do seu relato, ele capta o oposto, ou melhor, o caos. Esta visão aparece em diversas passagens já citadas do texto e se evidencia quando, ao olhar de cima da montanha, o viajante exclama: “tout dans cette vallée était l’image la plus parfaite du chaos³⁰⁷”. Sobre essa aparente contradição, o estudo de Caillois é, também, bastante esclarecedor. Porque, segundo ele, a idade mítica aparece revestida de uma ambigüidade fundamental, ela é compreendida sob os aspectos antitéticos da Idade de Ouro e do Caos. A presença do último, no caso, é o ingrediente terrorífico deste período. De acordo com Caillois este mundo de luz e gozo prazeroso é, ao mesmo tempo, um mundo de trevas e horror, sem limites ou leis que pudessem organizá-lo³⁰⁸. Logo, temos aí, conjugadas, euforia e angústia.

Como vemos, não há meio termo, uma lei que coloque os indivíduos sob o comando das organizações sociais e dos projetos³⁰⁹. A possibilidade total ou a utopia realizada traz em seu seio, ao mesmo tempo, um gozo ilimitado e uma engenharia monstruosa, como o próprio nazismo que Lyotard diz inaugurar a pós-modernidade. Já o viajante, ao perceber-se, paradoxalmente, no caos e na idade de ouro, abdica de qualquer projeto moderno para, simplesmente, usufruir barbaramente dos objetos que lhe

³⁰³ p.191

³⁰⁴ p.193

³⁰⁵ “Le sacré de transgression: Théorie de la fête” in. *L’homme et le sacré*. Paris, Gallimard (Folio), 1989. p.139

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ Idem. p.180.

³⁰⁸ Op.cit. p.140

³⁰⁹ Não seria inapropriado assinalarmos que Cândido, personagem de Voltaire, o pensador iluminista *par excellence*, foge do Eldorado latino-americano para voltar às efervescências políticas européias.

aparecem, receita dada por Lesson e aprendida, como espero demonstrar, pelo sujeito contemporâneo.

3.4- Goza!

Uma síntese provável para “Relâche aux îles Malouines” é a da substituição do projeto iluminista por um estado sem regras. O próprio termo “Relâche” vincula-se, de antemão, a descanso, folga, repouso ou, ainda, interrupção. Neste caso, teríamos a interrupção, o repouso, de uma ordem com limites bem precisos e a instalação de um mundo “relaxado”, fora dos dogmas modernos; mas que, por outro lado, exigiria do sujeito uma outra relação com os objetos.

Como podemos ler em Kant, o projeto moderno visa à introdução de todos os sujeitos em uma ordem universal, através de uma ética também universal cujo objetivo é o de eliminar os “defeitos” das empresas humanas³¹⁰. A consequência disto é tanto o sacrifício do que Freud chama de *princípio de prazer* quanto a introdução do sujeito no princípio de realidade³¹¹, os quais, segundo Jacques-Alain Miller, serviriam para anular, ou ao menos evitar as sensações de desprazer. Neste sentido, argumenta Miller, “a ética é o nível mais alto, mais complexo do programa da cultura”, ou seja, “a ética é como uma tentativa terapêutica para realizar, através do mando do supereu, algo que não foi

³¹⁰ Para Kant, o objetivo seria chegarmos a uma razão supra-sensível que serviria de modelo à razão sensível. Aquela agiria como uma forma de eliminar, justamente, os desprazeres e os defeitos desta. De acordo com o filósofo, “a natureza sensível dos seres racionais em geral é a existência dos mesmos debaixo de leis empiricamente condicionadas, o que, para a razão, conseqüentemente, é *heteronomia*. A natureza supra-sensível dos mesmos seres é, por outro lado, a existência deles segundo leis independentes de toda a condição empírica e que, portanto, pertencem à *autonomia* da razão. E como as leis segundo as quais a existência das coisas depende do conceito, são práticas, a natureza supra-sensível, quando delas podemos formar um conceito, não é outra coisa mais do que *uma natureza sob a autonomia da razão prática*. A lei desta autonomia, contudo, é lei moral, sendo, por isso, a lei fundamental de uma natureza supra-sensível e de um mundo intelectual puro, cuja cópia deve existir em um mundo dos sentidos, sem mais dano ao mesmo tempo, às leis deste. Poder-se-ia denominar aquela *natureza modelo (natura archetypa)*, que só nos é dado conhecer na razão, e esta, todavia, já que contém o efeito possível da idéia da primeira, como fundamento determinante da vontade, *natureza copiada (natura ectypa)*. Porém, com efeito, a lei moral nos transporta idealmente a uma natureza na qual a razão pura, se fosse acompanhada do poder físico correlato, produziria o sumo bem, determinando a nossa vontade em conferir ao mundo sensível uma forma como que de um todo de seres racionais”. *Crítica da razão prática*. Trad. Afonso Bertagnoli, São Paulo, Edições e Publicações Brasil, 3ª edição. p.75-76.

possível realizar através de alguma outra atividade cultural³¹².” A ética, vista sob este prisma, é o produto mais bem acabado para se tentar velar o que Lacan chama de objeto a ³¹³, um resto de gozo que a linguagem não consegue matar. Portanto, a ética serviria para encobrir as falhas do sistema e manter o sujeito pacificado. Dito de outro modo, ela seria a palavra do legislador. Palavra esta que, segundo Geoffrey Bennington, inventa uma identidade para o sujeito.

Contudo, no relato de Lesson, a ética moderna parece ser rechaçada e, conseqüentemente, o sujeito vela seu objeto de gozo não mais a partir de uma lógica totalizante, mas fragmentária. Se a possibilidade de um projeto é negada ao viajante, resta a ele, “pragmaticamente”, saber o que se pode fazer com a paisagem. E o seu ponto de vista no que concerne a este *savoir faire* é claro: as ilhas servem de ponto estratégico militar, para o abastecimento ou descanso de embarcações, ou, ainda, para exploração do que já está dado, a saber, a fauna. Por isso, ele escreverá que as ilhas Malvinas “*sont vraiment une terre de promesse pour ceux que le goût de la chasse entraîne*”³¹⁴. Constatação que vem depois de uma outra, onde vemos claramente uma prática de aproveitamento do espaço a partir da caça abundante, de sorte que, em uma passagem, por exemplo, o viajante assinala que “*les chasseurs se dispersaient sur ces terres inhabitées par l’homme, mais où vivent en paix une prodigieuse quantité d’animaux de toutes sortes; et jamais ils ne revenaient sans qu’on fut obligé d’aller chercher les produits de leurs chasses*”³¹⁵.

Além da caça, a pesca seria outra prática a ser explorada nas Malvinas. Sobre isso, escreve Lesson que “*la position des Malouines est surtout heureuse comme centre de pêche: c’est à ce titre que les baleiniers les fréquentent pour y poursuivre les grands cétacés communs dans les mers qui les baignent; pendant long-temps aussi elles furent le rendez-vous des chasseurs de phoques, qui eurent bientôt détruit le plus grand nombre de ces amphibies si précieux et si utiles par les produits que les arts en retirent.*”³¹⁶ Apesar de afirmar que as focas estão quase extintas do cenário das Malvinas por causa

³¹¹“La ética en psicoanálisis”. Jacques-Alain Miller. in. *Lógica de la vida amorosa*. Buenos, Manantial, 1991. p.116

³¹² Idem. p.119

³¹³ Ver capítulo anterior, sobretudo a parte em que discuto a poesia de Cruz e Sousa.

³¹⁴ p.177

³¹⁵ Idem.

dos “massacres régularisés par l’homme³¹⁷”, pelos ingleses e norte-americanos, embora não estejam mais ao sul dessas ilhas, o viajante destinará três páginas descrevendo como se pode caçá-las, os gastos e os lucros das expedições, os tipos de focas e o que se retira delas: o óleo, a carne, as fibras musculares. Trata-se, portanto, de uma descrição que não se efetua à toa. Ela corrobora, também, um interesse comercial da França na pesca deste animal e a disputa de mercado com as outras nações³¹⁸. É por isso que, ao concluir seu relato sobre as focas, Lesson escreve: “après cette digression qui, nous le croyons, ne manque pas d’intérêt, revenons aux îles Malouines.³¹⁹”

Neste sentido, o Outro de Lesson não é o da ética kantiana. Arriscaríamos a dizer, inclusive, que o viajante nas ilhas Malvinas não possui Outro, pontos de referência que lhe sirvam de parâmetro para julgar o certo e o errado³²⁰. Por mais que, *a priori*, critique a matança das focas, a inclusão deste trecho no relato conota o tipo de aproveitamento do espaço que o viajante aconselha para os seus leitores. A ilha deserta, é portanto, tão desestruturante quanto a que Michel Tournier compõe para *Vendredi ou les limbes du pacifique*, sua releitura de *Robinson Crusoé*.

Este pastiche do clássico de Defoe, além de ser uma metáfora do contexto contemporâneo, poderia ser lido como um intertexto do relato de Lesson, sobretudo no que tange às fases da relação do sujeito com o espaço. Em Tournier, num primeiro

³¹⁶ p.187

³¹⁷ p.188

³¹⁸ Em “Conquête de la mer” (op.cit.), publicada três décadas mais tarde, na própria *Revue des Deux Mondes*, o historiador e humanista Jules Michelet vai criticar, em nome dos ideais da civilização, a barbárie dos pescadores europeus em relação à exploração da pesca marítima. Esta crítica que poderia ser lida, também, como uma metáfora da escravidão dos povos das colônias, aposta, ao contrário de Lesson, em um projeto para fazer do mar uma fonte de alimentação para toda a humanidade. Professando uma ética universal, Michelet pensa o perfeito funcionamento da natureza como um modelo para a humanidade seguir e não como simples fonte de extração para a pesca industrial: “La mer, qui commença la vie sur ce globe, en serait encore la bienfaisante nourrice, si l’homme savait seulement respecter l’ordre qui y règne, et s’abstenait de le troubler. Il ne doit pas oublier qu’elle a sa vie propre et sacrée, ses fonctions tout indépendantes pour le salut de la planète. Elle contribue puissamment à en créer l’harmonie, à en assurer la conservation, la salubrité. Tout cela se faisait, pendant des millions de siècles peut-être, avant la naissance de l’homme. On se passait à merveille de lui et de la sagesse. Ses aînés, enfants de la mer, accomplissaient entre eux parfaitement la circulation de la substance, les échanges, les successions de vie, qui sont le mouvement rapide de purification constante. Que peut-il à ce mouvement, continué si loin de lui, dans ce monde obscur et profond? Peu en bien, davantage en mal. La destruction de telle espèce peut être une atteinte fâcheuse à l’ordre, à l’harmonie du tout.

Il faut que les grandes nations s’entendent pour substituer à cet état sauvage un état de civilisation où l’homme plus réfléchi ne gaspille plus ses biens, ne se nuise plus à lui-même.” p.114-115

³¹⁹ p.190. Não podemos deixar de frisar o interesse dos relatos de viagem para os investidores ocidentais.

momento, Robinson tenta escapar da ilha deserta e voltar para a civilização. Ou seja, utópico, do mesmo modo que Lesson, planta as sementes, acredita em um futuro e constrói *l'Évasion*, um barco forte o bastante para cruzar os mares no sentido de rever os seus. Entretanto, já tendo perdido a razão, se esquece de que deveria tê-lo construído perto de um rio, uma vez que, sozinho, seria impossível conduzi-lo até o mar. Este é o primeiro momento em que o personagem de Tournier se dá conta da inexistência do Outro. Segundo o narrador,

“il lui devenait de plus en plus difficile de songer à plusieurs choses à la fois, et même de passer d'un sujet de préoccupation à un autre. Il s'avisa ainsi qu'autrui est pour nous en puissant *facteur de distraction*, non seulement parce qu'il nous dérange sans cesse et nous arrache à notre pensée actuelle, mais aussi parce que la seule possibilité de sa survenue jette une vague lueur sur un univers d'objets situés en marge de notre attention, mais capable à tout instant d'en devenir le centre. Cette présence marginale et comme fantomatique des choses dont il ne se préoccupait pas dans l'immédiat s'était peu à peu effacée de l'esprit de Robinson. Il était désormais entouré d'objets soumis à la loi sommaire du tout ou rien...³²¹”

Como vemos, a ilha deserta retira de Robinson a possibilidade de uma articulação dos pensamentos. Sem Outro, o sujeito não ordena as coisas no espaço; ao contrário, como na idade de ouro, os objetos não se encontram nos seus devidos lugares e, neste caso, podem passar voando por sobre sua cabeça ou mesmo atingi-lo, porque lhe é vedado conhecer as dimensões, o lugar onde eles habitam. Assim, em seu diário, ele escreve: “Partout où je ne suis pas actuellement règne une nuit insondable³²²”. Em Lesson, como já vimos, processa-se a mesma sorte de angústia em relação ao espaço.

Porém, no sentido de reestabelecer sua razão, Robinson dá um segundo passo. O personagem inicia, como no romance de Defoe, a elaboração de um império semelhante ao da civilização: constrói, planta, cria, colhe. Não se dá conta, porém, da impossibilidade de consumir tudo o que a ilha lhe oferece. O excesso e a falta de controle na produção seriam, então, um segundo momento da constatação da inexistência de um

³²⁰ Estou referindo-me, aqui, ao *Autre*, o que faz a lei, tal como postulado por Lacan.

³²¹ Tournier, Michel. *Vendredi ou les limbes du pacifique*. Paris, Gallimard (Folio), 1988. p.36

³²² Idem. p.54

Outro para ordenar o sujeito. De acordo com Gilles Deleuze, ao comentar o texto de Tournier, “alors que le Robinson de Defoë s’interdit de produire au delà de son besoin, pensant que le mal commence avec l’excès de la production, celui de Tournier se lance dans une production ‘frénétique’, le seul mal étant de consommer, puisqu’on consomme toujours seul et pour soi.³²³” Ora, a constatação de Deleuze corroboraria a idéia de que, sem o Outro como regulador do sujeito, é a partir do excesso da produção de bens de consumo que ele, do mesmo modo que Lesson, “zera” sua angústia e entra numa outra sorte de produção significativa, cuja lógica é chamada por Deleuze de perversa, uma vez que ela é “desviada quanto aos objetivos”³²⁴. Porque se os objetivos da civilização são o de trabalhar a humanidade para que ela seja tão perfeita em seu funcionamento quanto a natureza - é o que implícita Michelet ao reivindicar uma regulamentação da produção marítima - é inadmissível que haja excesso na produção ou consumo demasiado. Haveria, aí, então, uma economia desregulada, excessiva, que não corresponderia aos ideais modernos de uma coletividade organizada em torno de um projeto comum.

Mas há, ainda, um terceiro momento no romance de Tournier. Neste, o Outro se dissolve completamente. É, em suma, o momento em que desaparecem os fantasmas da civilização e Robinson, guiado por Vendredi, organiza o mundo de uma maneira inédita. Segundo Deleuze, neste estágio, “les objets cessent d’être des objets, les corps cessent d’être des corps pour passer dans leurs doubles, comme dans des auréoles sur leurs têtes redressées; et ces doubles à leur tour cessent d’être des répliques pour apparaître seulement comme des libre figures composées par les Éléments; et les

³²³ Deleuze, Gilles. “Une théorie d’autrui (autrui, Robinson et le pervers)” in. *Critique* (*Critique* 50 ans - 1946-1996), n.591-592, août-septembre, 1996. p.676-697. Este texto aparece pela primeira vez no número 241 da *Critique*, em junho de 1967, e, mais tarde, em 1969, na *Logique du sens*. Ainda, nesta mesma edição de *Vendredi ...* da Gallimard, ele aparece como posfácio. Trabalho com esta última edição da *Critique*.

³²⁴ Argumenta Deleuze que “le Robinson de Tournier s’oppose à celui de Defoe para trois traits qui s’enchaînent avec rigueur: il est rapporté à des fins, à des buts, au lieu de l’être à une origine; il est sexué; ces fins représentent une déviation fantastique de notre monde, sous l’influence d’une sexualité transformée, au lieu d’une reproduction réelle de notre monde sous l’action d’un travail continué. Ce Robinson ne fait rien de pervers à proprement parler; et pourtant comment se débarrasser de l’impression qu’il est pervers lui-même, c’est-à-dire, suivant la définition de Freud, *celui qui dévie quant aux buts*? C’était la même chose, chez Defoe, de rapporter Robinson à l’origine et de lui faire produire un monde conforme au nôtre; c’est la même chose chez Tournier de le rapporter à des buts. Rapporté aux origines, Robinson doit nécessairement reproduire notre monde, mais rapporté aux buts, il dévie nécessairement.” Idem. p.677-678.

Éléments enfin se retrouvent, différents et pourtant un, libérés de la contrainte des corps et des objets³²⁵.”

Com efeito, esta liberação total que se segue à vertigem da falta do Outro atesta o abandono dos projetos, do possível, e a entrada em uma ordem de gozo disseminado. Todavia, um gozo que, como na perversão, se dá sem a passagem pelo Outro, solitário portanto: (...) tout nous persuade, du point de vue du *comportement*, que la perversion n'est rien sans la présence d'autrui: le voyeurisme, l'exhibitionnisme..., etc. Mais du point de vue de la structure-autrui, il faut dire le contraire: c'est parce que la structure-autrui manque, remplacée par une toute autre structure, que les “autres” réels ne peuvent plus jouer le rôle de termes effectuant la première structure disparue, mais seulement, dans la seconde, le rôle de corps-victimes (au sens très particulier que le pervers attribue aux corps) ou le rôle de complices-doubles (...). Le monde du pervers est un monde sans autrui, donc un monde sans possible. Autrui, c'est ce qui possibilise. Le monde pervers est un monde où la catégorie du *nécessaire* a complètement remplacé celle du *possible*³²⁶.”

Em outros termos, o que aponta Deleuze, é o que os outros - não o Outro - para o perverso, valem enquanto fragmentos com os quais se satisfaz sem criar vínculos, sem ter com eles, a rigor, uma relação. Em certo sentido, esta é a prática de Lesson no espaço deserto das Malvinas. Como se fosse um Deus, o viajante goza solitário na paisagem e receita aos leitores da *Revue* o aproveitamento dos fragmentos que o espaço oferece. O importante, para ele, não está na criação de vínculos ou comprometimentos com o lugar, mas na extração de mercadorias das ilhas: a caça abundante, a pesca predatória, o descanso.

Portanto, o desvanecimento do Outro, instância estruturante do sujeito, leva este não apenas a abandonar a ética universal mas, sobretudo, a entrar em uma ordem “relachada” quanto aos objetivos. Eis, aí, a dimensão última do “relâche” de Lesson, o rótulo do relato por onde podemos melhor entender seus efeitos diferidos no contexto contemporâneo, quando a inexistência do Outro acabará por destituir o imperativo categórico kantiano e virá substituir a culpabilidade do sujeito pelo imperativo do

³²⁵ Idem. p.694-695.

³²⁶ “Une théorie d'autrui”. p.697

gozo³²⁷. Nesse sentido, o sujeito contemporâneo, como o Robinson de Tournier, não se sente ameaçado, dividido por um Outro que lhe quer castrar. Ao contrário, a partir do momento em que o discurso deste Outro se fragmenta a nível planetário, o gozo passa da proibição ao imperativo.³²⁸

Visto sob este prisma, o espaço colonial que, para o Outro ocidental da modernidade, representava ora algo a ser conquistado com vistas a um projeto universal capitalista, ora algo, no caso das utopias e heterotopias socialistas, que resiste a este modo de civilização, esse espaço colonial, enfim, transforma-se, em última análise, num deserto. Essa porção de deserto, essa Argirópolis degradada a porto babélico, Buenos Aires, por exemplo, onde à época da expansão capitalista na América do Sul³²⁹ converge o maior número de habitantes, poderia, então, nesse fim de século, ser lida como metáfora das próprias ilhas Malvinas. Além de servir apenas como ponto de “relâche” e modo de satisfazer o gozo fetichista dos novos colonizadores³³⁰, o habitante que passeia por esta megalópole não é mais o sujeito identificado com os ideais do Outro; trata-se,

³²⁷ Segundo Jacques-Alain Miller “le surmoi freudien a produit des trucs comme l’interdit, le devoir, voire la culpabilité, autant de termes qui font exister l’Autre, ce sont les semblants de l’Autre. Le surmoi lacanien, celui que Lacan a dégagé dans *Encore*, produit lui un impératif tout différent: Jouis. Ça, ce surmoi là, c’est le surmoi de notre civilisation.” p.8. In “L’Autre qui n’existe pas et ses comités d’éthique”(mimeo), curso ministrado juntamente com Éric Laurent entre 1996 e 1997.

³²⁸ A partir de Lacan, Miller dirá que o Outro existe sob duas formas: a do todo unificado que hoje se tenta reconstruir através de um horizonte de consenso, dos comités de ética, e a do Um excetuado, onde o líder se encontra em uma posição de exceção, hierarquicamente superior, em relação a um grupo. Entretanto, para Miller, no contexto contemporâneo, o *Outro não existe* neste dois níveis uma vez que não há nem o todo universal nem o Um, aquele que Freud diz haver na psicologia das massas. Há, sim, segundo ele, uma estrutura generalizada que Lacan denomina “pas-tout”. Nesta, o gozo não se situa mais no vetor da castração, privilegiado por Freud, mas no vetor do mais-de-gozar. Portanto, o sujeito não se identifica mais à idéia de uma missão universal e sim a uma paródia desta, à missão de satisfazer o consumidor: “ ‘Tu dois satisfaire le consommateur’ (...). Et c’est là qu’on voit que la jouissance n’est pas située à partir du signifiant maître, (...) c’est à dire elle n’est pas située sur le versant de la négativisation de la jouissance mais elle est située sur le versant du plus-de-jouir comme bouchon à la castration. Et donc les vrais droits de l’homme aujourd’hui, pour ceux qui les professent, c’est le droit au plus-de-jouir.” Idem. p.54-57.

³²⁹Cf. Sarlo, Beatriz. *Una modernidad periférica - Buenos Aires 1920 y 1930*. Op.cit.

³³⁰ Refiro-me, aqui, à questão do turismo contemporâneo pois, diferente da viagem moderna que pressupunha a relação com o outro, o exotismo, pauta-se pela lógica mesma da mercadoria indiferenciada. Mary Louise Pratt em *Imperial eyes* (op.cit.) afirma que já “in the 1960s and 1970s, exoticist visions of plenitude and paradise were appropriated and commodified on an unprecedented scale by the tourist industry.” p.221. Do mesmo modo que as paisagens, os objetos culturais dos países periféricos transformam-se em bens de consumo reciclados que segundo Celeste Olalquiaga (*Megalopolis - contemporary cultural sensibilities*. Minneapolis, University of Minnesota, 1992), transformam a cultura “into a somewhat duty-free space in which, as in Hong Kong, Manaus (Brazil), and Isla Margarita (Venezuela), all hierarchies are disrupted and humanistic justifications put aside in order to guarantee the free and prompt flow of cash for goods sold at wholesale value”. p.76

antes, daquele que, como Lesson, coloca no lugar de uma ética universal ou de um projeto nacional, a satisfação pelo fragmento e pelo efêmero. Aplica-se a ele a definição de Jean Baudrillard do sujeito pós-moderno: aquele que ingressa no “fim da potência” ou na “euforia histérica da menopausa”³³¹.

3.5- A Última parada: cidades horizontais

De fato, poderíamos argumentar que o imperativo do gozo é a própria euforia histérica que Baudrillard lê nos Estados Unidos na década de 80, todavia disseminado a nível planetário. O que nos levaria a perguntar se, nesta sorte de campo de concentração pós-moderno, os mortos-vivos não são, além dos bêbados e miseráveis que descreve Sarlo na noturna Buenos Aires, os próprios cidadãos, ou consumidores, economicamente menos mal afortunados que aqueles mas que, entretanto, à noite, economizam as energias, ou seja, os corpos, para que estes sejam consumidos durante o dia. Ambos habitantes, em certo sentido, derivam sobre a paisagem, se deixam absorver pela cidade³³². Os primeiros lançam mão da noite, porque lhes é vedada a deriva diurna, a entrada no mundo do consumo dos shopping centers, das vitrines, dos restaurantes. Os outros, por sua vez, ao perambular em um espaço homogêneo, como em um deserto árido, são engolidos pela paisagem transparente dos centros comerciais e da arquitetura urbana, onde espelhos refletidos dos prédios atordoam o passante³³³. Fredric Jameson, por exemplo, comenta a experiência do sujeito no saguão do Hotel *Bonaventure*

³³¹ *América* (op.cit.). “Esta, para Baudrillard, significa remitência do espírito público, recentragem geral após as convulsões dos anos 70, fim de toda a nova fronteira, gestão conservadora e publicitária das coisas, capacidade de performance ao nível dos malmequeres, sem olhar para o futuro, austeridade e *training, business e jogging*, fim da convulsão e da orgia, restauração de um espécie de utopia naturalista da empresa e de uma conservação biossociológica da raça”. p.99

³³² Em *O mal-estar na pós-modernidade* (Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998) Zygmunt Baumann ensina que “a sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora. Os imperativos sedutores, para serem eficazes, devem ser transmitidos em todas as direções e dirigidos indiscriminadamente a todos aqueles que os ouvirão. No entanto, existem mais daqueles que podem ouvi-los do que daqueles que podem reagir do modo como a mensagem sedutora tinha em mira fazer aparecer. Os que não podem agir em conformidade com os desejos induzidos dessa forma são diariamente regalados com o deslumbrante espetáculo dos que podem fazê-lo”. p.55

construído por John Portman como sendo uma experiência brutal de desorientação, a vingança do espaço contra os que tentam andar nele, e conclui afirmando que essa mutação do espaço na pós-modernidade conseguiu ultrapassar a capacidade que tinha o corpo humano de se localizar, de mapear cognitivamente sua posição em um mundo exterior mapeável³³⁴.

Ora, em um espaço homogêneo, destituído de signos, o que se coloca em primeiro plano é a mudança radical das relações sociais. O que identifica os sujeitos, o que constrói laços neste espaço em erosão? De acordo com o que articulei anteriormente na relação de Lesson com o Crusoé de Tournier, o sujeito contemporâneo, tal qual o viajante no deserto, gozaria solitário³³⁵. Porém, haveria uma sorte de identificação nas relações pós-modernas que poderíamos chamar de “tribal”, uma identificação sobretudo visual, sem a passagem pelo campo do discurso do Outro, portanto monológica, e que corrobora a impotência da política como campo da discussão no sentido moderno. Sob este aspecto, o comentário de Jorge Áleman parece ser bastante elucidativo e vale a pena ser destacado:

“se cuenta (...) en la ciudad de Madrid que debe haber actualmente cuarenta y ocho tribus urbanas, en todas florecen las insignias, las marcas, los tatuajes, toda esa clínica, sabemos que donde está la marca y el tatuaje es que se ha roto precisamente la dialéctica del discurso, que la presencia del tatuaje, la presencia del sujeto que se entrega a la marca es el signo de que la dialéctica no está funcionando, de que se está tratando de establecer una relación entre el sujeto y el goce que no pasa, vamos a decir así, por el campo del discurso³³⁶.”

De fato, o caráter tribal das relações contemporâneas analisadas por Áleman, assinala, do seu modo, o aspecto “bárbaro” deste fim de século, se o pensamos como

³³³ Assinala Celeste Olalquiaga (*Megalopolis*.op.cit.) que “instead of establishing coordinates from a fixed reference point, contemporary architecture fills the referential crash with repetition, substituting for location an obsessive duplication of the same scenario”. Idem. p.2

³³⁴ *Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco, São Paulo, Ática, 1996. p.70

³³⁵ Jorge Áleman argumenta que no contexto contemporâneo não é possível romper a rede, tudo está conectado e esse estado do discurso capitalista, de reestabelecimento do sujeito com seu modo de gozo, construiu um novo autismo, como o do filho que escuta seu walkman. “El psicoanálisis en la encrucijada contemporánea” in. *Imágenes y semblantes* (Conferencias en la E.O.L. sección Córdoba).

³³⁶ Idem. p.68

contrário do civilizado, onde os laços sociais, discursivos, eram tidos como um *a priori*, ou melhor, estruturantes do sujeito. Já, Zygmunt Bauman³³⁷, estenderá o conceito de tribalismo pós-moderno ao equipará-lo, também, a uma volta da comunidade tradicional, pré-moderna, não mais preocupada com o referendo universal, mas, pelo contrário, pregando uma volta aos laços de sangue, às raízes e à nacionalidade, o que, em outros termos, aponta para uma nova heterofobia, daí os neo-fascismos e neo-nazismos propagados pelos *skin-heads*. Não obstante, tanto o tribalismo dos adolescentes quanto o dos neo-regionalismos reincidentem em uma problemática comum que, segundo Bauman, “nega aos outros o direito de comparar e avaliar³³⁸”. Trata-se, neste sentido, de um discurso monológico que “em vez de dar lugar a um discurso dialógico, cindir-se-á em uma série de solilóquios, com os falantes não mais insistindo em ser ouvidos, mas se recusando também a escutar³³⁹”. Em última análise, estas comunidades contemporâneas revelam, do seu modo, a impossibilidade da retomada ou continuação do projeto iluminista, da maneira que desejaria Habermas³⁴⁰.

Entretanto, talvez já seja perceptível esta sorte de comunidade pós-moderna, no sentido que rejeita o discurso dialógico, em uma ficção do pré-guerra cujos personagens podem ter sido tomados de empréstimo do relato de viagem de Lesson. Trata-se de *L'île des pingouins* de Anatole France (1908), que pretendo ler como uma alegoria do tribalismo do começo e fim do século e do fracasso do projeto da modernidade. Neste sentido, esta ficção, atravessada pelo relato de viagem, lançará mais luzes não só sobre a insularidade pós-moderna mas sobre o próprio texto de Lesson.

Depois de participar ao lado de Zola do *Affaire Dreyfus*, no *J'accuse*, o que de certa forma significa uma virada em sua carreira de parnasiano, Anatole France decepciona-se com a chegada ao poder dos “dreyfusistas” e com a inércia das massas, ou melhor, decepciona-se com o fato destas moverem-se de acordo com as marés. *A ilha dos pingüins* é, deste modo, um relato melancólico, embora permeado pela sátira. Nele, France desmistifica a própria idéia de revolução do povo e, vale dizer, da *Revolução* de 1789. Contudo, a sua crítica mais contundente é em relação à República cujo

³³⁷ “Arrivistas e párias” in. *O mal-estar na pós-modernidade*. Op.cit.

³³⁸ Idem. p.103

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ Cf. Habermas, Jürgen. “Modernidade: um projeto incompleto” in. *Punto de Vista*, nº21, agosto de 1984, Buenos Aires.

funcionamento não pode prescindir nem da domesticação e submissão das massas nem do oportunismo dos republicanos em saber, antes de qualquer engajamento, “d’où venait le vent³⁴¹”. Assim, após a liberação de Pyrot, ou seja, Dreyfus, o personagem Bidault-Coquille, uma alegoria do parnasiano Anatole France, exclama que, apesar da entrada de um socialista no governo que protegeria a classe operária “le gouvernement de la république demeure soumis au contrôle des grandes compagnies financières, l’armée consacrée exclusivement à la défense du capital, la flotte destinée uniquement à fournir des commandes aux métallurgistes. E, além disso, “les riches refusant de payer leur juste part des impôts, les pauvres, comme par le passé, payèrent pour eux³⁴²”.

O personagem Bidault-Coquille é um astrônomo, um solitário que vive a contemplar os céus, o próprio poeta parnasiano, e que, de uma hora para a outra, ao ver Colomban (Zola) pregando pela justiça a Pyrot, decide descer de sua torre para interferir na experiência cotidiana. France, portanto, sugere neste “descida”, nesta intervenção, a figura do intelectual³⁴³. Todavia, na resolução do *affaire*, no dia seguinte à conquista, vem a desilusão do astrônomo e a sua decisão voltairiana de “cultivar o seu jardim”. Porque, em primeiro lugar, para o personagem, “les pingouins ont perdu cette fierté cruelle et sanguinaire qui donnait autrefois à leurs révolutions une grandeur tragique: c’est le fatal effet de l’affaiblissement des croyances et des caractères” Deste modo, apesar de ter imaginado uma vez “établir d’un coup la justice en ton pays et dans l’univers”, fica-lhe é a seguinte lição: “maintenant que tu as perdu tes illusions, maintenant que tu sais qu’il est dur de redresser les torts et que c’est toujours à

³⁴¹ Suleiman, Susan Rubin. “Passion, Ficción: l’Affaire Dreyfus et le roman”, Trad. Héloïse Raccach-Neefs, in. *Littérature*, nº17, oct.1988, p.90-107. p.95. Ainda, segundo a autora, “l’ensemble du roman couvre un champ plus vaste puisqu’il se veut l’histoire de la Pingouinie (c’est à dire la France) depuis ses origines, quand ses habitants sont des oiseaux qu’un miracle transforme en humains, jusqu’aux ‘temps futures’, sombre vision des derniers jours du capitalisme qui s’achève par une vaste explosion dont les hommes sont responsables (A. France prophétise!) et qui renvoie le pays à l’âge de pierre. Ainsi, le roman peut se lire comme une amère satire allégorique (ou allégorie satirique) des temps modernes: un des effets de l’engagement d’Anatole France dans l’Affaire Dreyfus est qu’il fut orienté vers la politique socialiste et vers une critique socialiste du capitalisme”. p.94

³⁴² France, Anatole. *L’île des pingouins*. Paris, Pocket, 1995. p.270

³⁴³ Em seu *Legisladores e intérpretes* (Buenos Aires, Univ. Nacional de Quilmes, 1997), Zygmunt Bauman coloca que a palavra intelectual se aplicava a “romancistas, poetas, artistas, jornalistas que consideravam como responsabilidade moral intervir no sistema político mediante sua influência sobre as mentes da nação e sobre a configuração das ações de seus dirigentes políticos”. p.9

recommencer, tu retournes à tes astéroïdes. Tu as raison; mais retournes-y modestement, Bidault-Coquille³⁴⁴”.

Entretanto, se este é o ponto culminante do livro de France, o da constatação da decadência do Estado moderno e onde entra o autor como personagem, os outros momentos da história da República Pingüina não deixam de apontar para as relações tribais dos pingüins e para como as instituições modernas (Igreja, Nobreza, República) servem de legitimadoras dos defeitos deste povo. Em um passeio pela República recém instituída, Saint-Maël, personagem que batiza os pingüins e, logo, é o responsável pela sua fundação, dialoga com o monge Bulloch a respeito de uma mudança no comportamento dos habitantes do lugar. Diz ele ao monge observar com tristeza que os insulares, desde que se transformaram em homens, trabalham com menos prudência que antes: “lorsqu’ils étaient oiseaux, ils ne se querellaient que dans la saison des amours. Et maintenant ils se disputent en tous les temps”. Em resposta a Maël, diz o monge que os pingüins se destroçam por espírito de associação, para assegurar o futuro. Segundo ele, “l’homme est par essence prévoyant et sociable. Tel est son caractère. Il ne peut se concevoir sans une certaine appropriation des choses. Ces Pingouins que vous voyez, ô maître, s’approprient des terres³⁴⁵.” Assim, os nomes que dá o monge ao que Maël denomina roubo e assassinato serão “la guerre et la conquête, fondements sacrés des empires et sources de toutes les vertus humaines³⁴⁶”. E, seguindo seu preceitos, ao invés de, como Maël, condenar o pingüim que acabara de trucidar o outro por um pedaço de terra, Bulloch corre para dar os parabéns ao vencedor.

Como vemos, ao legitimar a retórica do monge Bulloch, o narrador ironicamente inverte a lógica da civilização, apontando para a barbárie que subjaz no discurso desta. A lógica moderna, portanto, não passa de um roubo e de um assassinato do mais fraco e, conseqüentemente, de uma apropriação dos seus bens, porém sustentada por uma narração: a idéia de projeto, de previsão do futuro de uma sociedade³⁴⁷. De

³⁴⁴ Idem. p.271.

³⁴⁵ Idem. p.79.

³⁴⁶ Idem. p.81

³⁴⁷ Seria interessante vincularmos a crítica da propriedade de France à sua leitura dos escritores anarquistas, dentre eles Élisée Réclus cujos textos eram divulgados na *Revue des Deux Mondes*. Em seu “Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes”(op.cit.) publicado, por sinal, na *Revue*, Réclus critica a apropriação dos subúrbios e dos sítios mais afastados dos centros por parte dos especuladores e capitalistas. Segundo ele, “non-seulement les détritres de toute espèce encombrant l’espace intermédiaire

acordo com o texto de France, os pingüins, ao ultrapassarem o instinto animal e serem introduzidos em uma ordem “humana”, ou melhor, na civilização, apesar de degradarem-se mais que os pássaros, construirão uma obra que será “consacrée à travers les siècles par les légistes, protégée et confirmée par les magistrats³⁴⁸” e que velará seu caráter “tribal” ou “pré-moderno”, embora, implicitamente, France veja este como o que movimenta as revoluções e câmbios da humanidade: o surgimento do Estado moderno, por exemplo.

A prova disso é que, de acordo com o texto, os pingüins são batizados graças a um erro, a um problema de visão do Santo Maël: “la reverberation des glaces polaires avait brûlé les yeux du veillard. Pourtant, une faible lumière se glissait encore entre ses paupières gonflées³⁴⁹”. Logo, a fundação da nação moderna é descrita, aqui, como uma construção arbitrária, o que desmistifica não só qualquer aspecto evolutivo mas qualquer identidade *a priori*, uma vez que quem batiza os pingüins, Saint-Maël, não os vê nem os ouve claramente, em outras palavras, não percebe nem os materiais visuais nem os sonoros da sua cultura: “[Maël] distingue des formes animées qui se pressaient en étages sur ces rochers comme une foule d’hommes sur les gradins d’un amphithéâtre. Et en même temps ses oreilles, assourdies par les longs bruits de la mer, entendirent faiblement des voix³⁵⁰”. Nesse caso, a identidade dos pingüins será dada *a posteriori*, com uma reunião no paraíso, entre Deus e seus legisladores, na qual se corrigirá o erro do Santo

compris entre les cités et les champs; mais, chose plus grave encore, la spéculation s’empare de tous les sites charmants du voisinage, elle les divise en lots rectangulaires, les enclôt de murailles uniformes, puis y construit par centaines et par milliers des maisonnettes prétentieuses. (...) Sur le bord de la mer, les falaises les plus pittoresques, les plages les plus charmantes sont aussi en maints endroits accaparées soit par des propriétaires jaloux, soit par des spéculateurs qui apprécient les beautés de la nature à la manière des changeurs évaluant un lingot d’or. Dans les régions de montagnes fréquemment visitées, la même rage d’appropriation s’empare des habitants: les paysages sont découpés en carrés et vendus au plus fort enchérisseur.” p.377. *N’A ilha dos pingüins*, o último capítulo é dedicado aos anarquistas bombistas que explodem Paris como forma de resistência à propriedade capitalista.

³⁴⁸ Idem. p.80.

³⁴⁹ Idem. p.50. Talvez não seja em vão vincularmos este “erro” à questão da degeneração da visão cartesiana no pensamento francês do século XX investigada por Martin Jay em *Downcast eyes* (op.cit.), mesmo reconhecendo a tradição realista à qual pertence Anatole France.

³⁵⁰ Idem. Em *Algaravia - discursos de nação* (Florianópolis, UFSC, 1998) Raúl Antelo assinala “a radical impossibilidade de tomar as idéias de nação e ficção como dados definidos *a priori* e livres de controvérsia”. Segundo ele, “a idéia de nacional não nos permite isolar objetos que, a rigor, possamos chamar de nacionais. Não há esses objetos. Existe o nacional como dimensão peculiar e semovente do mundo simbólico. É a oficialização do nacional que confunde, assim *nacional* e *natural* e, em última análise, *nacional* e *real* quando, na verdade, deveríamos entender que o nacional não pressupõe um dado espontâneo mas uma identidade socialmente construída.” p.11-12.

através da instituição da República Pingüina e da transformação dos pingüins em homens.

De fato, tenderemos a argumentar que toda identidade do povo pingüino, antes da instituição do seu Estado, se resume a meras marcas. Na descrição do narrador, percebemos a frase “uma multidão humana nas galerias de um anfiteatro” como uma marca dos pingüins, a saber, a de andar em grupos. Marca esta que será acrescida de outra, quando, ao se endereçar a seus interlocutores, Maël dirá: “- Habitants de cette île, (...), quoique vous soyez de petite taille, vous semblez moins une troupe de pêcheurs et de marinières que le sénat d’une sage république³⁵¹”.

Como podemos observar nestas passagens, tratam-se apenas de duas marcas, sortes de tatuagens ou sinais visuais que marcam os grupos de acordo com Aleman e que nos reenviam, justamente, ao que poderíamos denominar como uma negação do projeto moderno, iluminista, onde está abolida qualquer forma de diálogo. Ou seja, tanto na multidão aglomerada quanto na casta de políticos incompetentes que vão ao sabor do vento (os republicanos) a identidade moderna é trocada por insígnias: a da massa sentada nas tribunas com seus balbucios incompreensíveis e a dos senadores, homens pequenos de casaca cuja semelhança com os pingüins faz o personagem confundir-se.

Como tentarei demonstrar em seguida, a estas duas marcas ou insígnias do povo da República Pingüina serão dedicadas três páginas no relato de Lesson sobre as ilhas Malvinas, sortes de intertextos d’*A ilha dos pingüins* a partir de onde Anatole France elabora a sua teoria das massas e a sua auto-crítica da República³⁵².

Em uma das últimas linhas do seu texto, Lesson assinala sua posição em relação a esses pássaros nadadores que habitam as ilhas Malvinas. Ao comentar sobre a relativa riqueza da fauna do lugar e tentar elaborar um quadro desta, a conclusão do viajante é a de que “les longues files de manchots, immobiles et droites sur la ligne des eaux de la mer,

³⁵¹ Idem.

³⁵² Sob este prisma, o livro de France se diferencia de uma série de textos ficcionais que têm como base os relatos de viagem, porque, ao invés do relato servir para legitimar um estado de coisas que a ficção tenta reforçar, como as ficções fundacionais analisadas nos trabalhos de Flora Süssekind e Adolfo Prieto, respectivamente *O Brasil não é longe daqui* e *Los viajeros ingleses y la literatura argentina* (op.cit. cf. análise destes textos na **Introdução**), ele é apreendido no seu valor negativo, de desmascaramento da ordem estabelecida; muito embora Anatole France, apesar de crítico severo das instituições, deva ser visto como herdeiro do iluminismo, em outras palavras, um intelectual. A rigor, seu texto não é o que poderíamos chamar de pós-utópico, já que o que ele reivindica, no fundo, é a saída da crença cega no capital e a volta aos valores humanistas.

prêtent un effet bizarre à l'ensemble de ce tableau³⁵³". Em outras palavras, os "manchots" interferem na paisagem pura natureza, as suas instituições (longas filas), como a dos homens na alegoria de Anatole France, são imperfeitas. Estas aves, vistas por Lesson, comportam-se como os habitantes de uma república e, por isso, são desarmoniosos, ou melhor, são "manetas", outro significado da palavra francesa "manchot".

Segundo o narrador de France, no prólogo do texto, haveria *a priori* uma diferença entre "manchot" e "pingüim", sendo este das regiões árticas e aquele das antárticas. Porém, seguindo a tese de J.B. Charcot, estudioso da espécie, de que os verdadeiros e únicos pingüins são as aves do hemisfério austral, cujo nome receberam dos holandeses do cabo de Magalhães em 1598, ele concederá que os 'manchots' sejam chamados pingüins. Nesse sentido, para o narrador, "cela embarrassera peut-être les ornithologistes soucieux de décrire et de classer les palmipèdes; il se demanderont, sans doute, si vraiment un même nom convient à deux familles qui sont aux deux pôles l'une de l'autre et différent par plusieurs endroits" (...) mas, continua ele, je m'accommode fort bien de cette confusion". Porque, e finaliza, "ceux-ci comme ceux-là se font remarquer par un air grave et placide, une dignité comique, une familiarité confiante, une bonhomie narquoise, des façons à la fois gauches et solennes. Les uns et les autres sont pacifiques, abondants en discours, avides de spectacles, occupés des affaires publiques et, peut-être, un peu jaloux des supériorités³⁵⁴". Em última análise, segundo a descrição acima, o que serve tanto para uma quanto para outra espécie é a aptidão de ambas de servir com mansidão às instituições, apesar de comportar-se como uma massa que não respeita hierarquias, e que prefere a algaraviada dos espetáculos públicos aos colóquios harmoniosos e bem organizados.

Lesson, em seu turno, referindo-se ao seu objeto de descrição, dirá que o passáro do qual se ocupa chama-se "manchot à lunettes" (os lados da cabeça são tomados por dois círculos brancos em torno dos olhos), assegurando que "les marins lui donnèrent le nom de *pingouin* à cause de la ressemblance qu'il a avec les pingouins de

³⁵³ Idem. p.194.

³⁵⁴ Op.cit. p.27.

l'hémisphère boréal". Não obstante, o viajante afirmará que Francis Drake lhe dará o nome de pingüim, em 1577, por causa de sua pele oleosa³⁵⁵.

Contudo, o que nos parece mais interessante não é tanto a questão etimológica por trás de "manchot" ou "pingouin", mas a descrição do caráter mesmo dos passáros feita pelo viajante cuja correspondência com a tese irônica do narrador de Anatole France nos reenvia às marcas ou insígnias já detectadas no texto ficcional. Todavia, para explorarmos a relação destes textos devemos ir ao que antecede a entrada dos pingüins no texto de Lesson.

O que inaugura, no relato, a descrição alongada sobre os pingüins, é o desejo que tem Lesson de visitar lugares não tão monótonos e cansativos dentro das próprias ilhas Malvinas. Assim, o viajante decide que seria interessante ir a duas ilhas, à "île aux Loups-Marins" e à "île aux Pingouins", cujo nome é quase idêntico ao da ficção de France, salvo por causa da preposição "aux" no lugar de "des". Nestas ilhas, o estrangeiro poderia ver uma vegetação mais elevada, menos fátigante aos seus olhos europeus, uma sorte de gramínea que protege as focas na época da procriação e as cavernas inúmerveis dos pingüins "*qui y vivent en république*"³⁵⁶. Com efeito, Lesson assinala de saída o modo de vida comunitário, ou republicano, dos pingüins para em seguida julgar o caráter destes pássaros: "leur innombrables légions, stupides, pressées, inactives, couvrent les grèves, et forment de longues files de l'ensemble le plus bizarre"³⁵⁷.

Ora, poderíamos argumentar que neste julgamento ou ponto de vista do "vedor", constitui-se na narrativa, através da natureza bizarra, uma crítica em duas direções. Primeiramente, trata-se de uma crítica à paisagem mesma, árida, aos seus elementos que não satisfazem o olhar europeu pois são imprestáveis, daí a adoção de uma prática outra com relação à paisagem, vista no início deste capítulo. Em segundo lugar, a paisagem do outro proporciona um pensar "contra", uma autocrítica da nação do próprio viajante. Ao mesmo tempo que este percebe, nas Malvinas, a impossibilidade da

³⁵⁵ O dicionário *Nouveau Petit Robert* (Paris, Dictionnaires Le Robert, 1994) assinala a origem da palavra de um pouco mais tarde, 1598, proveniente do holandês. Ainda, segundo o dicionário, o significante pingüim é extensivo a toda família dos palmídeos, inclusive aos "manchots", do mesmo modo que "manchot" é extensivo a pingüim.

³⁵⁶ p.181. Meu itálico.

³⁵⁷ Idem.

implantação de algo que frutifique, uma colônia, pois só há ali pingüins, ou seja, criaturas que são “nada” para a lógica da produção, Lesson justapõe a imagem da massa desses pássaros bizarros à do povo francês, como se estivessem em filas, esperando atônitos o comando de algum líder populista, um Napoleão, um Robespierre, com o qual se lançariam até a morte pois, como nota o viajante, “la stupidité de ces oiseaux est telle, que les matelots en massacraient un grand nombre, sans que ceux qui se trouvaient à leur côtés parussent éprouver la moindre crainte. Leur défiance ne leur vint qu’après des scènes répétées de destruction³⁵⁸”. Como já mostrei, esta marca servil do povo pingüino fora ressaltada por Anatole France. A outra, a da alegoria do senado de uma república, é trazida à tona em uma passagem que nos remete à de Saint-Maël às voltas com o batismo de seus pingüins. Perceberemos no olhar do viajante, o mesmo olhar do santo, obnubilado pelo sol, e a mesma impressão de, através do grito do pingüins, ouvir-se vozes humanas:

“Le cri de ces oiseaux est un braiement analogue à celui de l’âne, tellement ressemblant surtout à l’instant où le soleil se couche, que l’illusion est complète. Souvent, durant les belles soirées d’été des Malouines, si rares au reste, au moment où le crépuscule s’épaississait sous l’horizon, tous les manchots poussaient ensemble des cris étouffés et continuels, de manière qu’à une certaine distance, on croyait entendre le mélange de voix et l’agitation sourde d’une masse de peuple assemblée pour une fête publique, et dont l’atmosphère porte au loin, dans le calme, les sons tumultueux et confus³⁵⁹”.

Nesta passagem, percebemos que a ilusão de Lesson é uma ilusão parecida com a do personagem de France; ela se dá, também, graças a um efeito do sol na retina, espécie de cegamento temporário que gera “impressões”, resultantes da mescla de uma memória que emerge, a da França, e de um olhar contemplativo, alegórico, na paisagem estrangeira. Ao comentar a alegoria da cidade moderna em Walter Benjamin, Susan Buck-Morss escreve que o modo alegórico permite ao filósofo alemão “transformar em visivelmente palpável a experiência de um mundo fragmentado”. Portanto, a natureza petrificada e os objetos decadentes proporcionam, segundo Buck-Morss, as imagens

³⁵⁸ Idem, p.183

³⁵⁹ p.183-184.

adequadas para a alegoria cuja função é captar a verdade em transitórias imagens materiais da história, em seus restos e fragmentos³⁶⁰. A partir daí, articulando a argumentação da autora com a nossa, poderíamos pensar que Lesson nas Malvinas, espaço sem projeto (pura efemeridade), através dos fragmentos, das ruínas, do som e das marcas, sinais visuais dos animais, intenta captar uma verdade que é exterior a estes elementos mas que só pode ser dita, deste modo, por eles. Nesse sentido, a imagem recebida pela sua retina deste “vago ritual social³⁶¹”, outro sorte de alegoria barroca, transforma-se, na escrita, na idéia da massa que participa de uma festa pública. Mais ainda, remete-nos a um evento político, um comício, no qual o povo espera pela palavra de seus líderes, em forma de assembléia, embora o que se escute sejam gritos, sons confusos, que têm mais a ver, em última instância, com uma sorte de tribalismo do que com discussões ou diálogos à maneira dos políticos legisladores iluministas. Aí, então, as duas marcas do povo pingüino que destacamos em Anatole France: de um lado a massa atordoada e eufórica e do outro, seus líderes, preocupados mais com os efeitos do que com o fato de legislar, ou seja, melhorar o sistema³⁶².

³⁶⁰ *A dialética do olhar*. Op.cit. p.36-37.

³⁶¹ Idem. p.36

³⁶² Em *Legisladores e intérpretes* (op.cit.), Bauman diferencia o intelectual moderno, o legislador, do pós-moderno, o intérprete, e o tipo de diálogo que cada um articula com a sociedade. A estratégia daquele, segundo o autor, consistiria em fazer afirmações de autoridade que arbitram em controvérsias de opiniões e escolher aquelas que, depois de selecionadas, passariam a ser corretas e vinculantes. No caso, a autoridade para arbitrar se legitima neste caso por um conhecimento superior (p.13). Se há uma hierarquia que dá poder ao intelectual moderno, uma centralidade, afastando-o das práticas ‘particularistas’, sobra ao pós-moderno, destruídas as hierarquias e com um número ilimitado de modelos de ordem, servir de tradutor dos enunciados da tradição própria de uma comunidade, de maneira que possam ser compreendidos no sistema de conhecimento baseado em outra tradição. Nesse sentido, a prática dos filósofos pós-modernos do tipo de Richard Rorty definida por Bauman de conversação civilizada ou por Miller ao falar sobre os grupos de ética (in. *L'autre qui n'existe pas et ses comités d'éthique*. op.cit.) de “bavardage”, não gera mais que efeitos ou performances. Se temos em mente que as vozes são respeitadas em sua particularidade, apenas são traduzidas, concluimos que elas jamais se mesclam, se hibridizam. Os diálogos, portanto, são na verdade monólogos, de onde saímos como entramos, turistas e não viajantes.

Seria válido, também, vincularmos esta última imagem do texto de Lesson às práticas políticas nas nações deste fim de século. Na sua leitura dos eventos políticos que tiveram lugar na últimas décadas na Argentina, um dos pontos latino-americanos de extração do capital multinacional e, portanto, sorte de Malvinas pós-moderna, Beatriz Sarlo percebe o povo argentino como que hipnotizado frente às performances promovidas por seus líderes. No seu ponto de vista, a guerra das Malvinas teria sido uma forma gratuita de resgate do nacionalismo destruído enquanto narração ou projeto, uma forma de revitalizar uma identidade nacional em baixa por causa da ditadura militar: “olvidando la dictadura y sus crímenes, una energía hipnótica se apoderó de una multitud que encontró en esa guerra la revanche simbólica a varios años de humillaciones”, escreve a autora em “La nación en el fin de siglo” in. *Instantáneas* (op.cit. p.7). Além da guerra, para Sarlo, o futebol seria também utilizado no lugar dos

Todavia, o que me parece mais peculiar nesta intertextualidade é o modo como um texto partidário da exploração capitalista, embora, em alguns momentos crítico desta, alimenta uma ficção que vem, ironicamente, pôr em crise o que é central para a lógica do capitalismo, a saber, a idéia de progresso³⁶³. Em última análise, *A ilha dos Pingüins*, demonstra como as leis da república, num determinado estágio, já não conseguem mais cumprir com as suas responsabilidades de sustentação não só de um Estado, mas de uma comunidade universal baseada no diálogo. Neste sentido é que arriscaríamos a dizer que o texto de France, atravessado pelo relato de viagem, sugere a pós-modernidade ou o fim da crença nos meta-relatos. E a sugere não apenas no sentido que aborda a comunicação entre os sujeitos, reduzida a símbolos visuais, a meras marcas: no seu final, *A ilha dos pingüins* faz uma referência também a um espaço desprovido de verticalidade, a uma sorte de deserto onde o que se vê, ao longe, são apenas cavalos selvagens. Esta passagem, talvez a tenhamos lido no relato de Lesson, quando ele fala dos cavalos trazidos e abandonados pelos espanhóis. Segundo o narrador de France,

“La civilisation abandonna ces contrées qu’elle avait longtemps préférées à toutes les autres. Elles devinrent stériles et malsaines; le territoire qui avait nourri tant de millions d’hommes ne fut plus qu’un désert. Sur la coline du Fort Saint-Michel, les chevaux sauvages paissaient l’herbe grasse³⁶⁴”

discursos da nação: a conquista da Copa do Mundo faria com que a população esquecesse os crimes cometidos pela ditadura militar, artifício utilizado no Brasil em 1970.

Cada um a seu modo, estes espetáculos ilustram as novas narrativas pós-modernas e antecipam a entrada de um outro componente que será preponderante para a manutenção desta política sem discurso, espetacular e performática: a televisão, ou de modo mais abrangente, a mídia eletrônica. Estas instâncias funcionam para as políticas atuais como o esporte e a guerra, e muitas vezes em conluio com esses. Para Sarlo, “todo es televisión”, nome da terceira seção de *Instantáneas*; a televisão, escreve, “es una de las filosofías del sentido común contemporáneo (“Las ideas caen del cielo”, p.114)”. Mais que isto, poderíamos argumentar que a televisão assume o lugar do legislador, barra a hierarquia de um que escuta e outro que fala, criando uma só voz, ou, de acordo com Bauman, um solilóquio, onde não há diferença e, portanto, o diálogo no sentido iluminista. Sobre isto, a seguinte passagem de Sarlo é elucidatória: “El gran sacerdote electrónico habla frente a su pueblo y ambos, sacerdote y pueblo, se influyen: la televisión escucha los deseos de su público y responde a ellos; el público descubre que sus deseos son bastante parecidos a los que le propone la television. En un acuerdo de partes, las ideas circulan como evidencias que no necesitan demostrarse. El mundo audiovisual ha reemplazado eficazmente a otras autoridades más tradicionales”. (Idem.)

³⁶³ Poderíamos destacar dois momentos “críticos” do relato. O primeiro é quando o viajante, pego por um dilúvio e sem ter onde se proteger, critica o comprador dos seus produtos (animais empalhados e pedras); o professor ou sábio que estaria sentado em um sofá, aquecido, à espera deles para dar as suas aulas (ver páginas iniciais). O segundo, que acabei de trilhar, refere-se aos pingüins, à sua aparência “bizarra” e, do mesmo modo, à sua semelhança com os humanos no momento do ocaso.

³⁶⁴ Op.cit. p.347.

A citação acima nos mostra o mesmo fim para ambas as tentativas de implantação de uma ordem: tanto o forte de Bougainville, no microcosmo da metrópole, quanto o da cidade Ocidental em plena ebulição terminam em ruínas, rodeados apenas por cavalos selvagens. Portanto, um mesmo mapa despedaçado, dois desertos em um só: as ilhas Malvinas e seus pingüins e as cidades contemporâneas e seus habitantes. Deserto sobre deserto, restos sobre restos, ilhas áridas sobre ilhas pós-modernas, resultado de uma alegoria construída pela leitura crítica a partir de imagens colhidas em um único movimento: “un regarde fixe et animalement extatique”, para retomar a expressão de Bucci-Gluckmann a respeito do olhar alegórico de Baudelaire³⁶⁵, depositado sobre os restos da cultura.

³⁶⁵ L'oeil cartographique de l'art (op.cit.).

4. BIBLIOGRAFIA

- ÁLEMAN, Jorge. *Imágenes y semblantes*. Conferencias en la E.O.L. (Sección Córdoba).
- ANTELO, Raúl "Liminar" in. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, vol.4, Florianópolis, 1998.
- _____. *Algaravia - discursos de nação*. Florianópolis, UFSC, 1998.
- ANTOINE, Jean-Philippe. "Les pas de la mémoire" in. *Critique*, tome LIV, nº613-614, juin-juillet, 1998).
- BALDENSBERGER, Fernand. "A palavra e a coisa" in. *Literatura Comparada - textos fundadores*. in. *Literatura Comparada - textos fundadores*. Org. Eduardo F. Coutinho, Tania Franco Carvalhal, Trad. Ignácio Antônio Neis, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- BARTHES, Roland. "Da obra ao texto" in *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- _____. *A Câmara clara*. Trad. Júlio Castañon Guimarães, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Sade, Fourier, Loyola*. Paris, Seuil (Point), 1971.
- BATAILLE, Georges. *Manet* in. *Ouvres Complètes*. Paris, Gallimard, 1979.
- BAUDELAIRE, Charles. *Baudelaire – Ouvres Complètes*. Paris, Gallimard, 1961.
- _____. *Sobre a modernidade*. Org. Teixeira Coelho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *América*. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade* (Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998
- _____. *Legisladores e intérpretes*. Buenos Aires, Univ. Nacional de Quilmes, 1997
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BENNINGTON, Geoffrey. "Postal politics and the institution of the nation" in. *Nation and Narration*. Org. Homi Bhabha. Nova Iorque, Routledge, 1995.

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves da Silva, São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- _____. *Matière et mémoire - essai sur la relation du corps à l'esprit*, Félix Alcan, Paris, 1934. p.166
- BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris, Gallimard (Collection Idées), 1971.
- BOAVENTURA LEITE, Ilka. *A antropologia da viagem – escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX*, Belo Horizonte, UFMG, 1996.
- BOURGET, Paul. *Essais de psychologie contemporaine- études littéraires*. Paris, Gallimard (Tel), 1993.
- BUCI-GLUCKMANN, Christine. *La raison baroque – de Baudelaire à Benjamin*. Paris, Galilée, 1984.
- _____. *L'oeil cartographique de l'art*. Paris, Galilée, 1997.
- BUCK-MORSS, Susan. "The city as a dreamworld and catastrophe" in. *October*, n.73, Summer 1995, p.3-26.
- _____. *La dialéctica de la mirada - Walter Benjamin y el proyecto de las pasajes*. Trad. Nora Rabotnikof, Madrid, Visor, 1995.
- CAILLOIS, Roger. "Patagonie" in. *Rio de la Plata - culturas, Roger Caillois - Julio Cortázar*, Revista do Centro de Estudos de Literaturas e Civilizações do Rio da Prata (CELCIRP), nº13-14, Paris, 1992.
- _____. *L'homme et le sacré*. Paris, Gallimard (Folio), 1989.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes do fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Vozes, 1994.
- CLIFFORD, James. *The predicament of culture*. Cambridge, Harvard University, 1994.
- CRUZ E SOUSA, João da. *Cruz e Sousa - Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957.
- DELEUZE, Gilles. "Une théorie d'autrui (autrui, Robinson et le pervers)" in. *Critique (Critique 50 ans - 1946-1996)*, n.591-592, août-septembre, 1996. p.676-697.
- DERRIDA, Jacques. *La dissémination*. Paris, Seuil, 1972

- FOUCAULT, Michel. "Des espaces autres" in. *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 1994.
- _____. *Surveiller et punir*. Paris, Gallimard, 1975.
- _____. *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard, 1996.
- FOURIER, Charles. *El nuevo mundo industrial y societario*. Pról. Michel Butor, Trad. Aurelio Garzon del Camino, México, D.F., Fondo de Cultura Económica, 1989.
- FRANCE, Anatole. *L'île des pingouins*. Paris, Pocket, 1995.
- FREUD, Sigmund. "Luto e melancolia". *Sigmund Freud - Obras Completas - vol. VI*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- _____. "O estranho" in. *Obras completas de Sigmund Freud - vol XVII*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- _____. "Estar amando e hipnose" in. *Obras completas de Sigmund Freud - vol XVIII*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- _____. "O esquecimento de palavras estrangeiras" e "esquecimento de nomes e seqüência de palavras" in. *Obras completas de Sigmund Freud - vol. VI*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Trad. de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993.
- GORELIK, Adrián. "Buenos Aires en la encrucijada: modernización y política urbana" in. *Punto de Vista*, nº59, dic. 1997, Buenos Aires.
- GUILLÉN, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso*. Barcelona, Crítica, 1985.
- HABERMAS, Jürgen. "Modernidade: um projeto incompleto" in. *Punto de Vista*, nº21, ag. de 1984. Buenos Aires.
- HAMERTON, P. G. "The Salon of 1863", *Fine Arts Quarterly Review*, out.1863.
- JAGUARIBE, Beatriz. *Fins do século - cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco, São Paulo, Ática, 1996.
- JAY, Martin. *Downcast eyes - the denigration of vision in twentieth-century french thought*. Los Angeles, University of California, 1994.

- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Trad. Afonso Bertagnoli, São Paulo, Edições e Publicações Brasil, 3ª edição.
- KRISTEVA, Julia. *Recherches pour une sémanalyse (extraits)*. Paris, Seuil, 1969.
- MICHELET, Jules. *La mer*. ed. estabelecida por Jean Borie, Paris, Gallimard (Folio), 1983.
- LACAN, Jacques. “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je - telle qu’elle nous est révélée dans l’expérience psychanalytique” in. *Écrits*. Paris, Seuil (Point), 1994.
- _____. “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. In. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. p.689.
- _____. *O Seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M.D. Magno, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- _____. *O Seminário - livro 20 mais, ainda*. Trad. M.D. Magno, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985
- _____. *O seminário - Livro 7, a ética da psicanálise*. Trad. Antônio Quinet, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.
- LECLERCQ, Gerard. *Antropologia e colonialismo*. Trad. Jesús Martinez de Velasco, Madrid, Comunicación Serie B, 1973.
- LESSON, René P. *Voyage autour du monde*. Paris, P. Pourrat Frères, 1838.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. Trad. Tania Jatobá, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. Trad. Tereza Coelho, Lisboa, Dom Quixote, 1987.
- MANET, Édouard. *Lettres du siège de Paris – précédées des lettres du voyage à Rio de Janeiro*. Paris, Éditions de l’Amateur, 1996.
- MAY, Georges. *La autobiografia*. Trad. Danubio Torres Fierro, México, Fondo de Cultura Economica, 1982.
- MILLER, Jacques-Alain “L’Autre qui n’existe pas et ses comités d’éthique”, curso ministrado juntamente com Éric Laurent entre 1996 e 1997 (mimeo).
- _____. “Extimidad” in. *El analiticón*. Barcelona, Correo/Paradiso, 1987

- _____. "La ética en psicoanálisis" in. *Lógica de la vida amorosa*. Buenos, Manantial, 1991.
- _____. *Los signos del goce*. Trad. Graciela Brodski, Buenos Aires, Paidós, 1998.
- MONTALDO, Graciela. "Espacio y nación" in. *Estudios - Revista de investigaciones literarias*. Caracas, Universidade Simón Bolívar, nº5, enero-junio, 1995. p.5-17
- NORDAU, Max. *Degeneration*. Trad. sem menção, Lincoln, University of Nebraska, 1993.
- O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. Trad. Ana Maria Martinez Corrêa, Manoel Lelo Belloto, Assis, Unesp, 1992.
- OLALQUIAGA, Celeste. *Megalopolis - contemporary cultural sensibilities*. Minneapolis, University of Minnesota, 1992.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes - travel, writing and transculturation*. New York, Routledge, 1997
- PRIETO, Adolfo. *Los viajeros ingleses y la literatura argentina - 1820-1850*. Buenos Aires, Sudamericana, 1996.
- RÉCLUS, Élisée. *La vida en la tierra*. Trad. Roberto Robert, Valencia, F. Sempere y compañía, s/d.
- REWALD, John. *História do Impressionismo*. Trad. Jefferson Luís Camargo, São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- SARLO, Beatriz. *Instantáneas - medios, ciudad y costumbres en el fin de siglo*. Buenos Aires, Ariel, 1996.
- _____. *Paisagens imaginárias*. Trad. Rubia Prates Goldoni, Sérgio Molina, São Paulo, Edusp, 1997.
- _____. *Una modernidad periférica - Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1988.
- SOLER, Colette. "Pérdida y culpa en la melancolía" in. *Estudios sobre la psicosis*. Buenos Aires, Manantial, 1989.
- STAROBINSKI, Jean. *La mélancolie au miroir - trois lectures de Baudelaire*. Paris, Julliard, 1989.
- SULEIMAN, Susan Rubin. "Passion, Ficción: l'Affaire Dreyfus et le roman", trad. Héloïse Raccah-Neefs, in. *Littérature*, nº17, oct.1988.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui - o narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

TEXTE, Joseph. "Os estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França" in. *Literatura Comparada - textos fundadores*. Org. Eduardo F. Coutinho, Tania Franco Carvalhal, Trad. Maria Luiza Berwanger da Silva, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

THIAGO, Raquel S. *Fourier: utopia e esperança na Península do Saí*. Blumenau, FURB, 1995.

TOURNIER, Michel. *Vendredi ou les limbes du pacifique*. Paris, Gallimard (Folio), 1988.

ULMER, Gregory L. *Applied grammatology - post(e) - pedagogy from Jacques Derrida to Joseph Beuys*. Maryland, John Hopkins University, 1985.

Utopismo socialista (1830-1893). Prólogo, seleção, notas e cronologia Carlos M. Rama. Biblioteca Ayacucho, Venezuela, 1987

VERNE, Jules. *A ilha errante*, Segunda parte de *O país das peles*. Trad. Mariano Cyrillo de Carvalho, Lisboa, Bertrand, 5ªed.

WILLIAMS, Raymond. *La política del modernismo - contra los nuevos conformistas*. Comp. e introdução Tony Pinkney, Trad. Horácio Pons, Buenos Aires, Manantial, 1997.

WING, Nathaniel. "Exil et aliénation" in. *De la littérature française*. Org. Dennis Hollier, Paris, Bordas, 1997.

Textos da Revue des Deux Mondes

BAUDELAIRE, Charles. "Les Fleurs du Mal". Paris, XXV^{ème} année, seconde série de la nouvelle période, 1855. p.1079-1093.

BRUNÉTIÈRE, Ferdinand. "Le roman réaliste en 1875". Paris, XLV^{ème} anée, 3^{ème} période, VXXX^{ème} vol., 1^{er} avril 1875. p.700-713.

_____. "Le pessimisme dans le roman". Paris, LX^{ème} année, 3^{ème} période, LXX^{ème} vol., 15 juillet 1885, p.214-225.

_____. "Les origines du roman naturaliste". Paris, LI^{ème} année, 3^{ème} période, XV^{ème} vol., 15 septembre, 1881, p.438-450.

_____. "Théâtre complet de M. Auguste Vacquerie". Paris, XLIX^{ème} année, 3^{ème} période, 34^{ème} vol., 15 juillet, 1879, p.452-463.

- _____. "La banqueroute du naturalisme". Paris, LVII^{ème} année, 3^{ème} période, LXXX^{ème} vol., 1^{er} septembre, 1887, p.213-224.
- FERRARI. "Des idées et de l'école de Fourier depuis 1830". Paris, XIV^{ème} année, nouvelle série, Tome XI^{ème}, 1845. p.390-434.
- FOUQUÉ, Ferdinand-André. "Voyages géologiques aux Açores - Graciosa, Pico et Fayal". Paris, XLIII^{ème} année, 2^{ème} période, Tome CIV^{ème}, 1^{er} février, 1873. p.617-644.
- _____. "Voyages géologiques aux Açores - L'île de Terceira". Paris, XLIII^{ème} année, 2^{ème} période, Tome CII^{ème}, 1^{er} janvier, 1873. p.40-65.
- _____. "Voyages géologiques aux Açores - Les cultures de San-Miguel, Le Monde Organique aux Açores". Paris, XLIII^{ème} année, 2^{ème} période, Tome CIV^{ème}, 1^{er} mars, 1873. p.829-863.
- GRAVIÈRE, Jurien de la. "Souvenirs d'un amiral - La marine de la Restauration. - Une expédition anglo-française après 1815". Paris, XXX^{ème} année, 2^{ème} période, tome 25^{ème}, 15 janvier, 1860. p.337-364.
- _____. "Souvenirs d'un amiral - La marine de la Restauration. - Une campagne dans la mer du sud". Paris, XXX^{ème} année, 2^{ème} période, Tome 25^{ème}, 1^{er} février, 1860. p.636-663.
- _____. "Souvenirs d'un amiral - La marine de la Restauration - Les dernières années de la vie d'un marin" in. *Revue des Deux Mondes*, XXX^{ème} année, 2^{ème} période. Tome 26^{ème}, Paris, 1860. 562-602.
- HAZARD, Paul. "Dans la lumière de Rio - juillet-septembre 1926". Paris, 38^{ème} vol., 1^{er} juillet, 1927. p.92-149.
- LESSON, René P. "Rêlache aux îles Malouines". Paris, vol I-II, 1831.
- MAZADE, Charles. "Le fondateur de la *Revue des Deux Mondes* - François Buloz". Paris, XLVII^{ème} anée, 3^{ème} période, 21^{ème} vol., 1^{er} juin, 1877. p.481-512
- MICHELET, Jules. "La conquête de la mer". Paris, XXX^{ème} année, 2^{ème} période. Tome 31^{ème}, 1861. p.91-117.
- RÉCLUS, Élisée. "Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes". Paris, XXXVI^{ème} année, Seconde période, Tome LXIII^{ème}, 1866. p.352-381
- REYBAUD, Louis. "Des idées et des sectes communistes". Paris, quatrième série, Tome trente-unième, 1842. p.5-47

_____. "Socialistes modernes - Fourier (II)". Paris, quatrième série, Tome douzième, 1837. p.455-487.